



Nas mãos do
BILIONÁRIO

TRILOGIA ACOMPANHANTE DE LUXO - LIVRO DOIS

ANNE MILLER



Nas mãos do **BILIONÁRIO**

TRILOGIA ACOMPANHANTE DE LUXO - LIVRO DOIS

AN



ER

LIGA LITERÁRIA

Copyright ©2018 by Anne Miller

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, total ou parcial, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.160/98)

Capa: Anne Miller

Edição digital: Abril de 2018.

Índice

Prólogo

Capítulo 01 — Incertezas

Capítulo 02 — Calor

Capítulo 03 — Expediente

Capítulo 04 — Molhada

Capítulo 05 — Café da Manhã

Capítulo 06 — Marido

Capítulo 07 — Casa de Jogos

Capítulo 08 — Band-Aid's

Capítulo 09 — Mudanças

Capítulo 10 — Chamado Inesperado

Capítulo 11 — Cat's Club

Capítulo 12 — Depois da Festa

Capítulo 13 — Ressaca

Capítulo 14 — Enigma

Capítulo 15 — Questionamentos

Capítulo 16 — Estrada

Capítulo 17 — Pôr-do-Sol

Capítulo 18 — Confissões

Capítulo 19 — De Volta Ao Motel

Capítulo 20 — Apaixonada Pelo Bilionário

Capítulo 21 — Demitida

Capítulo 22 — Frio

Capítulo 23 — Certezas

Epílogo

Conheça os Meus Outros Trabalhos

Anne Miller

Prólogo

Cinco anos antes.

Os seus olhos se abriram lentamente, de uma maneira totalmente hesitante, como se bem lá no fundo — mesmo que de forma inconsciente — ele não quisesse despertar, acordando para os problemas que o esperavam na dura e cruel realidade.

No fim das contas — mesmo com todas as resistências —, a claridade do quarto o acordou.

Ele se virou para o lado, sentando-se na beirada da cama e, por um pequeno instante, quase se esqueceu de onde estava, de que dia era e, principalmente, do que o esperava fora daquele quarto.

Por mais que Erick não quisesse olhar, os seus olhos o traíram, voltando-se na direção da garota deitada a menos de vinte centímetros do seu corpo. O cabelo castanho escuro estava jogado sobre o seu rosto angelical. A menina parecia tão serena enquanto dormia e isso fez com que ele quisesse continuar ali, deitado naquela cama junto com ela, ignorando todos os problemas — incluindo o casamento indesejado.

Diferentemente do que costumava acontecer quando ele acordava em uma cama de motel ao lado de uma mulher qualquer, Erick se lembrava daquela.

Mais do que isso, ele queria se lembrar.

Lembrava-se do momento exato em que a abordara na rua — do quanto ela havia chamado sua atenção, mesmo à distância —, lembrava-se da conversa que haviam tido na noite anterior e da estranha forma como ele se sentiu à vontade ao lado dela.

Marinho também se lembrava das coisas que a garota acabou dividindo com ele, lembrava-se de toda a história envolvendo o padrasto abusivo e a mãe babaca, que não se importava com a filha.

Na noite anterior, quando ouviu essas palavras tão pesadas deixando a boca da jovem, ele notou o quanto os seus problemas eram pequenos se comparados aos dela, notou o quanto era fútil e mal-agradecido.

“O que é um simples casamento perto de tudo isso?”.

“Absolutamente nada”, ele concluiu.

“*Patético! É exatamente isso o que eu sou*” debochou o jovem, martirizando-se por ser tão mimado e preso dentro daquele seu mundinho perfeito — uma linda bolha de sabão que estava prestes a estourar.

Erick Marinho nunca havia sido o tipo de cara que se importava com problemas alheios. A expressão “*se importar*”, definitivamente, não fazia parte de seu vocabulário descolado. Ele preferia gastar o seu tempo — e dinheiro — fazendo coisas mais divertidas.

Mas com ela era diferente, ele realmente se importou com aquela história.

Erick se importou com a garota.

O playboyzinho, pela primeira vez, queria ajudar outra pessoa, envolvendo-se em problemas que não eram seus. Lá estava ele, sentado naquela cama, optando exatamente pelo tipo de coisa que sempre considerou estúpido.

Mesmo sabendo que se arrependeria mais tarde, Erick acabou fazendo a única coisa que um jovem como ele poderia fazer para ajudar alguém como a garota deitada ao seu lado.

Ele abriu a carteira e tirou algumas notas azuladas.

Após encarar a quantia que tinha separado, notou que aquilo não seria o suficiente — não se realmente quisesse ajudá-la. Então, ele tornou a abrir a carteira e tirou tudo o que tinha ali dentro, cada uma das notas de cem que reservara para a sua “*despedida de solteiro*”.

E mesmo se sentindo um grande idiota — bem mais do que já era —, ele colocou todo o dinheiro que possuía dentro de um envelope — o mesmo envelope com a grana que ganhou de seu pai como “*presente de casamento*” — e o deixou em cima da mesinha de canto.

Depois de olhar mais uma vez para a jovem deitada sobre a cama, Erick sabia que faltava mais alguma coisa, que apenas aquelas notas não seriam o suficiente. Ele não poderia deixá-la ali sem dizer nada, como se ela fosse uma garota qualquer, alguém que ele havia usado e estava descartando.

Ele precisava de um bilhete.

Com isso em mente, pegou a caneta no bolso interno de seu paletó e começou a procurar por um pedaço de papel. Ele poderia simplesmente escrever em cima do lugar em que guardava o dinheiro, mas, naquele instante — por mais óbvio que fosse —, ele não pensou nisso.

Erick foi até o banheiro, pegou um pedaço de papel higiênico e começou a escrever. Ele só não desistiu do bilhete porque achou que a ideia de escrever ali

era bem engraçada.

“Tive que sair bem cedo. É a porcaria do dia do meu casamento, então me deseje sorte. Foi bom te conhecer; adorei a nossa conversa. E eu ainda acho que deveria procurar a polícia pra prender aquele desgraçado do teu padrasto, junto com a babaca da tua mãe.

Eu não sei explicar e você vai me achar um idiota, mas eu realmente gostei de você. É estranho e, ao mesmo tempo, algo bom e desconhecido. Sei que vou me casar e que talvez as coisas mudem, mas eu gostaria de te ver novamente e fazer mais do que apenas conversar. O meu número é esse aqui (XX) XXXXX-XXXX.

Eu vou esperar a sua ligação.

Erick Marinho”.

Depois de escrever, ele releu o bilhete e quando chegou ao segundo parágrafo, torceu o nariz para as palavras que usou. Era sentimental demais para um cara como ele. Por medo, vergonha e outras coisas das quais ele não estava preparado para admitir, Erick rasgou o papel, deixando registrado apenas a primeira parte. Omitiu até mesmo o seu nome da folha.

O moreno guardou o resto daquele papel no bolso de sua calça social e, após terminar de se arrumar, caminhou em direção à porta. Mas antes que ele pudesse cruzá-la, os seus olhos verde-esmeralda o traíram uma vez mais, rumaram na direção da garota que, sobre a cama, permanecia daquela mesma forma serena.

Ela era tão linda a ponto de fazer que Erick se sentisse o homem mais idiota do mundo por tê-la dispensado na noite anterior, quando ela avançou em sua direção para fornecer o “*serviço que ele estava contratando*”.

Não demorou muito para que todos os seus problemas tornassem a pairar por sua mente. Quando isso aconteceu, foi a imagem de Victória — a noiva — que surgiu. No final daquele mesmo dia, ele estaria casado com uma pessoa que não amava. A sua vida seria completamente diferente, ele podia sentir isso de forma tão clara quanto o frio que invadia o seu estômago.

E a pior parte foi olhar para trás e ver aquela jovem deitada sobre a cama.

Naquele instante, ela não era apenas a menina que ele encontrou vagando pela avenida. Ela era todas as coisas que Erick teria que deixar para trás ao dizer o “*eu aceito*” na presença do padre. Ela era a sua liberdade, a coisa que ele mais estimava no mundo.

E, ainda sim, Erick Marinho deixou aquele quarto, abandonando-a lá e

dando início a uma vida que ele sabia que não queria viver.

Capítulo 01 — Incertezas

— Ele sugeriu mesmo *fisting*? — indagou Rick, não deixando de gargalhar com o meu relato sobre a tarde no escritório de Marinho. O meu amigo colocou um pouco de leite dentro da xícara dele e tornou a me encarar. — Foi algo como: “*ei, o que você acha da gente fazer um negocinho diferente?*” ou ele falou de forma mais direta, tipo “*eu quero enfiar a minha mão na sua boceta?*”

Revirei os meus olhos com Henrique tentando imitar a voz de Erick.

— Foi ainda pior, ele simplesmente disse “*fisting?*”, como se fosse uma coisa supernormal, algo que todo casal pratica de vez em quando — respondi, lembrando-me do momento em que estávamos sentados, frente a frente, discutindo quais práticas sexuais seriam adotadas em nosso acordo. — Foi completamente bizarro.

A parte que mais me deixou constrangida — eu, uma mulher que dificilmente se constrangia com algo — foi quando ele disse, de forma bem convencida, “*você será uma ótima submissa*”.

Isso, por algum motivo que eu desconhecia, mexeu comigo e não deixou a minha mente desde então.

Henrique se levantou da mesa e foi para a sala. Esse deslocamento do meu amigo me trouxe de volta daqueles pensamentos que já estavam me perturbando.

— Mas e agora, como é que ficam as coisas entre vocês dois? — questionou o loiro, jogando-se em cima do meu sofá.

A parte mais estranha não foi assisti-lo levar comida até o meu sofá e não gritar, expulsando-o de lá como um cão raivoso. Aquela pergunta tomou mais a minha atenção do que o risco de ele derramar a caneca com o leite em cima do móvel que eu tanto amava.

Talvez tudo isso se devesse ao fato de que eu não tinha uma resposta e de que somente naquele momento — quando ele fez aquela pergunta de forma espontânea e despretensiosa — eu percebi isso, do quanto estava no escuro em relação a Erick Marinho.

— Eu acho que fico aqui em casa e... sei lá, espero até ele precisar de mim — respondi sem muita certeza de como funcionaria aquele nosso acordo. Caminhei até o sofá e me sentei ao lado de Rick. — Só espero que esse lance de exclusividade não acabe se tornando uma chatice sem fim.

O meu amigo balançou a cabeça rindo e quase se engasgou com o leite, o que fez com que eu o encarasse, sem entender o motivo de toda aquela graça.

— Amiga... Pelo pouco que eu sei e pelo muito que você me contou, esse lance com ele será tudo, menos chato e previsível — argumentou ele antes de tornar a levar a caneca até os lábios. — O cara não te perguntou se podia meter a mão inteira dentro da sua pomba? Então... As coisas com ele serão, no mínimo, bem intensas.

Baseado em tudo o que eu sabia sobre Marinho, Henrique estava certo naquilo que me dizia. As coisas com o executivo não costumavam ser chatas ou previsíveis — era exatamente o oposto. Ele sempre encontrava um jeito de me irritar ou de me surpreender — isso quando não fazia as duas coisas ao mesmo tempo —, era uma montanha russa de emoções. E não seria diferente agora que eu era, teoricamente, uma propriedade dele — pelo menos nesse período de um ano.

A coisa que mais me incomodava era que, desde que iniciei no “mercado” — que era, basicamente, a prostituição —, sempre tive autonomia completa sobre a minha vida. Continuei mantendo isso até mesmo depois de conhecer Márcia e receber as suas várias propostas. Eu não entrei em sua agência de “modelos” — uma espécie de bordel chique —, prossegui com a minha carreira “solo” e dessa forma sempre conseguia planejar, enxergar as coisas lá na frente e me preparar para o que poderia me atingir. Mas agora, tudo o que eu conseguia ver era incerteza e não estava gostando nem um pouco dessa sensação.

Quando ouvimos o barulho da porta se abrindo, nós dois nos entreolhamos e não foi preciso uma só palavra.

O recado já havia sido dado.

Em frente à Caroline, nós não falávamos de Marinho e nem de nada que fosse relacionado ao trabalho — tanto do meu quanto o de Rick. Por mais que a minha irmã soubesse do meu acordo com Erick — e de que eu o havia feito para poder trazê-la para o meu apartamento, sem que vários clientes batessem à minha porta ou invadissem a nossa privacidade, como costumavam fazer —, defini que passaria a evitar isso, de que ela não precisava saber de mais nenhum detalhe, fosse sórdido ou não.

— Mas já? — perguntei a ela, voltando o meu olhar em direção à porta. — Eu pensei que ficaria mais um pouco na casa do Wesley.

Ela sorriu sem graça e se aproximou de nós dois, acomodando-se no sofá também.

Só de vê-la de relance, eu soube que algo estava errado.

— Nós tivemos uma discussão e não tinha mais clima pra continuar lá — explicou Carol, deixando-me em dúvida sobre o que eu deveria dizer para consolá-la.

Caroline se referia ao seu atual namorado. Eu ainda não o conhecia, mas, pelo pouco que ela havia me contado, ele era um desses típicos namorados da adolescência que só prestavam para nos fazer sofrer — e em uma fase da vida onde tudo aparentava ser definitivo.

Nessa fase da minha vida, eu não tive muita proximidade com a minha mãe, nós nunca fomos de falar sobre garotos e todas essas coisas que envolvia esse mundinho adolescente. Dessa forma, eu não tinha muita experiência com nada disso, não sabia explicar ou consolar alguém na situação da minha irmã.

— Fica tranquila, queridinha... Daqui uns cinquenta minutos, o safado vai te ligar e se desculpar por agir como um babaca — comentou Rick enquanto a minha irmã ainda contava sobre o motivo da briga. — Homens são todos assim, precisam achar que perderam para dar um pouquinho mais de valor.

Limitei-me a balançar a minha cabeça, concordando com o que o homem ao meu lado dizia, mesmo sem saber se ele estava mesmo certo.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, tentando participar daquilo e não cometer os mesmos erros que a minha mãe havia cometido comigo, o meu celular começou a tocar.

Naquele instante, os olhos dos dois se voltaram em minha direção e, mais uma vez, não precisou de uma única palavra para que o recado fosse dado.

Erick Marinho precisava de mim.

Capítulo 02 — Calor

Erick deixou claro que mandaria alguém para me pegar em exatamente cinquenta minutos.

Disse de forma bem irritante um “*se você se atrasar, eu serei obrigado a descontar do seu salário*”, como se fosse mesmo o meu chefe ou algo parecido com isso. No entanto, por mais irritante que ele soasse com toda aquela autoridade, eu não conseguia deixar de achá-lo bem sexy.

Dessa forma, eu usei esse pouco tempo que me restava para me arrumar e dar início ao meu “*expediente no trabalho*”.

Corri em direção ao meu quarto, peguei as roupas que usaria e rumei para o banheiro. Depois de jogar tudo no chão, eu fui para o chuveiro, inconformada por ser obrigada a ter um banho rápido.

Adorava ficar muito tempo debaixo do chuveiro, pensando na minha vida, enquanto a água quente caía sobre as minhas costas. Ambientalistas certamente desaprovavam essa minha mania — que desperdiçava muita água do mundo, diga-se de passagem —, mas eu não conseguia abandoná-la.

Sem poder fazer isso, o meu banho não demorou mais do que alguns poucos minutos, o que me deu mais tempo para me trocar, vestindo algo bacana, que não desse a impressão de ser a primeira coisa que peguei em meu guarda-roupa.

Depois de me preparar, eu me despedi de Caroline e Rick, deixando-os na sala conversando e saí do apartamento, indo encontrar o motorista de Marinho, que já devia estar me esperando na portaria.

O cara era sempre muito pontual — provavelmente, pressionado pelo patrão —, não se atrasava nem mesmo um minuto, o que sempre me deixava como a errada da história, por aparecer mais tarde do que o combinado.

Como uma acompanhante de luxo — que costumava cobrar por hora — não era boa com horários? Mais um dos muitos mistérios insólitos do universo.

Quando eu cheguei lá embaixo, notei que o carro dele estava estacionado do outro lado da rua. Passei a mão sobre o meu cabelo e esperei ali parada, torcendo para que o volume de carros diminuísse logo e possibilitasse a minha travessia.

No momento em que fui dar o primeiro passo, um homem se colocou à minha frente e agarrou o meu braço esquerdo com força, assustando-me.

A primeira coisa que pensei foi, obviamente, em um assalto, algo que estava se tornando cada vez mais comum na cidade — e em todo o país —, devido à péssima segurança fornecida pelo governo.

Mas quando o medo permitiu com que eu voltasse o meu olhar em direção ao seu rosto, eu o reconheci no mesmo instante.

Tratava-se de Juliano — um dos homens que eu atendia antes da exclusividade com Marinho. Ele não era um simples cliente, era um dos mais frequentes; costumava ser quase fixo. E como eu estava “*fora do mercado*”, já fazia mais de uma semana que não nos víamos.

— Preciso muito falar com você, Sabrina — ele sussurrou sem soltar o meu braço.

Voltei o meu olhar para a sua mão, que continuava me apertando e ele entendeu o recado, finalmente me soltando.

— Sei que não deveria estar te cercando aqui, mas você não atendeu a nenhuma das minhas ligações e eu...

— Eu já te expliquei que não estou mais disponível para programas — respondi, interrompendo-o já no começo. Eu não queria perder muito tempo ali com ele. — Desculpe, mas nós não temos mais motivos para conversar, Juliano.

Eu o deixei ali e atravessei a rua, ansiando pelo momento em que estaria o mais longe possível daquele homem.

Eu nunca me senti desconfortável na presença dele. Mas, naquele instante, foi como se ele estivesse me cobrando uma dívida que já estava paga. Eu não devia nada a ele e nem a nenhum dos outros homens que “*deixei na mão*”. Eu era paga — muito bem paga, eu admito — por um serviço que fornecia. Ninguém — incluindo Juliano — me deu alguma coisa de graça, eu precisei “trabalhar” para conseguir todo o dinheiro que possuía.

Observando me aproximar do carro, o motorista de Marinho — que eu precisava, urgentemente, aprender o nome — deixou o banco da frente e contornou o veículo para abrir a porta pra mim. Como o mesmo não comentou nada, eu supus que ele não houvesse presenciado a cena em que Juliano se colocou à minha frente — o que, sem dúvida alguma, era melhor — e optei por deixar assim mesmo.

Eu adorava ser tratada daquela forma atenciosa, de ter alguém abrindo e fechando portas para mim. Pelo menos nisso, todos os funcionários de Marinho — incluindo o novo pessoal da recepção do “*Star Palace*” — faziam muito bem, eu não tinha mais do que reclamar.

Agradei a gentileza e voltei o meu olhar para o lugar em que estava prestes a entrar. E, só então, notei que Erick estava ali dentro, com os seus olhos esverdeados colados em meu rosto.

Fiquei paralisada com o susto que levei — o segundo em um mesmo dia.

— Você vai ficar aí parada? — questionou ele, fazendo com que eu me desprendesse daquele transe idiota. Não tive nem tempo de responder, pois ele continuou daquela sua forma mandona e grosseira. — Entra logo, porra!

Entrei no carro e me sentei ao seu lado, antes de voltar o meu olhar para frente, como se pudesse ignorar a sua presença mesmo com o pequeno espaço nos distanciando.

No entanto, um segundo mais tarde, lembrei-me de que estava — em um sentido literal e metafórico — presa com ele. Toda a experiência que eu havia adquirido nas últimas semanas mostrou-me que não seria muito inteligente da minha parte voltar para aquela briga de gato e rato.

— É que eu... eu... Não esperava te encontrar por aqui... — expliquei com um pouco de dificuldade, toda a minha surpresa em encontrá-lo ali no banco traseiro.

— Você sabe que estamos no meu carro, com o meu motorista dirigindo, não é? — debochou o executivo, não conseguindo ficar nem mesmo um minuto sem me irritar.

— Eu só não achei que você viria pessoalmente me buscar — reformulei a minha frase, voltando o meu olhar em sua direção. Depois de colocar um sorriso na ponta dos meus lábios vermelhos, mudei completamente o rumo da conversa, buscando satisfazer um pouco o ego inflado dele. — É que você é sempre tão ocupado e importante que eu...

— Eu já te contratei, Sabrina — Marinho me interrompeu, com uma expressão séria. — Você não precisa mais ficar me agradando com essa baboseira de “*ocupado e importante*”...

No mesmo instante, o sorriso que havia forçado há alguns segundos deixou a minha boca.

— É quase uma coisa automática — respondi e abaixando o meu olhar, foquei o banco do carro. — É como se...

— Um daqueles truques de puta? — Ele me cortou mais uma vez. E antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, Erick tornou a falar. — Tipo aqueles gemidos que você jura de pé junto que foi fingimento?

Ele ainda se lembrava daquela história? Aparentemente, muito mais do

que apenas de lembrar.

Erick parecia se importar com ela.

— As pessoas não gostam de ouvir verdades, por mais que digam o contrário — comentei, deixando um sorriso frustrado escapar. — Nenhum dos meus antigos clientes queria ouvir que, na verdade, as suas esposas não eram as culpadas pelas puladas de cerca. Eles não queriam ouvir que se eu não estivesse sendo muito bem paga, jamais ficaria com nenhum deles. — Fitei a expressão do executivo. — Então, eu sempre comentava sobre o quanto eles eram importantes e ocupados, de que o fato dos filhos e esposas ficarem sempre em segundo plano era algo comum e que só mostrava o quanto eles eram dedicados em seus respectivos trabalhos.

Depois de alguns instantes em silêncio, ele sorriu daquela sua forma sarcástica, como se tivesse encontrado uma maneira de transformar as minhas últimas palavras em uma piada de mau gosto.

— E eu posso saber qual foi a leitura que você fez de mim?

Foi impossível não ficar um pouco receosa — principalmente tratando-se dele, alguém que aparentava detestar ouvir coisas com as quais não concordava —, mas acabei respondendo mesmo assim.

— Um homem amargo e entediado, com o coração tão congelado que se força a contratar alguém para ver se consegue sentir algum calor, mas que acaba sempre frustrado... — Eu me arrependi assim que as palavras deixaram a minha boca. Forcei um sorriso, tentando evitar um climão. — Ou a minha análise está extremamente errada e você ainda vai me surpreender muito.

Ele balançou a cabeça rindo, com uma expressão incrédula na face — não acreditando que aquelas palavras haviam mesmo deixado a minha boca.

Aparentemente, a minha forma de consertar toda aquela “lambança” não deu muito certo.

— A primeira opção é a mais provável... — ele respondeu, levantando o seu olhar e me dilacerando com aquelas esmeraldas brilhantes. — Você só errou em uma coisa, Sabrina... — Pensei que ele fosse mudar de assunto, dizer alguma grosseria para me fazer esquecer aquela conversa, mas, mais uma vez, ele me surpreendeu. — Eu... eu encontrei o meu calor.

Capítulo 03 — Expediente

Os próximos segundos seguiram-se de um silêncio interminável.

E tudo o que eu conseguia pensar era em sua frase, no “*eu encontrei o meu calor*”, que — por mais que eu fosse negar até a morte — havia mexido comigo, quase tanto quanto aquela que ele pronunciou no escritório, enquanto discutíamos sobre práticas sexuais.

Eu não tinha ideia do que sentia por Marinho, mas sabia que era alguma coisa. E o simples fato de existir um sentimento — seja ele qual fosse —, já me deixava assustada e com os meus dois pés atrás.

A tortura naquele banco traseiro só não foi maior, pois não demoramos a chegar ao nosso destino, que, para a minha surpresa — mais uma para a conta daquela noite —, não se tratava do hotel em que costumávamos nos encontrar.

Era uma casa.

Não, definitivamente, não era uma simples “casa”.

Tratava-se de uma imensa mansão, localizada no centro da cidade — ao lado de vários outros figurões engravatados. Conhecia o bairro, mas nenhum dos meus antigos clientes me havia me levado até lá, já que era bem provável que as suas esposas e filhos estivessem em casa.

Como Marinho deu esse passo inusitado, eu cheguei à conclusão de que ele não devia morar ali, tampouco Victória — a esposa. O executivo era bem chato quando o assunto tangia a sua privacidade, então me levaria para um lugar em que fosse se sentir, de alguma forma, exposto.

Entramos na residência e, assim como eu já imaginava, tudo era muito luxuoso. Poderia ficar horas observando cada um dos detalhes minuciosos que faziam com que o ambiente brilhasse. E não tinha nada que soasse como algo pessoal, nenhum porta-retratos, nada — exatamente como eu pensava. Mas, dessa vez, eu me limitei a voltar a minha atenção em direção a ele.

— A sua casa... Ela é muito bonita — observei, tentando quebrar um pouco do gelo que nos cercava. — De muito bom gosto...

— É... Eu sei! — ele respondeu, fazendo com que eu revirasse os meus olhos e sentisse vontade de retirar o elogio. — Paguei bastante para a pessoa que a decorou.

Eu me esforçava muito para “ficar de boa” com ele, mas Erick não estava facilitando as coisas para mim. Cada palavra que ele pronunciava parecia ser

escolhida com o objetivo exclusivo de me irritar.

Marinho caminhou em direção a uma espécie de bar, que era acoplado em uma parede escura, próxima à cozinha. Eu o segui até lá, sentindo-me desconfortável demais em ficar num ambiente isolada dele.

Ele pegou uma garrafa de uísque e serviu uma dose em um copo. Depois disso, Erick trouxe aquelas suas esferas claras em minha direção.

— E você, bebe o quê? — indagou o homem à minha frente, tornando a observar as inúmeras bebidas que enfeitavam a sua parede. Ainda sem olhar para o meu rosto, ele continuou: — Alguma bebida doc...

— Pode ser esse uísque aí mesmo — respondi, aproximando-me da bancada e, conseqüentemente, colocando-me em frente a ele.

O executivo sorriu e serviu a minha dose.

Pelo menos, dessa vez, ele não disse o “*podemos dividir esse copo*”, como havia feito no dia em que nós nos reencontramos no quarto do “*Star Palace*”.

Eu peguei o copo com a bebida e o levei até a minha boca. Sem nem hesitar, tomei tudo em um só gole e isso, como era de se esperar, o deixou bem surpreso.

Diferentemente do que ele — e qualquer outro homem que me observasse virar aquele copo — devia pensar, eu já era acostumada a beber, principalmente bebidas como uísque. Era o tipo de coisa que os caras que eu costumava atender mais solicitavam, seja no serviço de quarto ou nos lugares em que eles me levavam.

Coloquei novamente o copo sobre a bancada e esperei que ele me servisse mais uma dose da bebida. E, assim que o fez, tornei a virar o copo novamente, bebendo tudo o que estava ali dentro.

— Se o seu plano é me deixar bêbada, não vai dar muito certo — comentei, não contendo uma risada. — Acho que aguento mais tempo do que você.

— É... Eu percebi — ele respondeu antes de tomar um gole do líquido em seu copo. — Mas não, eu não preciso te deixar bêbada pra te obrigar a fazer alguma coisa. — Dessa vez, não foi preciso um sorriso para que eu soubesse o quanto os seus pensamentos deviam ser pervertidos. Somente o seu olhar já havia dado conta do recado. — Esqueceu que agora você é completamente minha?

Eu discordava desse “*completamente*”, mas optei por me manter calada,

bebendo mais do uísque.

Ele contornou a bancada e deu três passos, parando à minha frente. Eu não consegui desviar o meu olhar, não consegui escapar daquela ligação magnética que sempre nos juntava.

A sua cabeça se inclinou para um beijo que eu não pude evitar. Enquanto ela se abaixava, foi como se eu estivesse presa em um carro desgovernado, prestes a atingir outro veículo. A colisão era certa e inevitável, tudo o que eu poderia fazer era assistir e me preparar para o impacto, que não foi pequeno.

A mão dele agarrou o meu cabelo no mesmo segundo em que a sua língua explorou-me daquela forma que ele fazia muito bem.

E foi bom, muito bom.

O desgraçado tinha uma pegada que nem mesmo eu conseguiria negar ou desmerecer para pagar de “profissional”, como eu havia feito com os gemidos — uma história que ele ainda se recordava bem.

Erick sabia o quê, como e quando “fazer”.

— Pelo jeito, o meu expediente acabou de começar — brinquei no instante em que os nossos rostos se afastaram. Pousei a minha mão em seu peito e olhei para cima, encarando-o de forma intensa. — Então, o que você quer que eu faça hoje, chefe?

Ele — pelo que eu pude notar em sua expressão facial — gostou de me ouvir chamá-lo de “chefe”. Marinho nem disfarçava o quanto gostava de estar em uma posição de poder, de superioridade.

Erick se afastou e colocou a mão no bolso interno do paletó, antes de tirar um objeto que eu não consegui identificar.

— Falando em trabalho... — Ele não conseguiu controlar o sorriso sacana, que me deu uma boa ideia do que me esperava. — Isso aqui é seu... — O moreno me entregou um crachá de empresa, deixando-me confusa. — Você é a minha nova assistente pessoal.

Peguei o objeto de sua mão e sorri ao visualizar o meu nome “*Sabrina Lancaster*”. Encarava uma foto que eu nem sabia que o homem ao meu lado tinha acesso. Também possuía um logo de uma das empresas dele.

— Eu precisava de um bom disfarce pra você e também não há como eu estabelecer um contrato com base em serviços sexuais, não é mesmo? — explicou ele, provando-me de que havia mesmo pensado em tudo. — Eu te registrei como Jéssica Martins, mas achei que no crachá você fosse preferir esse nome aí.

E ele estava coberto de razão.

Ainda que eu não estivesse mais no “mercado”, não queria utilizar o nome Jéssica Martins — não quando o assunto se referia àquele tipo de trabalho.

Diferente do que a maior parte das pessoas pensavam, as garotas de programa e acompanhantes de luxo — ou qualquer outro sinônimo para prostituição — não usavam outro nome apenas para esconder a verdadeira identidade, tratava-se de algo um pouco mais complexo.

Enxergamos o nosso nome — o verdadeiro — como uma espécie de refúgio, um lugar para onde podemos correr caso tudo dê errado. Para algumas garotas, significa bem mais do que isso, trata-se do “*destino final*”, do lugar onde elas querem chegar.

“Eu vou fazer “X” programas, até conseguir “X” dinheiro e, depois disso, poderei abandonar essa vida”.

Esse é o pensamento de todas as pessoas que começam no “mercado”. Dessa forma, a primeira coisa a ser feita é cuidar para que o nome permaneça intacto, completamente limpo, para ser utilizado depois dessa “fase”.

No entanto, tudo sempre se desenrola de forma diferente. Alguns acabam se perdendo no caminho e ficando mais tempo do que o previsto, outros nunca conseguem, de fato, abandonar o “mercado”.

Quando você entra na prostituição — principalmente no caso das acompanhantes de luxo, que trabalham com um público de alta classe —, esse mundo se mostra sempre muito glamoroso. Os engravatados nos levam para dormir nos melhores hotéis, para comer nos melhores restaurantes e as viagens são sempre de tirar o fôlego. O dinheiro vem de forma rápida e descontrolada, em poucos meses você consegue juntar quantias enormes.

Mas como todas as outras coisas e trabalhos, a prostituição tem um lado negro — além daquele mais óbvio. Existem os momentos de depressão, o instante em que você se sente um lixo, algo completamente nojento e a única forma de aliviar — pelo menos, no meu caso — era gritar embaixo do chuveiro.

Para aqueles que não eram tão fortes quanto eu, existiam alternativas — que são muito usadas, por sinal. Várias drogas “ajudam” a passar por esses momentos ruins e também a suportar determinados programas.

Você não precisa nem se esforçar para consegui-las pela primeira vez. Muitos clientes trazem e sugerem usá-las durante o programa. O grande problema é que elas viciam rapidamente. Quando a acompanhante percebe, já está completamente viciada, entrando em abstinência.

Então, o dinheiro que deveria estar sendo guardado para o “*futuro utópico*” — aquele em que a pessoa poderia voltar a usar o nome de batismo e se afastar desse “mundo” obscuro — está sendo gasto com essas porcarias, que só consomem mais e mais. E nos primeiros meses, a pessoa até consegue manter o padrão de vida e alimentar o vício, mas não demora muito para as coisas começarem a desandar.

Os efeitos das drogas começam a transparecer na aparência e nas ações. Os clientes começam a se sentir insatisfeitos com os programas e, de repente, a menina que estava lá no topo, despenca até o chão, estilhaçando-se lá embaixo.

Sem muitos clientes, sustentar o vício se torna cada vez mais difícil, o que resulta em vendas de roupas, sapatos, veículos, imóveis e todas as outras coisas que o dinheiro dos programas pagou.

Logo, a acompanhante de luxo já não possui nenhuma das características que os figurões buscam. Nesse instante, ela abandona o “luxo” e se transforma em uma simples garota de programa. Em muito pouco tempo, a mesma se torna uma daquelas meninas de avenida, que brigam por “pontos” na rua e aquele sonho — o de abandonar a vida e usar o nome “intacto” — fica impossível de ser alcançado.

Eu sempre tive isso bem explícito em minha mente, sabia exatamente os caminhos que me levariam à miséria e tentava ao máximo evitá-los, porque, lá no fundo, eu também possuía essa espécie de sonho utópico, no qual eu seria apenas a Jéssica Martins outra vez.

— E o que faz uma assistente pessoal? — indaguei, voltando a minha atenção para o rosto dele. Encarei aqueles lábios carnudos e precisei me controlar para não atacá-los. — Ela se enfia embaixo da mesa e te chupa quando não tem ninguém olhando?

Ele sorriu, tornando evidente que havia gostado da ideia.

— Uma assistente pessoal faz várias coisas das quais você não está nem um pouco capacitada — respondeu ele de forma bem grosseira, destruindo todo o barato e o clima sexy que tentei implantar. Ao notar a minha expressão sem graça com a frase, a sua última frase, Marinho completou: — A sua qualificação é bem mais interessante e não é à toa que custa mais caro.

Nesse instante, foi impossível não me identificar.

Ele parecia eu tentando consertar algo idiota que havia acabado de pronunciar. E, assim como havia acontecido comigo, também não deu muito certo pra ele.

— Você me convidou para beber, já me deu esse crachá aqui e me deu até um coice... — Desviei o meu olhar, por algum motivo, envergonhada pelo que estava prestes a dizer. — Então, quando é que você vai finalmente me levar para conhecer o seu quarto?

— Você se importa se a gente só conversar? — questionou o executivo, deixando-me sem reação. Eu não estava preparada para aquela pergunta. — Eu... Acho que hoje eu só preciso de uma companhia...

Balancei a cabeça, concordando com ele e me aproximei de onde ele estava parado, ainda surpresa pelas suas palavras, que me lembravam do dia em que nos conhecemos.

Antes que eu pudesse questionar sobre o que seria a nossa conversa, ele já estava rindo, mostrando-me o quanto eu era idiota por cair naquele seu papinho furado — uma piada de muito mau gosto.

— Você achou mesmo que eu ia usar uma mulher tão gostosa quanto você só pra conversar? — ele debochou, fazendo com que eu me sentisse ainda mais burra.

Pela primeira vez, desde que passei a me envolver com ele, eu me senti incomodada com aquela objetificação, como se eu só prestasse para o sexo. E isso só provava que eu estava me importando demais, que estava me envolvendo bem mais do que deveria.

— É que você já fez isso antes... — respondi a sua pergunta em uma tentativa de me justificar de algo que não era necessário. A verdade era que eu queria arrancar aquele sorrisinho idiota dos seus lábios. — Lembra?

Esperei pelo momento em que ele engoliria em seco e me daria a tão esperada vitória. Mas é claro que isso não aconteceu.

Infelizmente, Marinho não me deu esse gostinho.

— É que agora eu valorizo mais o meu dinheiro — ele rebateu, ganhando a discussão.

Talvez a culpa fosse minha, por esperar demais de um cara que tinha “*me comprado*”. Ou talvez a culpa fosse dele, por dizer coisas bonitas — como havia acontecido naquele banco traseiro — e, logo em seguida, arrancar as minhas asas com as mãos, sem nenhuma piedade.

Seja qual fosse a explicação, o resultado era o mesmo: eu desenvolvendo um problema que não precisava.

“*Você está aqui pelo dinheiro*”.

“*Você está aqui pelo dinheiro*”.

“Você está aqui pelo dinheiro”.

“Você está aqui pelo dinheiro”.

“Você está aqui pelo dinheiro”.

“Você está aqui pelo dinhei...”.

— O que você acha de um banho de piscina? — propôs-me ele, trazendo-me de volta à realidade. — Acho que seria uma boa dar uma refrescada.

Por mais que o *“o que você acha”* de Marinho significasse um *“é exatamente isso que vamos fazer e fim de papo”*, eu não deixei de dar a minha opinião.

— Você sabe que não precisa encontrar uma maneira de me fazer tirar a roupa, não é? — questionei, não perdendo a oportunidade de revidar. — Como você mesmo disse, eu sou completamente sua nesse período de um ano.

Na verdade, eu não queria molhar o meu cabelo em uma água — muito provavelmente — infestada por cloro, então estava tentando manipulá-lo para pular toda essa parte e partirmos logo para o sexo.

— Eu sei disso... — ele respondeu de forma confiante. — Acontece que hoje, eu estou com vontade de te comer lá na piscina. Algum problema?

Obviamente, eu não diria que estava tentando evitar o contato do cloro com o meu cabelo. Então, eu me limitei a balançar a cabeça negativamente antes de forçar um sorriso.

Capítulo 04 — Molhada

Eu sabia que não poderia ganhar uma discussão com ele. Sabia também que, no fim das contas, a vontade de Marinho era a única que realmente importava — e era exatamente por isso que eu estava sendo paga.

Ainda que fosse muito fácil confundir as coisas, eu não estava em um passeio romântico com o executivo, estava desempenhando um serviço — e precisava fazê-lo com excelência.

Como eu deixei de me contrapor à sua ideia de “*banho na piscina*” — o que, obviamente, era só um pretexto para transar lá dentro —, nós dois seguimos para a área externa da casa, que conseguia ser ainda mais bonita que a parte interna.

Mesmo à noite — uma que não estava sendo tão iluminada pela lua —, o lugar era muito bonito, tudo muito bem decorado, de um extremo bom gosto. Mas, dessa vez, eu guardei os elogios para mim mesma, pois não queria tornar a ouvir um “*é, eu sei... Até porque eu paguei bem caro por isso*”.

A piscina era enorme e possuía a maior parte em formato retangular e lá no canto esquerdo ela mudava para circular, como se fosse uma espécie de *jacuzzi*. Tinha certeza de que ela devia ser bem profunda, o que seria um problema para uma pessoa que não sabia nadar — grupo que eu, certamente, me incluía.

Parte da área externa era coberta, pegava exatamente o canto circular da piscina. Um pouco mais ao lado, posicionavam-se algumas cadeiras retráteis de madeira, onde eu nem pensei em me acomodar.

E sentada ali, de forma bem confortável, eu observei Erick se despir. Foi quase um show de strip-tease; a diferença era que tudo ocorreu de forma mais natural, já que ele não notou que eu o observava daquela forma.

O executivo ficou com apenas uma cueca boxer esverdeada, que evidenciava o volume do monstro que ele escondia trancafiado ali dentro.

Marinho não era um daqueles musculosos de academia — com toras no lugar dos braços —, mas tinha a estrutura corporal de alguém que treinava ou, no mínimo, fazia exercícios físicos regularmente. O seu corpo era bem entroncado, as suas coxas eram grossas e os músculos em sua barriga definidos, sem ser de uma forma exagerada. Ele também possuía pelos espalhados por todo o corpo, a maior parte se concentrava no peito e isso — pelo menos pra mim — o deixava ainda mais sexy, dando um toque de virilidade que me enlouquecia.

Foi impossível não perder alguns segundos encarando a trilha que parecia escapar de sua virilha, deixando uma pista de onde o tesouro era guardado.

O moreno não fez nenhuma cerimônia para mergulhar na água gelada, não se incomodando em ligar o aquecedor que aquela piscina certamente possuía. No momento em que ele emergiu, tirando os fios de cabelo molhado da face, eu fiquei ainda mais encantada com a paisagem que atendia pelo nome “*Erick Marinho*”.

“*Bonito*”, “*lindo*”, “*gostoso*” eram palavras muito simples para descrevê-lo naquele instante, enquanto as gotinhas brilhantes de água o iluminavam.

Seus olhos correram em minha direção e ao me notar acomodada na cadeira, Marinho balançou a cabeça em uma negativa — como se dissesse “*você não vai ficar sentada aí, né?*”, antes de apontar na direção da água, dando-me mais uma de suas ordens.

— Vai mesmo me obrigar a entrar nessa água gelada? — questionei com um olhar pidão, mesmo já sabendo qual seria a sua resposta. — Você vai ser tão maldoso assim, Erick Marinho?

Ele agiu como se estivesse considerando a ideia de me deixar ficar fora d’água, mas, logo em seguida, respondeu com um alto e claro “*é, eu vou sim!*”.

Como eu continuei sentada no mesmo lugar, ignorando as suas palavras, o executivo começou a se aproximar da borda da piscina, ameaçando vir me buscar à força.

Nesse instante, Marinho me pareceu um animal selvagem aproximando-se da presa, pronto para atacá-la com as suas garras afiadas. Mas como a escada estava do outro lado, eu não levei essa ameaça muito a sério, não imaginava que ele fosse, simplesmente, pular dali mesmo.

Mas foi exatamente o que ele fez.

No mesmo instante — depois de levar um baita susto, diga-se de passagem —, eu me levantei e dei alguns passos para trás, como se pudesse escapar daquele homem que, sem dúvida alguma, corria muito mais rápido do que eu.

Eu não precisava fazer uma conta para chegar ao resultado de que ele me alcançaria facilmente em poucos segundos. E quando me alcançasse, me jogaria dentro da piscina com roupa e tudo, sem nenhuma piedade. Sendo assim, não seria muito inteligente da minha parte embarcar em uma brincadeira de “*pega-pega*” com ele, era quase uma roleta russa.

— Tudo bem, eu entro nessa droga de piscina... Você venceu! — Levantei os meus braços, rendendo-me a ele. — Eu só preciso tirar essa roupa.

Comecei a me despir, colocando as peças em cima da cadeira de madeira, onde eu tinha certeza de que elas continuariam secas. Nesse meio tempo, Erick deu a volta, contornando a piscina e se abaixou, mexendo em alguma coisa — provavelmente, ligando a hidromassagem.

Depois de ouvir o barulho do motor da piscina — comprovando a minha teoria de que ele estava ligando a hidro —, eu corri para o lado oposto do que ele estava parado, mostrando que não seria tão fácil me jogar na água.

Agora que eu estava só com as roupas de baixo, não tinha mais perigo de brincar de “*pega-pega*” com ele.

Quando Erick notou que eu já não estava mais próxima das cadeiras e que também não estava dentro da água, matou a charada e correu em disparada atrás de mim, pronto para me obrigar a entrar.

— Deixa de frescura e pula logo, porra! — gritou ele, aparentemente sem paciência para a ceninha que eu estava protagonizando. — Você sabe que eu vou te pegar de qualquer jeito, Sabrina.

Eu estava esperando — mais do que isso, estava ansiando — pelo momento em que ele “*me pegaria*” de jeito, prendendo-me naqueles braços.

— Eu vou adorar te ver tentar, meu amor — respondi, enquanto corria para o outro lado.

Ele me encarava com um olhar de “*vai mesmo me obrigar a fazer isso?*”. E eu, obviamente, não deixei de colocar um sorriso na ponta dos meus lábios mostrando que “*sim*”, eu iria.

E nós continuamos nessa de correr, contornando a piscina por mais uns dois minutos, que foi tempo suficiente para deixá-lo com raiva. Erick era daquele tipo de homem que detestava perder — e, lá no fundo, perder para uma mulher, por mais que ele não admitisse, devia doer ainda mais.

Eu sempre achei extremamente idiota quando algumas pessoas diziam coisas como “*você fica tão linda quando está irritada*”, mas com Marinho essa frase era bem real. Ele tinha um olhar bem sexy quando estava perto de perder o controle — algo que não acontecia com muita frequência.

Lá pelo terceiro minuto, eu já estava totalmente cansada de correr em volta daquela piscina. Não queria entregar o prêmio para o executivo, mas também não tinha o mesmo preparo físico que ele e, eventualmente, isso fez com que eu desistisse, parando no meio do caminho, completamente sem fôlego.

O cretino me alcançou rapidamente e me agarrou com um abraço de urso, certificando-se de que eu não conseguiria fugir dele.

— Erick, eu... eu meio que não sei nadar — apressei-me em dizer, devido ao medo de ele me atirar dentro da água sem nenhum aviso prévio. — Então, por favor, se a piscina for muito funda, não me j...

Eu não tive nem tempo de completar aquela frase, pois me atirar dentro da piscina — uma que eu descobri da pior forma possível ser bem funda — foi exatamente o que, sem hesitar, ele fez.

O meu corpo afundou completamente e como comecei a me agitar embaixo d'água, continuei submersa, o que resultou em muita água entrando pela minha boca e nariz, foram dez segundos de extrema agonia.

Erick agarrou-me pelo braço e, em seguida, suas mãos já estavam em minha cintura. Depois disso, não demorou muito para que ele me levasse pra cima. Quando eu emergi — com o meu nariz ardendo e sem fôlego algum —, fiquei ainda mais agitada do que já estava.

Ficamos frente a frente, as suas mãos continuavam em minha cintura — impedindo que eu tornasse a afundar — e os nossos olhos se conectaram, fazendo com que eu me acalmasse um pouco.

A primeira coisa que eu enxerguei foram as duas esferas esmeraldas brilhantes. O seu olhar era tão intenso que me hipnotizou por alguns instantes, fez com que todo o meu afobamento desaparecesse, com que o meu nariz parasse de arder e que eu só tivesse olhos para ele.

Mas, quando o meu olhar abaixou e notei o sorrisinho bobo em seus lábios — enxergando toda a graça e o deboche pelo meu afogamento, algo bem sacana da parte dele —, eu não me controlei e acabei acertando um tapa em seu rosto. Eu usei tanta força que a minha mão chegou a doer e o impacto causou um estalo.

Somente depois de alguns segundos que eu fui notar a merda que tinha acabado de fazer — agredido um cliente que, provavelmente, não me perdoaria por isso. Voltei o meu olhar em direção a ele e fiz uma careta arrependida, típica de quem havia acabado de perceber a “cagada” que fez.

— Eu... Eu...

— Tá tudo bem, eu meio que mereci esse tapa — ele comentou, tirando toda aquela tensão de cima das minhas costas. — Mas você também tem uma mãozinha bem pesada, né?

Eu sorri e concordei com ele, enquanto continuava a me desculpar pelo

que havia acontecido.

Levei a minha mão até o seu rosto e acariciei o local que havia machucado, como se isso fosse deixá-lo menos vermelho. Senti a sua barba raspando em minha mão e, por algum motivo, isso fez com que eu sorrisse.

Todo o restante ocorreu de forma bem automática. Em questão de poucos segundos, nós dois já estávamos colados, nos beijando. Eu conseguia sentir as mãos dele deslizando pelo meu corpo, trilhando um caminho que ia da minha cintura até as coxas, onde os seus dedos me apertaram sem nenhum pudor.

As garras daquele animal selvagem tornaram a subir, parando em meu busto, que, com toda a certeza, seria a próxima vítima. Sem tirar os olhos do meu rosto, as mãos dele foram para as minhas costas e, depois disso, não demorou muito para que o meu sutiã caísse.

Erick usou o braço esquerdo para envolver o meu corpo, impedindo que eu tornasse a afundar e deixou o direito para brincar com os meus seios — que agora estavam expostos. Os seus dedos foram direto em meus mamilos, que já estavam bem durinhos, evidenciando o quanto eu estava excitada.

Ele apertou o mamilo esquerdo e voltou o olhar para o meu rosto, como se estivesse analisando a sensação de prazer tomar conta da minha expressão facial.

— É um daqueles seus truques de puta ou eu realmente estou te deixando molhadinha? — questionou o executivo, usando um trocadilho bem idiota.

Eu não consegui deixar de rir da piada, por mais que ela fosse de péssima qualidade.

— Você me obrigou a entrar na piscina... Então, tecnicamente, eu estou bem molhadinha — respondi, não cedendo tão fácil à sua pressão. — Acho que, no fim das contas, você finalmente conseguiu deixar uma mulher molhada.

Ele não conseguiu se segurar e também riu da minha piada — que por sinal, ao contrário da dele, foi ótima —, ainda que ela brincasse com a sua masculinidade.

As suas mãos desceram, voltando para a minha cintura, onde ele me segurou com força, impedindo que eu tornasse a me afogar. Depois disso, Erick afundou uma pequena parte de seu corpo na água, ficando na altura dos meus seios.

— Eu já te disse que essas tetas são lindas? — questionou ele, hipnotizado por aquela parte do meu corpo. Como eu não me lembrava de tê-lo elogiando os meus seios antes, neguei com um aceno de cabeça. E isso o fez

continuar, dizendo: — Então... Saiba que elas são lindas... Tão gostosas que já deixaram o meu pau duro.

Ele não hesitou em se “afogar” no meu busto, chupando-me com vontade, como se eles fossem uma fonte de oxigênio. E como ele só podia usar a boca — já que precisava continuar me segurando com as mãos —, o safado me lambeu toda, não deixou de explorar nenhuma parte com aquela sua língua gulosa.

Eventualmente, eu também sentia os seus dentes raspando pelos bicos das minhas — como ele costumava chamar — “*tetas*”, era uma sensação dolorosa e igualmente boa.

“*O melhor dos dois mundos*”, diria o meu amigo Rick.

Depois de se divertir daquela forma, ele me arrastou para o outro lado da piscina, que não era tão fundo quanto o lugar onde nós estávamos. Nessa determinada parte, eu já conseguia apoiar o meu pé no chão sem ficar totalmente submersa, a água ficava um pouco abaixo dos meus ombros.

Observei que a escada ficava bem próxima de onde nós estávamos e já supus que ele pretendia deixar a piscina e continuar em um dos quartos da casa, que, obviamente, era muito mais confortável.

— Então, é agora que você vai me levar pra conhecer o seu quarto? — questionei, aproximando-me da escadinha de metal.

Marinho me puxou pelo braço, trazendo-me de volta para perto de seu corpo, antes de balançar a cabeça, respondendo negativamente à minha pergunta.

A sua cabeça se inclinou em minha direção e seus lábios tomaram conta do meu pescoço, enchendo-o de beijos e alguns chupões — uns que eu sabia que ficariam marcados.

Ele subiu com os beijos, parando em minha orelha.

Depois de mordiscá-la, arrepiando-me, o safado sussurrou ao pé do meu ouvido: — Eu vou comer essa bocetinha aqui na piscina...

Eu não podia dizer que estava surpresa com a informação, já que uma parte minha pensou em algo parecido desde o momento em que ele sugeriu o “*banho na piscina*”. Erick não dava um ponto sem nó — não tinha porque ser diferente dessa vez.

Mas o que era transar na piscina da casa dele em comparação com o banheiro daquele restaurante? Nós, provavelmente — e felizmente —, nunca mais faríamos algo tão público.

A sua mão direita deixou de apertar os meus seios e afundou. Mas eu não

demorei muito para tornar a senti-la me cutucar, dessa vez invadindo a minha calcinha.

Eu também não me assustei com o toque, pois já esperava isso dele.

— Se você quer mesmo me comer, vai ter que usar algo mais grosso que esse dedinho, chefe — provoquei o moreno, sem desviar o meu olhar de sua face, que exalava malícia. — Tira logo essa cueca e me fode com força!

Erick sorriu e pareceu surpreso por conta da minha última frase, que evidenciava o quanto eu ansiava pela consumação daquele ato — talvez até mais do que ele, que teve a ideia do “banho”.

— Calma aí, sua safadinha... Não precisa se preocupar, eu vou te foder com força — ele sussurrou com aquela voz grave, me arrepiando toda. — Mas primeiro, eu vou provar que consigo te fazer gozar usando só a minha mão.

E, mais uma vez, Erick Marinho estava querendo provar algo. Isso fez com que eu questionasse se ele já tinha superado o dia em que eu menti, dizendo que havia fingido orgasmo, usando a justificativa de que era uma coisa de “profissional do sexo” — o que não era tão mentira, já que realmente precisei fingir com outros caras.

Quando a sua mão começou a brincar lá embaixo, abaixei a minha cabeça e fechei os meus olhos, como se pudesse disfarçar o que estava sentindo, como se conseguisse mascarar toda a expressão de prazer que invadia o meu rosto.

O cretino era muito bom naquilo, sabia bem o que fazer.

— Olhe pra mim... Olha pra mim, safada — ele ordenou, trazendo os meus olhos de volta para o seu rosto, que estava sério, como se estivesse em uma reunião de negócios. — Eu quero ver você gemendo, vadia.

Tentei me fazer de difícil e controlar os sons que deixavam a minha boca — para parecer que ele não estava conseguindo cumprir com a promessa —, mas, no momento em que ele intensificou os movimentos, eu acabei me rendendo àquela sensação.

O meu cliente sabia bem onde e quando tocar. Ele era extremamente experiente, devia ter uma espécie de pós-graduação em boceta.

Eu adoraria decepcioná-lo com o lance de me fazer gozar usando a mão, mas o cretino estava indo muito bem e eu sentia que ele estava próximo de atingir o status “*missão cumprida*”. Os seus dedos me invadiam com força e precisão, massageavam as regiões mais sensíveis e isso resultava em muito prazer.

Toda vez que o cretino vibrava os dedos lá embaixo, eu mordia o meu lábio inferior, como se pudesse controlar a intensidade com que o prazer me invadia.

Esforcei-me ao máximo pra não atingir o orgasmo, para não entregar aquele prêmio a ele, mas, quando Erick notou que eu estava resistindo às suas técnicas diabólicas, ele começou a roubar.

Os seus lábios tornaram a buscar pelos meus seios, enquanto os seus dedos continuavam com o serviço em meu sexo. Sendo assim — com os seus dedos mágicos e boca trabalhando ao mesmo tempo —, eu não consegui continuar me contendo. Meus gemidos aumentaram, assim como o ritmo de sua mão, que parecia ter como objetivo me destruir.

Os meus gritos não intimidaram Erick, que intensificou os movimentos, como se soubesse que eu estava quase chegando ao êxtase.

Depois de aguentar muito, eu, infelizmente, acabei perdendo o joguinho para ele.

O desgraçado realmente me fez gozar com a mão, assim como havia prometido há alguns minutos, daquela sua forma confiante — e bem arrogante.

Ter os seus lábios e a sua mão me acariciando daquela forma intensa, ao mesmo tempo, foi demais pra mim. Durante os seus movimentos, eu não conseguia nem mesmo processar todo aquele prazer, tampouco fingir que não estava vendo estrelas.

Como ele não era nem um pouco bobo, o meu cliente aproveitou o momento propício e se livrou da cueca, colocou o seu monstro pra fora, permitindo que ele nadasse naquela água — e, em breve, dentro de mim.

As mãos pesadas dele agarraram as minhas coxas e me trouxeram para mais perto, colando-me em seu corpo. Como entendi o que ele estava tentando fazer, abri as minhas pernas, facilitando o encaixe entre os nossos corpos.

Eu deslizei pelo seu corpo, praticamente sentando em seu caralho, que já estava tão duro quanto uma barra de ferro. E então Erick me abraçou com força, prendendo-me ainda mais em seu corpo, antes de começar a bombar, invadindo-me a toda.

Estava presa e, ao mesmo tempo, sentia-me tão livre. O meu coração batia de forma disparada, enquanto o executivo entrava e saía de mim em um ritmo frenético. Ao que tudo me indicava, ele também não queria deixar de cumprir com a promessa de me *“foder com força”*.

O fato de estarmos cercados por água tornava tudo ainda mais gostoso e

divertido, era estranho fazer aquilo com o nosso corpo quase submerso. A água gelada, naquele momento, já tinha deixado de ser um problema, tornando-se uma solução para os nossos corpos que ferviam.

Seus lábios queimaram o meu pescoço com um beijo. Marinho continuou com as carícias seguindo até o meu ouvido.

— Eu não disse que te comeria na piscina? — lembrou-me ele, mais uma vez se gabando.

Tentei sorrir enquanto a minha boca era dominada pelos gemidos, mas tudo o que consegui foi uma careta estranha de dor misturada com prazer.

Conforme os minutos foram se passando, as suas estocadas não estavam tão fortes ou extremamente rápidas quanto antes, mas, ainda assim, o que fazíamos era intenso. Eu o sentia me invadir no mesmo instante em que os seus olhos se fixavam em meu rosto.

Suas mãos subiram até os meus seios, que ele agarrou com força, apertando-os enquanto aumentava o ritmo de suas metidas.

Eu me sentia completamente possuída por aquele homem.

E, então, algo inesperado aconteceu.

— A camisinha... Nós não colocamos a... — comentei, lembrando-me desse importante detalhe depois de já estar quicando em seu pau. — Esquecemos a porcaria do preservativo, Erick!

Escapei de seus braços e me afastei, desconectando os nossos corpos.

O CEO continuou me encarando como se não estivesse entendendo o que estava acontecendo, o porquê de toda aquela cena que eu estava fazendo — como se não fosse algo preocupante o fato de estarmos transando daquela forma desprotegida.

Eu era uma garota de programa, alguém que já tinha trepado com mais caras do que era capaz de contar. Isso significava que era Erick quem deveria estar preocupado com o fato de estarmos transando sem proteção, mas, pela expressão em seu rosto, ele não estava.

— É sério que você não vai me deixar terminar por causa da porra da camisinha? — questionou ele aproximando-se de mim, como se fosse me convencer a continuar. — Ah, qual é, Sabrina? Eu acabei de meter o meu cacete aí, então qual é o problema em continuar?

Eu queria muito continuar quicando naquele pedaço de carne, mas não conseguiria quebrar uma das minhas principais regras — ainda que, tecnicamente, ela já estivesse quebrada.

— Até onde eu sei, nós temos um contrato e nele é especificado que não transaríamos sem preservativo — respondi, lembrando-o de que essa era uma das minhas exigências. — E se você continuar insistindo, vou usar camisinha até pra chupar o seu pau.

Depois de deixar aquilo tão claro quanto à água da piscina, eu me afastei dele, caminhando em direção à escadinha de metal. Erick até tentou me agarrar pela perna — e recomeçar com a conversa fiada —, mas eu fui mais rápida e saí da piscina.

Sentei-me em uma das cadeiras e voltei a encará-lo.

— Quando você encapar esse pau, a gente continua — prossegui, depois de cruzar as minhas pernas e colocar um sorriso bem debochado em meus lábios. — Caralho bom é caralho empacotado.

Parecia que, quanto mais eu falava, mais perto ele ficava de explodir — e uma das coisas mais raras era vê-lo alterado por alguma coisa.

Mas estava adorando esse seu outro lado, aquele que também se irritava. Essas coisas o humanizavam mais, trazendo-o lá do pedestal em que ele próprio se colocava.

Erick aproximou-se da escadinha e eu já me preparei para afastá-lo no instante em que ele chegasse perto de mim. Por mais que tivesse sido descuidada no início, não transaria com ele sem proteção — principalmente porque não queria dar o meu braço a torcer.

— Nem adianta tentar me convencer, só vai perder o seu tempo — deixei claro, assim que ele abandonou a piscina e começou a caminhar em minha direção. — Esse pintinho aí só vai se divertir, quando colocar a capinha.

Ele parou em frente à cadeira e ficou encarando o meu sexo, que não fiz questão de esconder. Já tínhamos passado daquela fase em que eu interpretava a “*menina inocente*”, que precisava fingir desconcerto em frente a ele.

Como se não tivesse ouvido o que eu tinha acabado de dizer, ele continuou se aproximando, conseguindo ser ainda mais irritante do que eu. Mas, diferentemente do que pensei, ele não tentou me convencer a continuar com a penetração.

Erick simplesmente se abaixou, colocando-se no meio das minhas pernas.

E sem dizer uma única palavra, o executivo afundou a sua cabeça em minha parte mais íntima, como se estivesse pronto para me engolir. Ele começou me lambendo, como se eu fosse um pedaço suculento de carne — uma que o

fazia salivar — e fez isso com bastante calma, não deixando de explorar cada pedacinho meu.

Mas, como já era de se esperar vindo dele, não demorou muito para que Erick quisesse afundar aquela sua linguinha em mim.

O safado, basicamente, encontrou outra forma de me “comer”.

As suas mãos abriram bem as minhas pernas, deixando-me ainda mais exposta em cima daquela cadeira.

Depois disso, os seus dedos foram na direção da minha fenda. Fiquei arrepiada somente com a aproximação, como se estivesse prevendo o quanto o seu toque seria intenso.

Erick começou a esfregar a mão naquela região, provocando-me com aquela massagem. Voltei o meu olhar para cima e notei o quanto ele estava concentrado naquilo que estava desempenhando, não chegava nem a piscar.

Eu pensei que ficaríamos apenas nisso, mas então — assim como já havia acontecido uma vez — ele me deu um tapa, fazendo-me fechar as pernas no mesmo instante.

Por mais que não tivesse sido algo extremamente forte, realmente doeu — o suficiente para causar o reflexo no meu corpo.

Os seus olhos tornaram a queimar a minha face. E com um sorriso sacana no rosto, ele tornou a abrir as minhas pernas, deixando-me preocupada.

— O que você acha da gente brincar um pouquinho com essa boceta? — propôs ele como um vilão de filme de terror.

Ele passou os seus dedos pelos meus lábios vaginais e foi impossível não ficar completamente arrepiada, principalmente sendo fuzilada por aquele seu olhar penetrante.

Por algum motivo — talvez pelo fato de ter levado um tapa há alguns minutos —, eu tinha certeza de que não gostaria muito daquela brincadeira. Devia ser um daqueles jogos em que apenas uma pessoa era beneficiada.

— Eu vou abrir bem as suas pernas e dar cinco tapas nessa bocetinha... — revelou-me ele, não me deixando muito animada para começar a brincar. — E se você fechar, como acabou de fazer, eu posso te punir da forma que eu quiser. — Depois de analisar bem a minha expressão facial, ele prosseguiu dizendo: — E aí, o que você me diz?

Esprei um pouco, tentando entender o que eu ganhava com toda aquela brincadeira, mas não consegui pensar em nada. Se eu não fechasse as pernas, o desgraçado se divertiria espancando a minha vagina. Se eu fechasse, ele poderia

me punir de uma forma ainda mais bizarra. Então, basicamente, ele ganharia das duas formas.

— Mas e o que eu ganho se não fechar as pernas? — questionei, tentando tirar algo de bom daquela situação.

— A minha mão batendo nessa boceta... Não é o bastante? — retrucou o executivo, arrancando-me uma risada.

Depois de pensar por alguns segundos em silêncio, notando o quanto a sua proposta era desfavorável pra mim, ele continuou: — Tudo bem... Eu reconheço que não é o melhor dos acordos. Então, me diga, o que você quer ganhar, Sabrina?

Quando eu finalmente tinha a chance de tirar algo de bom daquela situação, nada vinha à minha mente, como uma espécie de bloqueio. Nunca pensei que fosse tão difícil responder uma pergunta como aquela.

Eu precisava encontrar algo que não fosse “bom” pra ele e, ao mesmo tempo, tinha que ser algo que valesse a pena passar por aqueles cinco tapas.

Definitivamente, não era uma decisão fácil.

— Eu já sei o que eu quero... — respondi assim que encontrei algo que cumpria os requisitos.

Coloquei um sorriso no meu rosto, imaginando aquele meu “desejo” concluído.

Ao notar a minha expressão facial — que estava animada demais —, Erick fez uma careta, prevendo que eu estava prestes a jogar uma bomba em suas mãos.

— Então, meio que estou esperando você me dizer...

Levantei o meu olhar, fixando-o em seu rosto retangular. E notei o seu sorrisinho bobo — um que eu arrancaria sem nenhuma dificuldade.

— Se eu não fechar as minhas pernas, eu quero dar cinco tapas na sua cara.

Os seus olhos se arregalaram e o sorriso desapareceu de seu rosto, dando espaço para uma expressão incrédula.

— Eu pensei que você fosse me pedir um carro, uma casa... Mas você só quer socar a minha cara?

Depois de analisar a sua frase, notei que talvez o meu pedido não fosse dos melhores. Ainda que eu fosse me divertir muito batendo cinco vezes naquele rostinho, a opção “casa” e “carro” eram, indiscutivelmente, melhores. No fim

das contas, a maior dor que um homem sente é aquela que atinge a sua carteira.

— Espera um pouco, eu podia pedir uma casa ou um carro? — indaguei, encontrando uma vantagem naquela brincadeira estúpida. — Então, eu quero trocar o meu pedido.

Erick riu, fazendo-me revirar os olhos.

No fim do dia, tudo era sempre uma nova piada.

— Eu disse que você podia pedir, não disse que te daria — retrucou o moreno. — Mas não se preocupe, eu tenho certeza de que, no primeiro tapa, você arria.

Ele estava confiante demais e isso fez com que eu esperasse uma bordoadada tão forte a ponto de me arrancar um grito que acordaria a vizinhança inteira.

Erick abriu as minhas pernas e começou a rir, antes mesmo de dar o maldito tapa.

Com toda aquela enrolação, eu tive tempo para fechar os meus olhos e me preparar para aquela sessão de tortura. Quando senti que estava pronta, acenei com a cabeça e aguardei pela dor que me invadiria.

Enquanto eu esperava pelo golpe, elegia a brincadeira com Marinho como a coisa mais idiota que eu já tinha feito. Certamente, ganhava do nosso sexo no banheiro do restaurante.

Mas, por algum motivo, ainda queria fazer aquilo.

Talvez eu estivesse ficando tão insana quanto ele.

O meu estômago estava completamente congelado, aguardando o tapa que eu tinha certeza que me arrancaria um grande e longo grito.

Quando eu estava pronta para abrir os olhos e questionar o porquê da demora, eu senti o toque de Erick em minha “gruta”. Mas, para a minha surpresa, não foi um tapa, como ele havia me prometido.

Em vez disso, ele me beijou de forma carinhosa. Deu três beijos, antes de tornar a me chupar. Os seus olhos não largavam o meu rosto e eu podia observar que ele estava se divertindo, principalmente com a minha surpresa.

Senti sua barba raspando naquela região sensível, instantes antes dele voltar a me penetrar com a língua. O meu cliente número um realmente usou a mão, mas só para brincar de forma “inofensiva”, não desferiu nenhum tapa ou nada que me deixasse desconfortável.

Provavelmente, toda aquela história de tapa foi só para mexer comigo e

me assustar.

— Ficou com medo de eu suportar os tapas e bater nessa sua cara? — não deixei de questionar enquanto continuava sentindo-o lá embaixo.

Ele se afastou e olhou para cima, focando em meu rosto. Senti que ele se preparou para me dar uma resposta, mas, por algum motivo, Erick não foi em frente e se limitou a sorrir, antes de voltar para o meio das minhas pernas.

Depois de me chupar, ele se levantou e me puxou pelo braço, colocando-me em pé a sua frente. Tentei entender o que ele estava fazendo, mas antes que eu me desse conta, já estava em seu colo, sendo carregada para dentro da casa.

Eu estava completamente nua em seus braços.

Erick também não vestia nada.

Mas, naquele instante, eu não me importei com isso, o executivo tampouco.

— Vai fazer o quê, chefe? — questionei, não escondendo a minha curiosidade.

— Segredo.

Detestei o suspense que ele fez com aquele “*segredo*”.

Odiei ainda mais quando descobri que ele só estava me levando para o banheiro — e não para um quartinho sadomasoquista escondido no porão.

Ele me colocou no chão, abriu o armário e, no mesmo instante, identifiquei as camisinhas em uma das prateleiras. Mas antes que ele pudesse alcançá-las, eu contornei o seu corpo e deixei o banheiro, correndo pelada pela casa.

Eu me escondi na cozinha, atrás do grande balcão. Sentei-me no chão e encostei as minhas costas na parede gelada, torcendo para não ser encontrada.

Continuei abaixada até ter certeza de que ele não estava por perto. E quando achei que era mais “seguro”, inclinei-me para o lado, tentando ter uma melhor visão do corredor e, consequentemente, de Erick.

E, então, eu fui agarrada por trás com força.

Eu só não gritei porque Erick tapou a minha boca com uma das mãos. Mas sabia que até as minhas vidas passadas tinham sentido aquele susto.

Eu me virei, encarando aqueles olhos esmeralda e, principalmente, a expressão de graça em seu rosto.

Ele estava rindo daquela maneira que me irritava, tirando-me do sério.

Antes que eu pudesse correr novamente, ele me empurrou, derrubando-me no chão e prendeu-me com os seus braços, colocando-me em uma prisão que eu não conseguiria escapar, independente do esforço que fizesse.

Olhei para cima, observando ele terminar de sobrepôr o meu corpo ao seu. O seu rosto despençou em cima de mim, nossos lábios se tocaram e não consegui deixar de sorrir enquanto ele tentava enfiar a língua na minha boca.

Notei que ele segurava uma camisinha, o que significava que planejava dar continuidade naquilo que eu interrompi lá na piscina. Mas conforme os nossos beijos foram se intensificando, Erick deve ter esquecido completamente do plano diabólico que tinha planejado, pois continuamos no chão, beijando-nos daquela forma insaciável.

Depois de alguns minutos, eu me levantei e volvei o meu olhar para a mão dele, que continuava segurando o preservativo.

— Quer terminar isso aqui ou lá na piscina, onde eu interrompi? — perguntei, torcendo para ele não escolher a opção “*piscina*”, por mais que realmente fosse a mais tentadora.

Agora que estava o mais próximo de “seca”, não queria voltar a me molhar. Mas como Erick dificilmente facilitava as coisas para mim, eu já estava me conformando.

— Eu tenho quase certeza de que terminei no momento em que te peguei no meu colo — ele respondeu, rindo de uma forma que foi impossível não rir também. — Amanhã, a arrumadeira vai pisar na trilha de porra que eu deixei ali atrás.

— Mas e quanto a essa camisinha aí? — indaguei, não entendendo o porquê ele me levou para o banheiro, só para pegar algo que não usaríamos.

Marinho me entregou a embalagem, ainda com o sorriso no rosto.

— É pra guardar com você, pra não ter nenhuma desculpinha da próxima vez.

Antes que eu pudesse contrariar o seu “plano genial” — confessando que dificilmente andaria com aquilo —, ele se levantou.

— Eu vou te deixar descansar... — ele continuou, olhando para baixo, em minha direção. — Você precisa tomar um banho quente e dormir um pouco.

Coloquei-me em pé, parando bem à sua frente. Eu não consegui controlar a minha mão, que acabou pousando em seu peito, que continuava quente. Senti os seus pelos roçando, assim como as batidas do seu coração, que pareciam estar bem aceleradas.

— Então, é agora que eu vou finalmente conhecer o seu quarto? — brinquei, não conseguindo resistir àquele flerte, um que usei a noite inteira.

— Na verdade, não. Se eu te deixar entrar no meu quarto, vou fazer de tudo, menos deixar você descansar. — respondeu ele, dando-me um “fora” de forma educada e gentil, sem as costumeiras grosserias. — É só subir as escadas, o último quarto do corredor... Já está pronto pra você.

Não tentei insistir, até porque, por mais que eu quisesse continuar na companhia dele, realmente estava morrendo de cansaço. Diferente dos meus outros clientes, Erick Marinho nunca se contentava apenas em transar e, dessa vez, até brincamos de “esconde-esconde”.

— Eu só vou pegar as minhas... — comentei, apontando em direção a área externa.

Ele concordou com um aceno de cabeça e se afastou, subindo as mesmas escadas que havia me indicado. Quando Erick deixou o meu campo de visão, caminhei até a piscina e peguei as minhas coisas em cima da cadeira de madeira.

Obviamente, ignorei a minha calcinha, que continuava boiando no meio da piscina. E como não me sentia à vontade ali sem a presença de Marinho, eu não demorei a subir para o quarto de hóspedes, que não era o de Erick, mas que já me deixava satisfeita só por ter uma cama.

Capítulo 05 — Café da Manhã

Despertei completamente desnorteada — uma consequência das doses de uísque —, mas não estava de ressaca, era algo bem mais leve, apenas uma pequena dor de cabeça. Em contrapartida, estava morrendo de fome e foi isso o que me fez tomar iniciativa e levantar da cama.

Para os programas mais demorados, eu sempre levava uma espécie de nécessaire, carregando escova, pasta e outras coisas para fazer a minha higiene matinal, mas como havia saído de casa pensando que voltaria no mesmo dia, acabei não a trazendo comigo. Então, eu fui obrigada a escovar os meus dentes usando apenas o creme dental e o meu dedo — sim, o meu dedo —, fiz o máximo que deu com o pouco que eu tinha no momento.

Quando concluí isso, desci as escadas e fui para o primeiro andar, beliscar alguma coisa na cozinha.

Como não tinha mais ninguém além de mim e o executivo, eu não me senti nem um pouco envergonhada por vasculhar a geladeira alheia.

Mas, para a minha surpresa, ao adentrar a cozinha, deparei-me com uma mesa carregada de comida, um verdadeiro banquete. Havia frutas, pães, bolo, suco e várias outras coisas que eu nem mesmo conseguia identificar.

A minha hesitação fez com que eu me sentisse a própria Maria na casa de doce da bruxa. Eu queria muito comer, mas não sabia se “podia”.

No entanto, o meu estômago, que não parava de roncar, acabou falando mais alto. Mesmo sabendo que alguém havia preparado — alguém que não se tratava de Erick —, eu não esperei por um convite para atacar tudo o que estava ali.

Peguei uma fatia do pão caseiro e o recheei com manteiga. Optei por uma xícara de café com leite no lugar de um copo de suco de laranja e “mandei ver”.

Em minha segunda mordida, eu ouvi uma voz que me fez engasgar com o pão. Ela soou de uma forma tão familiar que me fez questionar um “será?” para, logo em seguida, concluir com um desesperado “*não pode ser!*”.

Victória aproximou-se da mesa em que eu estava sentada e pegou uma maçã. Não demorou muito para que os seus olhos se voltassem em minha direção, arrancando o pouco de fôlego que eu possuía.

— Bom dia — sussurrou ela, deixando-me ainda mais envergonhada. Aquelas esferas cinzentas analisaram-me completamente. — E, pelo jeito, a

noite também foi boa.

Essa era a primeira vez que eu me encontrava com a esposa de um dos meus clientes. O mais próximo disso foi — também com Victória — lá no Star Palace, mas, naquele tempo, eu não sabia que a ruiva era casada com Erick — pelo menos, até ela esfregar isso na minha cara enquanto eu estava acompanhada do Alexandre.

A situação era tão constrangedora que eu fiquei sem reação, não consegui pronunciar uma única palavra.

Diferentemente do que eu tinha pensado na noite anterior, Marinho realmente me trouxe para a casa em que ele morava com Victória. Sendo assim, eu não era mais que uma espécie de intrusa e foi impossível não me sentir mal, sentir que estava invadindo o espaço dela.

Eu não era hipócrita a ponto de dizer que me sentia mal por ela — até porque eu já havia sido amante de mais homens do que poderia contar —, mas esse era, literalmente, o meu trabalho, de onde eu tirava o meu sustento. Eu estava me sentindo mal por todo o contexto em um sentido geral — principalmente pela situação constrangedora.

Ela continuou a me encarar, esperando por algo da minha parte e isso me deixou ainda mais atônita.

Afinal, o que eu poderia dizer?

Algo me dizia que um *“eu fiquei com o seu marido, mas já estou de saída”* não funcionaria muito bem.

— Desculpe... — comecei a dizer, sem saber ao certo se *“desculpe”* era uma boa palavra para iniciar a minha frase. — Eu não sabia que...

— Que eu estaria na minha casa? — interrompeu-me ela, tornando tudo ainda pior. Eu não podia nem culpá-la por dificultar as coisas para o meu lado. Seus olhos foram em direção à xícara de café que eu segurava. — Aproveite o café da manhã.

Essa sua última frase fez com que eu colocasse o copo sobre a mesa e me levantasse de imediato, pronta para deixar a casa.

Ela pronunciou poucas frases, mas eu já me sentia totalmente humilhada.

— Eu vou... — Apontei na direção da porta que ficava do outro lado. — Eu vou embora...

A ruiva se colocou à minha frente, impedindo a minha passagem.

— Não mesmo... — Ela respondeu com os seus olhos cinzentos fixos em

mim. — Você vai sentar aí, terminar de comer e depois vai deixa-lo bem ocupado.

Como continuei em pé, parada na frente dela, Victória continuou: — Senta logo aí, mulher! — Depois que eu me sentei, ela tornou a sorrir. — Só não come muito. Daqui a pouco aquele embuste vai acordar e te obrigar a tomar café com ele novamente... Erick detesta ter que se sentar à mesa e comer sozinho.

Ela se virou, preparando-se para ir embora e me deixar ali. Por mais que eu fosse me sentir confortável após a sua partida, não consegui me segurar.

— Você está mesmo pedindo para eu ficar e tomar café da manhã com o seu marido? — questionei, tentando destacar o quanto tudo aquilo soava de forma incoerente.

Ela se virou e tornou a focar em mim.

— Sim, eu estou — Victória respondeu, deixando-me ainda mais confusa. Mas, dessa vez, não precisei voltar a questionar. — Quanto mais tempo você ficar ao lado dele, mais tempo ele vai ficar longe de mim... Simples assim. — Ela deu uma mordida na maçã e, ainda de boca cheia, concluiu: — Boa sorte com isso.

E, então, a esposa do meu cliente se afastou da cozinha, deixando-me ali sozinha e sem nenhuma ideia do que deveria pensar de toda aquela situação.

Capítulo 06 — Marido

Victória não mentiu sobre Marinho me obrigar a tomar café outra vez. A primeira coisa que ele fez ao descer as escadas foi questionar “*você nem me esperou?*”.

Depois que eu balancei a cabeça, confirmando que já tinha comido, ele completou com um “*então se prepare pra começar a comer de novo*”.

Erick sentou-se na ponta da mesa e começou a se servir.

— Eu não estou brincando, Sabrina — continuou ele, depois de não me ver pegando nada. — Pode começar a comer junto comigo... Anda logo!

Quase retruquei com um “*vai mesmo me obrigar a comer?*”, só não o fiz porque sabia que a sua resposta seria um alto, claro e grosso “*vou*”, assim como aconteceu na noite anterior, quando usei uma pergunta parecida para evitar entrar na piscina e destruir o meu cabelo no cloro.

Eu agradei mentalmente a esposa dele pelo conselho de não comer muito. E como não estava completamente cheia, peguei algumas frutas e um pouco do suco de laranja, que ainda não tinha provado.

Depois de tomar um gole do suco, eu direcionei a minha atenção a ele, que mantinha a xícara de café preto na mão direita.

— Satisfeito, chefe?

Ele se limitou a sorrir e continuar a comer, degustando o café da manhã. Mas, em um determinado momento — quando o executivo voltou o olhar pra mim —, Erick chamou a minha atenção novamente.

— Você não está comendo... — recomeçou ele antes de pegar uma uva na mesa. O moreno se inclinou na cadeira e ordenou, em um tom de brincadeira: — Abre essa boca, mocinha... Agora!

Eu fiz uma careta, como se aquilo fosse um grande sacrifício, mas acabei cedendo e fazendo exatamente o que ele estava me pedindo.

O cliente mandão colocou a uva em minha boca e eu a mordi, antes de sorrir.

— Eu vi a sua esposa... — comentei enquanto cortava um pedaço do bolo. — Não faz muito tempo.

No mesmo segundo, notei que as minhas palavras chamaram a atenção dele.

— A Victória estava aqui? — questionou ele surpreso com a minha informação. Eu balancei a cabeça, confirmando e isso fez com que ele continuasse: — Se eu soubesse que ela viria pra cá, não teria te trazido.

A sua última frase soou como um pedido de desculpa — bem no estilo dele mesmo. Por um instante, eu até me permiti pensar que ele realmente se importava com o fato de eu ter me sentido constrangida com a presença de sua mulher.

— Mas tudo bem... Ela não me tratou mal — continuei com o meu relato antes de tomar mais um gole do líquido amarelo em meu copo. — Foi só estranho... Muito estranho.

Pensei que ele fosse falar mais alguma coisa, mas o executivo não deu continuidade ao assunto que envolvia a ruiva. Não fiquei surpresa com o fato de ele continuar na defensiva sobre a sua vida particular.

Quando terminamos de comer, eu aproveitei para mandar uma mensagem para a minha irmã, tranquilizando-a — por mais que ela já fosse familiarizada com o meu trabalho.

— Tem algum outro compromisso? — indagou o meu “chefe”, em um tom que me fez guardar o celular no mesmo segundo. — Algo mais importante do que eu?

Virei o meu pescoço, focando em seu rosto e notei que a sua feição não tinha nenhum traço de graça. Dessa vez, não era uma de suas piadas.

— Não... Eu só avisei a minha irmã que ainda não sei o horário que vou chegar em casa... Só isso. — respondi, esforçando-me ao máximo para não soar de forma grosseira, ainda que ele realmente merecesse.

— Ela ficou de aparecer no seu apartamento? — quis saber ele, antes de dar uma mordida no pedaço de pão que segurava com a mão esquerda.

E ali estava a ironia.

Erick Marinho não gostava de falar sobre a sua vida particular, mas nem pensava para conversar sobre a minha.

— Ela está morando comigo agora — contei a novidade, como se não fosse grande coisa e, como eu não queria entrar em mais detalhes, mudei de assunto. — Eu estou curiosa sobre as minhas funções na sua empresa.

Ele entendeu o recado e não tornou a falar sobre a minha irmã, o que foi ótimo. Quanto mais profissional essa nossa relação fosse, melhor seria pra mim.

Seria mais saudável se continuasse assim, sem intimidade e, principalmente, sentimentos desnecessários — algo que eu, infelizmente, já

possuía.

— Hoje, a sua única tarefa é me deixar bem relaxado — respondeu Marinho com um sorriso sacana na ponta dos lábios. — E eu tenho certeza de que você vai dar conta.

Foi impossível não fantasiar sobre o que ele estava tentando me dizer com o “*relaxado*”. Como ele disse que eu “*daria conta*”, a minha única certeza era de que tinha algo relacionado a sexo — o que não era uma grande surpresa.

No entanto, foi impossível não questionar o “*tipo de sexo*” que me esperava, assim como se eu estava prestes a conhecer as suas técnicas estranhas — aquelas que Márcia mencionou no momento em que intermediou o meu programa com Erick, no dia em que nos reencontramos.

Ele notou isso em meu olhar: toda a dúvida e curiosidade que infestavam a minha mente.

— O que foi?

Deveria sorrir e balançar a minha cabeça, indicando que não era nada demais.

Eu deveria fazer tudo, menos o que eu realmente fiz.

— É que desde que conversamos no seu escritório, eu estou esperando você me levar para um quatinho secreto, me amarrar e me bater com um chicote de couro — confessei a ele, sentindo o meu rosto queimar de vergonha.

Erick, obviamente, não pegou a referência de “*Cinquenta Tons de Cinza*”, mas isso seria exigir demais de um homem.

— Então, é isso o que você quer? — perguntou-me o CEO, fazendo uma espécie de jogo verde comigo, como se eu fosse estúpida o suficiente para cair em um. — Ser amarrada e chicoteada?

Demorou até que eu respondesse com um “*não*”.

— É que, desde então, tudo o que fizemos foi aquilo na piscina — completei, tentando, sem muito sucesso, me justificar. — E não foi muito estranho, não da forma como você fez parecer que seria naquele dia em que debatemos sobre algumas práticas sexuais.

Ele deixou a xícara de café na mesa e riu, fazendo com que eu me odiasse ainda mais por ter dito todas aquelas coisas.

— Se eu soubesse que você estava tão ansiosa pra brincar, não teria esperado tanto... — respondeu-me ele, fazendo com que eu me arrependesse amargamente por tocar naquele assunto em primeiro lugar.

Eu não conseguia dizer que não era sexy a imagem dele com um chicote na mão. Mas não estava mentindo quando dizia que nunca me interessei por sadomasoquismo e nem nada parecido com isso.

— Não é nada disso, é que...

E, então, comecei a gaguejar e isso foi a cereja do meu bolo de climão.

Levantei-me da mesa e caminhei até a pia, para pegar um copo d'água, que era basicamente a minha desculpa — péssima, por sinal — para fugir dele.

Eu não sabia o que dizer ou como consertar toda aquela lambança.

— Não precisa dizer mais nada — ele continuou, antes de se levantar e dar alguns passos em minha direção. — Eu já entendi tudo, Sabrina.

Somente o fato de ele me dizer “*eu já entendi tudo, Sabrina*” significava, no mínimo, que ele não havia entendido nada.

Mas não tive tempo de fugir novamente daquele predador selvagem e experiente. Eu fui burra demais a ponto de cair em sua arapuca e agora eu já estava até conformada com o meu pobre fim.

O executivo me puxou para o lado e me encurralou na parede, ao lado da geladeira. Ele fez com que eu desse alguns passos para trás, até que não houvesse mais espaço distanciando nós dois.

Nós ficamos frente a frente, com os corpos praticamente colados um no outro. O seu olhar me queimou de uma forma que tornava difícil sustentá-lo ou, pelo menos, não hesitar em escapar, desviando-o para outra direção que não fosse a dele.

— Vai fazer o quê? — perguntei, não controlando o tom debochado em minha voz. — Vai me arrastar para o porão e me amarrar?

Eu falava tanto sobre essas coisas sadomasoquistas que, talvez — para ele —, estivesse passando uma impressão de que queria isso, de que queria ser amarrada e fodida com força, de forma cruel e sem piedade, como a “*ótima submissa*” que ele disse que eu seria.

Ele riu, como se eu estivesse dizendo algo completamente idiota — o que eu também não duvidava muito, já que em frente a ele algo tomava conta da minha boca, deixando escapar coisas que eu não diria para nenhuma outra pessoa.

— Talvez mais tarde eu pense em te amarrar e judiar dessa xoxota — respondeu-me ele, fazendo com que o meu coração falhasse uma batida. — Mas, por enquanto, o meu único plano é te foder gostoso aqui nessa parede.

Depois de ver o banquete em forma de café da manhã em cima daquela mesa, eu soube que não estávamos sozinhos na casa. Agora eu tinha ciência de que, além da esposa — que poderia aparecer a qualquer momento —, devia haver vários empregados espalhados pela casa.

— Nós já conversamos sobre práticas sexuais em locais públicos — eu o lembrei, evidenciando o quanto aquilo era louco e mal pensado. — Não estamos sozinhos aqui e você sabe muito bem disso... — Estiquei os meus lábios em um sorriso. — Vai contra o nosso contrato.

Ele mordeu o lábio inferior, enquanto continuava a me encarar, engolindo-me com aquelas esferas esmeralda.

— Realmente, nós não podemos foder em locais públicos... o que é uma pena — ele reconheceu sem desviar o seu olhar de mim. — Então, nesse caso, ainda bem que estamos na minha casa, não é?

“*Filho da puta*” xinguei o cretino mentalmente, mesmo sabendo que ele estava certo sobre o fato de estarmos em uma propriedade privada — e não em uma pública.

Eu me sentia desconfortável só por estar ali com ele, sendo encurralada daquela forma. Não conseguia nem me imaginar sem roupa, com um pedaço do seu corpo dentro de mim. Pela primeira vez — desde o episódio do banheiro —, eu não sabia se realmente conseguiria dar continuidade a toda aquela loucura.

No entanto, por mais que o meu medo fosse grande, que o meu estomago estivesse parecendo o Polo Norte, bem lá no fundo, eu queria aquilo, queria todo o perigo e adrenalina que Erick trazia consigo.

E foi como se ele também soubesse dos meus desejos mais secretos, pois continuou se aproximando, colando os nossos corpos.

Sem dizer uma só palavra, ele me empurrou com força, encostando as minhas costas na parede da cozinha. A sua mão esquerda pressionou o meu corpo para trás, a esquerda foi ainda mais ousada, enfiando-se embaixo do meu vestido.

— Tá sem calcinha é, safada? — observou ele, após ter encostado a sua mão gelada em meu sexo, que se arrepiou com o seu toque inesperado. — Você se faz de difícil, mas não está mais nem usando calcinha... E tudo isso pra facilitar a entrada do meu pau.

Revirei os meus olhos de forma automática.

Para Erick Marinho, tudo o que acontecia no mundo possuía uma espécie de ligação com ele, como se eu — e o resto da humanidade — girasse em torno

dele.

Eu não estava usando calcinha pelo simples fato de tê-la molhado no dia anterior. Na verdade, ainda nem sabia do paradeiro da peça de roupa. Da última vez que me lembrava de tê-la visto, ela ainda estava boiando no meio da piscina.

Sem hesitar, o moreno desabotoou a calça social e tirou a cinta, jogando-a no chão da cozinha. E enquanto ele abaixava um pouco a cueca, o suficiente para que o seu caralho escapasse pra fora, eu voltava o meu olhar para os lados, checando se não tinha ninguém por perto.

— Tá com medo de alguém flagrar a gente? — debochou Erick, como se o que eu estava fazendo fosse algo estúpido e sem necessidade. Ele tirou uma camisinha do bolso e mostrou pra mim, como se estivesse dizendo “*eu me lembrei dessa porcaria*”, antes de voltar a comentar sobre o meu medo: — relaxa um pouco, o máximo que vai acontecer é alguém aparecer aqui na cozinha, ver a gente fodendo e se afastar.

Eu queria muito conseguir enxergar as coisas da forma que ele as via — e, às vezes, até tentava fazer isso —, mas não conseguia. Eu não conseguia ignorar o medo e toda aquela pressão envolvendo o que estávamos prestes a fazer e, ironicamente, eu era a pessoa que cobrava para fazer sexo.

O meu cliente me tirou do chão, pegando-me no colo. Em seguida, Marinho apoiou as minhas costas na parede e abriu um pouco as minhas pernas, encostando a cabeça do seu pau em minha boceta.

A sensação de ter aquele membro raspando em mim — da forma mais provocativa possível —, me arrepiou por completo e foi mais do que o suficiente para fazer com que parte do medo desaparecesse, dando espaço para o desejo e prazer dominarem.

Minha cabeça encostou-se à parede, no instante em que o seu membro deslizou, empalando-me de uma só vez. Erick entrou com tudo, arrancando-me o primeiro — de muitos — gemido do dia.

A expressão sacana de seu rosto contribuiu para a minha excitação, ela exalava malícia.

— Hoje eu vou gozar aqui dentro — ele comentou, enquanto iniciou os movimentos de “vai e vem”. Depois de balançar a sua cabeça, como se tivesse dito algo muito idiota, o moreno completou: — tecnicamente, dentro da camisinha, mas... Você me entendeu.

Ele se inclinou, beijando o meu pescoço, enquanto continuava com as metidas firmes e constantes, destruindo-me de uma forma extremamente boa.

As suas mãos mantinham-se em minhas coxas, que o ajudava a controlar o ritmo com que me estocava. Os seus olhos verdes continuavam fixos em meu rosto, analisando todo o estrago que estava causando em mim.

Depois de perder — ou ganhar — mais alguns minutos ali naquela parede, ele me carregou para a sala, sem tirar o seu cacete de dentro de mim.

Eu pensei que fôssemos deitar sobre o sofá — finalmente, tornando o nosso ato mais “discreto” —, mas ele ficou em pé, parado no meio da sala, comigo em seu colo, como se não fosse óbvio o bastante para o restante das pessoas dentro da casa.

— E se alguém chegar? — questionei, fechando os meus olhos, enquanto torcia para que isso não acontecesse. — E se...

— Ainda tá pensando nisso? — Erick riu do meu medo, que era bem coerente. — A sua única preocupação a partir de agora será quicar bem gostoso no meu pinto. — Depois de me observar revirar os olhos, ele prosseguiu: — E se você não me agrada, eu mesmo vou chamar alguém... Eu vou gritar até alguém aparecer e flagrar a gente.

Eu poderia simplesmente revirar os meus olhos novamente e desafiá-lo a chamar. Certamente faria isso com qualquer outro cliente. Mas o CEO era diferente de todos eles; Marinho tinha a estranha mania de me surpreender.

Sendo assim, comecei a mexer o meu corpo, sentando em cima de seu cacete duro. O safado nem disfarçou sobre o quanto estava gostando. Ele até me ajudou, subindo e descendo o meu quadril, facilitando a penetração.

Os seus movimentos se intensificaram, as estocadas tornaram-se ainda mais fortes e rápidas, arrancando todos os gritos que eu estava me esforçando para abafar.

Quando o seu caralho saiu de dentro de mim, pensei que ele já tivesse “terminado” ou que fosse fazer isso, optando por um sexo oral. Mas não demorou muito para que Erick tornasse a me empalar, só que dessa vez em cima do sofá.

Ele abriu bem as minhas pernas e olhou dentro dos meus olhos, como se estivesse comendo a minha alma. Foi impossível não me arrepiar e não me sentir totalmente dominada por aquele homem.

As suas mãos agarraram os meus braços e os pressionaram contra o estofado do sofá, imobilizando-me completamente. Surpresa com o que estava acontecendo, voltei o meu olhar para cima, tentando entender onde ele queria chegar com aquilo.

— Você não queria ser amarrada? — brincou o executivo, com um sorriso sacana na ponta dos lábios. — Então, agora só falta te foder com força.

Antes que eu pudesse responder-lhe, o seu membro já estava dentro de mim, em um “vai e vem” extremamente rápido, que roubou todas as minhas palavras. Os movimentos de Erick eram tão intensos a ponto de eu conseguir ouvir o barulho causado pela colisão de nossos corpos.

Ele queria me destruir.

E eu não me importava.

Talvez — como ele mesmo havia profetizado naquele dia em seu escritório —, eu estivesse me tornando uma “ótima submissa”.

Simplesmente me entreguei à sensação maravilhosa que tornava a me invadir — em um sentido bem literal. Fechei os meus olhos e permiti que os gritos deixassem a minha boca, sem me importar com quem poderia estar me ouvindo. Naquele instante — enquanto o seu caralho grosso me esfolava —, eu só queria gritar.

E em meio a essa sensação, acabei confessando algo.

— Eu... eu quero na minha boca — disse entre os gemidos, assim que os seus movimentos começaram a se intensificar. — Quero sentir o seu gosto.

Depois de me ouvir pronunciar aquilo — algo no mínimo estranho —, o executivo chegou a parar o que estava fazendo.

— Espera um pouco... você o quê? — questionou ele, como se não tivesse me ouvido dizer há menos de um minuto. Eu sabia que o moreno queria me obrigar a repetir aquelas palavras embaraçosas, forçando-me a admitir mais uma vez que queria o seu “leite”. — Onde é que você quer a porra, Sabrina?

Aquele cretino, infelizmente, fez com que eu repetisse, admitindo o desejo oculto, que foi forte o suficiente para possuir a minha boca e pronunciá-lo em voz alta.

— Na minha boca... — respondi, cedendo a toda a sua pressão. — Eu quero na minha boca.

Ele sorriu satisfeito com o que ouviu e voltou a meter, como se estivesse com as forças renovadas.

— Ele tá quase pronto... — Erick me informou, enquanto torturava a minha boceta com aquelas metidas. — Eu vou te dar o leitinho direto da fonte e bem quente.

Eu não consegui deixar de rir do que ele estava me dizendo.

Era estúpido, mas, ao mesmo tempo, extremamente sério — pelo menos, em relação ao meu desejo.

Realmente queria tê-lo em minha boca.

Marinho tirou o seu monstro de mim e, segundos depois, arrancou a camisinha.

No mesmo instante, eu agarrei aquele cacete com a mão, antes de abocanhá-lo, saboreando-o como se fosse um picolé suculento de carne.

O seu cacete já estava todo babado, lambuzando-me com uma espécie de “pré-goço”. Não me importei com toda a sujeira, simplesmente continuei chupando-o com voracidade, como se tivesse fome daquilo.

Eu fiz mais alguns movimentos de “vai e vem”, masturbando-o e não demorou muito para que eu percebesse que ele estava prestes a gozar.

Sem hesitar, apertei o seu cacete com força, sentindo aquelas veias grossas pulsarem em minha mão e tornei a chupá-lo, praticamente arrancando a porra de dentro dele, como se fosse uma espécie de mamadeira.

Erick não aguentou e urrou alto, sendo invadido pelo prazer.

Senti os jatos sendo disparados em minha boca e continuei chupando, arrancando mais e mais gemidos do executivo, que não conseguia mascarar os sintomas do orgasmo.

Esforcei-me ao máximo para não deixar nenhuma gotinha cair, mas parecia que aquele líquido gosmento estava se multiplicando e, conseqüentemente, escorrendo pelos cantos da minha boca.

Não demorei muito para engoli-lo, pois sabia que se continuasse com ele em minha boca, logo a ânsia me atingiria e cuspiria tudo.

Somente depois de feito, notei que aquela era a primeira vez que eu engolia a porra de um cliente.

E, estranhamente, eu adorei.

— Você deixou cair um pouco aqui — comentou o executivo, apontando para o chão, onde algumas gotinhas estavam. — Que desperdício, Sabrina.

Marinho se abaixou e limpou o piso usando o dedo indicador, que ficou todo melado pelo líquido transparente.

Eu sabia exatamente o que ele estava prestes a fazer, antes mesmo de Erick tornar a se aproximar de mim. Aparentemente, o engravatado a minha frente estava se tornando previsível.

Não esperei por um pedido seu, simplesmente chupei aquele dedo,

lambendo todo o restinho da sua porra, como se fosse um molho qualquer.

— Boa menina — elogiou-me ele, como se estivesse orgulhoso do meu desempenho.

Ouvi alguns passos aproximando-se em nossa direção e naquele momento, o meu coração disparou. Arrumei o meu vestido e Erick enfiou o membro para dentro da calça, mas todo o restante — incluindo cabelo desarrumado, roupa amassada e o volume imenso na calça do meu cliente — continuava evidente.

Uma das empregadas de Marinho apareceu, questionando se já estávamos servidos e se poderia retirar a mesa. Ela, obviamente, fingiu ignorar todos os sinais que gritavam “SEXO” em letras garrafais.

— O café da manhã estava delicioso... Comi como um touro — respondeu ele em um duplo sentido irritante. Os seus olhos esverdeados voltaram-se em minha direção. — E você, ainda está com fome?

— Eu... eu...

Não consegui concluir aquela frase.

— Quer mais um pouco de leite? — continuou ele, com um olhar sério, como se estivesse mesmo falando sobre café da manhã.

O desgraçado era muito bom.

— Eu... eu já estou servida — concluí com bastante esforço, morrendo de vergonha da empregada.

Capítulo 07 — Casa de Jogos

— E as coisas com o Wesley, melhoraram? — indaguei, já preparada para ter um tipo de conversa que não estávamos acostumadas. — Não conseguimos mais falar sobre isso desde aquele dia...

Sentei-me ao lado dela no sofá e desliguei a televisão, trazendo a atenção de Caroline para mim. Ela sabia que não conseguiria fugir daquela conversa — não mais do que já havia fugido.

— Nós conversamos e eu acho que estamos bem — a minha irmã respondeu, forçando um sorriso que não me convenceu nem um pouco.

A minha vontade era de dizer um “ótimo”, ligar a televisão novamente e mudar de assunto, falar sobre qualquer outra coisa. Mas algo me impediu de fazer isso, por mais que fosse o mais fácil e conveniente.

— Se vocês dois estivessem mesmo bem, você não estaria aqui comigo, assistindo Faustão no domingo à noite — eu insisti naquele assunto, fazendo o meu papel de irmã mais velha. Caroline continuou em silêncio, com os olhos voltados para as pernas. — Você sabe que pode me contar qualquer coisa, não é?

Pensei que ela fosse sorrir e balançar a cabeça, matando todo o assunto. No entanto, Carol levantou o seu olhar, encarando-me de forma séria e isso me mostrou que ela havia decidido me contar a verdade.

— Ele... ele terminou tudo — confessou ela com os olhos marejados. — Wes me chutou uma semana depois de transarmos pela primeira vez.

A primeira coisa que veio à minha mente foi uma imensa vontade de agarrá-la pelo pulso e ir atrás do desgraçado para dar uma surra que ele nunca mais esqueceria. Eu queria socar tanto a cara do cretino que machucaria mais o meu punho do que o rosto dele. Mas, então, a Jéssica mais sensata — aquela que deveria assumir o papel de mãe — eliminou todos esses pensamentos.

— Foi ele que te perdeu — deixei claro, levando a minha mão até a dela. Eu a apertei e forcei um sorriso. — Ele perdeu a chance de conhecer a menina incrível que você é. Já você, só ganhou com isso. É bem melhor descobrir que o cara é um babaca logo no começo.

Depois de dizer essas minhas palavras — as coisas mais reconfortantes que eu consegui pronunciar naquele momento —, eu a abracei com força, como se isso pudesse aliviar toda a dor que ela estava sentindo.

E, então, no meio do nosso abraço, o meu celular começou a tocar.

Nesse momento, eu gritei um “*não*” mentalmente, como se estivesse amaldiçoando o aparelho e a pessoa que estava me ligando.

O som do telefone fez com que Caroline se afastasse e voltasse o seu olhar em minha direção.

— Tudo bem... Pode ir — sussurrou ela, forçando um sorriso que não conseguiu me enganar. A minha irmã não estava bem. — Eu... eu vou ficar bem.

Balancei a cabeça, fingindo acreditar em sua mentira e me levantei do sofá, indo até a mesa em que o meu celular estava posicionado. Ao me aproximar, eu vi o nome “Marinho” — o que não era uma grande surpresa para nenhuma de nós duas — invadir a tela.

Peguei o celular da mesa, mas alguma coisa me impediu de atendê-lo.

Eu sabia bem do acordo que tinha com Erick, que deveria estar à sua disposição sempre que ele desejasse. Mas, naquele momento, eu precisava estar exatamente onde eu estava, com a minha irmã.

E era isso o que eu faria, independentemente do que ele pudesse pensar de mim, independentemente das consequências que eu teria que arcar.

Eu volvei o meu olhar para o sofá em que ela estava sentada e, no mesmo segundo, Carol desconfiou do sorriso destacado em meus lábios.

— O que você acha da gente fazer algo bem divertido? — propus a ela ainda com aquele sorriso animado no rosto. — Uma noite de garotas?

Durante todo o caminho, Carol tentava me convencer a voltar ou, pior, deixá-la em algum lugar e ir atrás de Erick. Em todas essas vezes, eu neguei, deixando bem claro que o único lugar em que eu queria estar era com ela — a minha única família. E, para provar, desliguei o meu celular, evitando receber outra ligação do meu único e insistente cliente.

Ela também ficou curiosa a respeito do lugar onde estávamos indo. Quando o táxi parou em frente a um bar, ela estranhou, pois sabia que eu nunca a levaria a um lugar assim — pelo menos, não em um comum.

Caroline era mais ansiosa do que eu, não se aguentou e entrou no lugar. Ao notar que o “bar”, na verdade, não passava de uma casa de jogos, ela ficou completamente surpresa. Eu reconheci aquele seu olhar, pois me lembrava de ter tido a mesma reação ao entrar ali.

— O que você achou? — questionei, fazendo uma careta. — Eu sei que não deve ser a coisa mais legal do mundo para as garotas atualmente, mas...

— Eu adorei — ela respondeu, sorrindo de uma forma que me pareceu sincera. A minha irmã olhou para a máquina de dança e apontou, rindo. — Tem até um daqueles trechos de dança!

Foi impossível não recordar da primeira vez em que entrei naquele mesmo lugar há cinco anos.

Eu estava com bastante dinheiro — praticamente toda a grana que Erick havia me deixado — e queria me divertir muito. Diferente da maior parte das garotas — que encontrariam um jeito de entrar em uma balada com apenas dezessete anos —, eu fui procurar essa diversão em uma casa de jogos.

Depois de passar um dia inteiro chorando por ter sido expulsa de casa, eu dancei bastante naquela máquina. Errei quase todos os passes, mas me diverti muito tentando acertar. O meu coquetel era, basicamente, Coca-Cola em um copo com limão e gelo.

Essa era uma das poucas lembranças boas que não envolviam o meu trabalho. Foi provavelmente a coisa mais inocente que fiz nos últimos cinco anos. E por esse motivo, quis dividir isso com Caroline, queria que ela tivesse um momento assim também.

Por mais que a minha irmã não tivesse sido expulsa de casa como eu fui, desde que ela veio morar comigo, a nossa mãe não a procurou — nem mesmo ligou para saber dela. E, por mais que Carol não demonstrasse, eu sabia que não devia estar sendo fácil para ela.

Desliguei-me de todos esses pensamentos e voltei para o presente. Nós duas nos aproximamos da máquina de dança e resolvemos começar a nossa brincadeira ali. Comprei algumas fichas e iniciamos. Escolhemos uma música de 2010, provavelmente — eu não tinha certeza —, da Lady Gaga.

Eu, a mulher que devia ser extremamente sensual e sexy, era completamente dura na dança, o meu corpo parecia uma tábua inflexível e isso fez com que Caroline risse ao me observar em minha tentativa de dançar. Nesse instante, agradei por fazer programa porque se dependesse de *strip-tease* ou qualquer outra coisa envolvendo dança, morreria de fome.

Éramos duas das poucas pessoas no estabelecimento. Ao que tudo nos indicava, essas casas de jogos já não eram tão populares quanto no tempo em que eu a visitei pela primeira vez. Lembrava-me de precisar esperar para usar uma determinada máquina, pois existia até fila. Agora, todas aquelas coisas estavam abandonadas, esquecidas pelo mundo.

— Você deve estar achando tudo isso tão idiota... — comentei, só constatando que a minha ideia de diversão havia saído de moda há, pelo menos, uns quatro anos. — Desculpe por iss...

— Eu juro que gostei — ela respondeu, interrompendo os movimentos de dança para focar toda a sua atenção em mim. — Você me conhece, sabe que se eu não tivesse gostado, já teria te dito.

Sorri em agradecimento e continuamos a dançar — ou, no meu caso, tentar dançar.

Depois de ser derrotada pela minha irmã na máquina de dança, jogamos pebolim e consegui finalmente ganhar em alguma coisa. Eu era ótima nesse jogo, mesmo não tendo jogado muito antes. Caroline não era boa defendendo, o que me rendeu vários gols. Arriscamos até mesmo no fliperama, jogando jogos que todas as pessoas já deviam ter esquecido, mas que não deixavam de ser divertidos.

Quando cansamos, sentamos em uma mesa e devoramos uma porção de batata frita com queijo. Exagerei em minha cota de gordura e açúcar, tomando até refrigerante.

Nunca fui do tipo de mulher neurótica com peso, mas o meu trabalho exigia um corpo “perfeito”. Eu precisava estar sempre magra e, para isso, tinha que manejar no açúcar, evitando certas coisas. Mas, nesse dia — assim como em todos os outros em que eu estava acompanhada da minha irmã mais nova —, eu não estava agindo como a Sabrina Lancaster.

Virei o meu pescoço para o lado, enquanto ria de algo que Caroline estava falando. Nesse momento, enxerguei alguém olhando fixamente para a mesa em que estávamos sentadas.

Tratava-se de Juliano, o antigo cliente que não conseguia deixar o meu pé.

Depois do último incidente que tivemos — o momento em que ele se jogou na minha frente e agarrou o meu braço —, eu sabia que não era uma coincidência ele estar ali, no mesmo lugar que eu, ainda mais porque eu não estava em um supermercado ou no shopping, estava em uma casa de jogos, algo que a maior parte das pessoas — principalmente as do nível dele — não costumava pisar.

Nos primeiros trinta minutos, eu e Carol terminamos de comer, voltamos a jogar, até dançamos novamente naquela máquina. Mas era impossível ignorar a presença daquele homem, simplesmente não dava.

É horrível — realmente bizarro — saber que há alguém te vigiando, assistindo a todos os seus movimentos. Foi desconfortável demais dançar enquanto ele nos observava à distância.

Mas o que mais me irritou foi ter a minha irmã ali, fazê-la ser alvo de seus olhares maliciosos. E foi isso que fez com que eu decidisse tomar uma providência.

— Eu preciso ir ao banheiro, mas já volto... É rapidinho — comentei, torcendo para que ela não se oferecesse para me acompanhar até lá, flagrando-me na mentira. — Vai treinando esses passos, porque eu estou sentindo que vou arrasar e te vencer na próxima.

Ela sorriu e tornou a se concentrar nos movimentos que estavam sendo passados pelo monitor.

Nesse instante, os meus olhos voaram em direção ao observador indesejado. Juliano sabia que eu estava indo falar com ele — no fundo, talvez ele já estivesse contando com isso quando apareceu.

Sem que a minha irmã percebesse, eu caminhei para fora do lugar, parando próximo a um poste. Não demorou muito para que o cretino aparecesse.

— Você enlouqueceu? — Essa foi a primeira coisa que deixou os meus lábios. — Qual a parte do “não” que você ainda não conseguiu entender?

— Eu só quero conversar... — respondeu ele, aproximando-se em passos lentos. Foi como se eu estivesse em frente a um leão raivoso. — Já faz dias que estou tentando, da última vez você foi embora e me deixou falando sozinho.

Ir embora e deixá-lo falando sozinho era exatamente o que eu queria fazer. Mas, como eu já havia tentado — e falhado, diga-se de passagem —, sabia que essa não era a melhor solução.

— Tudo bem... — concordei com o que ele estava me propondo. — Pode falar essa coisa tão importante que você tem pra me dizer.

Até mesmo controlei a expressão do meu rosto, tentando não soar grosseira ou algo parecido. Realmente queria que ele visse que eu estava mesmo disposta a ouvi-lo.

— Eu gosto muito de você, Sabrina — começou ele, destruindo todo o meu plano de não transparecer uma expressão de “*é sério isso?*”. — Não consigo ficar sem aquelas nossas sessões e isso está me enlouquecendo.

Respirei fundo, tentando não pronunciar um alto e raivoso “*vai se foder*”.

— Eu já te expliquei, não estou mais no mercado — respondi, tentando

me manter calma. — Eu até te indiquei outras meninas, garotas que eu sei que fazem um trabalho tão bom quanto o que eu fazia. — Tentei sorrir de forma sincera, mas tenho certeza de que transpareceu algo debochado. — Infelizmente, não tem mais nada que eu possa fazer por você.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos e, nesse instante, respirei aliviada, pois me pareceu que ele estava digerindo as coisas que eu havia lhe dito, compreendendo o que eu já havia deixado claro há muito tempo.

— Quanto é que você quer? — questionou ele, provando que eu estava errada.

Era oficial.

Ele não tinha ouvido absolutamente nada do que eu havia dito.

Ao notar a minha reação ao ouvir aquela pergunta, ele começou a rir de uma forma que me assustou.

— Ou quer mesmo que eu acredite que você virou santa, que não está mais dando por grana?

Eu sempre fui uma pessoa muito inteligente em alguns aspectos. Sabia que nunca conseguiria ganhar uma discussão no grito e, principalmente, que não valia a pena tentar alterar a minha voz.

No instante em que ele começou a ficar visivelmente alterado, eu simplesmente me afastei. Pegaria a minha irmã, daria uma desculpa bem ruim e iríamos para casa. Mas, antes que eu pudesse retornar para a casa de jogos, Juliano me agarrou pelo braço e me puxou com força, trazendo-me de volta para perto dele.

— Você não vai me deixar falando sozinho de novo... Não dessa vez... — disse ele, apertando ainda mais o meu braço. — Eu não vou ser feito de idiota por você.

Eu não sabia o que fazer ou dizer.

O cara estava criando toda uma situação em um ambiente público. As pessoas estavam olhando pra gente, como se fôssemos um casal nem noção, discutindo ao ar livre.

— Você está me machucando — respondi, puxando o meu braço em uma falha tentativa de me desprender dele.

— Eu te dei dinheiro por anos, paguei por essa merda que você está vestindo, paguei até pela porra do silicone que enche essas tetas — gritou ele, deixando-me extremamente envergonhada. E, então, Juliano começou a repetir a mesma frase, como um ser lunático. — Eu não vou ser feito de idiota por você.

Eu poderia ter dito que ele não me deu nada, que eu precisei transar com ele pela grana, pelas roupas e pela porcaria do silicone, que todos esses presentes vinham com um preço muito grande. Eu poderia ter dito que sempre que chegava em casa, corria para o banheiro e tomava banho, tentando tirar as partes dele que continuavam sobre o meu corpo. Eu poderia dizer que houve vezes em que eu senti nojo de ter o seu corpo flácido em cima de mim e que o seu bafo de cachaça com cigarro me deixou tão enjoada a ponto de ir para o banheiro do hotel vomitar na privada, instantes antes de retornar para o quarto e chupar o seu pau pequeno.

Eu poderia dizer tantas coisas, mas acabei não dizendo nada.

Mas, obviamente, isso não impediu que ele continuasse com o seu showzinho público. Algumas pessoas que estavam passando começaram a parar para acompanhar, o que me deixou extremamente desconfortável e sem saber como escapar daquela situação.

Depois de ouvir “*vadia*”, “*vagabunda*” e outras palavras me inferiorizando como pessoa, eu me desliguei e não consegui mais prestar atenção nas coisas que ele estava dizendo.

A parte mais irônica de tudo isso era que antes essas mesmas palavras eram usadas para apimentar, brincar e outras coisas — “positivas” — na cama.

E, naquele instante, elas fizeram com que eu me sentisse um lixo ambulante.

— Você me entendeu? — continuou ele ainda com os dedos fechados sobre o meu braço. — Eu não quero saber se você está ou não fazendo ponto, vagabunda... Só tenha em mente que eu tenho direito, que eu paguei por você.

Todas as pessoas que haviam parado para assistir a discussão — homens e mulheres —, limitavam-se apenas a observar. Ninguém tentou me ajudar, pedir para aquele babaca soltar o meu braço e parar de gritar comigo.

No fundo, eu sabia que a maior parte deles — principalmente os homens — devia estar do lado do cara.

Eu era apenas a puta que não tinha valor.

Quando notei que ninguém apareceria para me salvar, tornei a puxar o meu braço, tentando me afastar daquele homem nojento. Mas ele era mais forte do que eu e não estava facilitando muito as coisas.

Então, notei que ele não queria apenas me obrigar a continuar com os programas, ele queria me humilhar em frente a todas aquelas pessoas. Ele queria que eu me sentisse exatamente da forma como eu já estava me sentindo, como

algo nojento e sem valor.

Ele estava tentando me quebrar e me fazer pronunciar um “*tudo bem, você tem razão. Eu sou mesmo uma puta sem valor e vou voltar a sair com você*”.

A parte irônica — mais uma para a conta da noite — era que eu era tão nojenta, inútil e descartável que Juliano estava ali, me forçando a continuar com ele. Ou ele queria um lixo ou eu valia bem mais do que ele estava tentando me fazer acreditar.

Mas, nesse instante, autoconfiança e amor próprio não me livrariam desse cara. Eu precisava ceder, nem que fosse para conseguir fugir depois de fazê-lo acreditar que voltaríamos a ter as mesmas coisas de antes.

— Tudo bem, n...

As minhas palavras foram interrompidas por um braço que avançou em nossa direção. Um punho acertou em cheio o rosto de Juliano, fazendo com que ele fosse para trás e, conseqüentemente, soltasse o meu braço.

Eu teria corrido para dentro do estabelecimento onde se encontrava a minha irmã se não tivesse reconhecido o dono daquele punho.

O terno caro, o corte de cabelo e o corpo eram inconfundíveis, não me dando margens para nenhuma dúvida.

Erick derrubou o meu antigo cliente com mais um soco e, nesse instante, eu não gritei para que ele parasse, tampouco me coloquei entre os dois.

A verdade — e talvez o principal motivo pelo qual eu continuava ali parada — era que eu queria ver Juliano sendo ferido, queria ver o sangue escorrendo de seu nariz. Eu queria me sentir vingada por toda a humilhação que ele me fez passar.

Isso não era a coisa mais certa a ser sentida, mas era o que eu estava sentindo no momento.

Depois do terceiro soco e de se certificar de que o adversário não se levantaria mais, Marinho se afastou e se aproximou de mim, parando bem à minha frente.

— Você está bem? — perguntou o executivo, olhando dentro dos meus olhos.

Eu não consegui mentir, então balancei a cabeça negando.

Eu não estava nada bem.

— Está machucada? — continuou ele, ignorando todas as pessoas que

estavam à nossa volta. Ele se concentrou apenas em mim. — Ele te machucou?

— Não... — respondi com um pouco de dificuldade.

Quando os seus dedos se entrelaçaram com os meus — a sua tentativa de me afastar daquele lugar —, lembrei que a minha irmã continuava na casa de jogos.

— A Carol... Ela ainda está lá dentro — informei Erick, já me virando para rumar em direção ao estabelecimento. — Eu tenho que...

Mas ele me impediu de prosseguir.

Segurou-me pelo braço de uma forma que me surpreendeu, pois não foi algo bruto como Juliano havia feito. Marinho estava sendo cuidadoso de uma forma que nunca havia acontecido — talvez com exceção do dia em que nos conhecemos.

Ele acenou para alguém e não demorou muito para que o seu motorista aparecesse.

— Leve-a para o carro — ele disse para o homem antes de voltar o seu olhar para mim. — Deixe que eu cuido da sua irmã... O.K.?

Marinho não estava se oferecendo ou perguntando se eu queria, ele estava afirmando que iria buscá-la lá dentro enquanto o seu motorista me levava para o carro, afastando-me de toda aquela cena.

E foi exatamente isso o que aconteceu, fui para o veículo estacionado a alguns metros e o executivo entrou na casa de jogos para pegar a minha irmã.

Capítulo 08 — Band-Aid's

O tempo que levamos para chegar ao meu apartamento foi mais do que o suficiente para eu me recompor. Ter a minha irmã ao lado também me ajudou a voltar para a realidade, pois eu tive que me esforçar para “*estar bem*” e não demonstrar o quanto o meu psicológico havia sido ferrado por aquele incidente com Juliano.

Infelizmente, eu não consegui esconder dela que um antigo cliente me atacou. Erick foi buscá-la com o punho todo ensanguentado, o que colaborou para que ela entendesse que algo muito errado havia acontecido.

Mas nós não falamos disso no carro, seguimos em silêncio durante praticamente todo o percurso — com pequenas exceções, os momentos em que Marinho comentava algo, tentando deixar o clima menos insuportável e pesado —, todo aquele silêncio ajudou para que eu me reorganizasse.

Quando chegamos ao prédio em que eu morava com a minha irmã, Marinho nos acompanhou até o apartamento e eu o convidei para entrar — e pude ver em sua expressão que o meu gesto o havia surpreendido.

Pedi para que a minha irmã fosse pro quarto e ela não tentou contrargumentar. Eu não precisei inventar nenhuma desculpa, pois Caroline percebeu que eu precisava conversar com Erick e nos deixou a sós.

Usei o pretexto de fazer um curativo em sua mão para segurá-lo por mais tempo em meu apartamento. Fiz com que Marinho se sentasse em uma das cadeiras da cozinha e fui até o armário pegar a caixinha de primeiros socorros que eu tinha guardada.

Depois de ouvir algumas histórias nos eventos de Márcia — coisas que me deixaram bem assustada —, eu comprei uma dessas caixinhas, para não estar desprevenida caso um “acidente” envolvendo um dos meus clientes acontecesse. Alguns fetiches eram tão sem noção, que eu me sentia mais segura em ter uma caixa cheia de *band-aid*, gaze, alguns comprimidos genéricos para a dor e outras coisinhas que ajudariam bastante.

Coloquei a caixinha em sobre da mesa e puxei o braço de Erick, colocando-o ali também.

A primeira coisa que eu fiz, foi limpar o machucado, removi todo o sangue que tinha se acumulado naquela região. Como se estivesse tentando manter a sua pose de machão, ele não gritou e nem fez nada parecido quando eu comecei a higienizar com o álcool. Erick se limitou a fazer uma careta, como se

pudesse maquiar que também sentia dor, assim como todas as outras pessoas.

Era como se ele estivesse sempre tentando provar o quanto era forte e “macho”. Em alguns momentos — como naquela mesa —, transparecia ser algo bem mais pessoal. O meu cliente não estava tentando mostrar isso pra mim ou para outra pessoa, ele estava tentando — constantemente — provar isso para si mesmo.

Ainda segurando a gaze que havia mergulhado no álcool, eu volvei o meu olhar para o seu rosto.

— Como é que você sabia que eu estava naquela casa de jogos, Erick? — questionei-o, optando por ser bem direta e objetiva. — Eu não liguei pra você e tenho certeza que o meu celular estava desligado, então não tinha como você ter me rastreado por ele.

Ele sorriu e levantou o olhar, como se estivesse questionando mentalmente “*é sério isso?*”.

— Esse é o momento em que você me agradece por ter livrado a sua pele daquele louco — ele respondeu, tornando a expressão facial um pouco mais séria do que antes. Sua voz soou de forma tão confiante que quase me fez agradecê-lo. — A tua sorte é que você tem um cara como eu pra te proteger desses babacas.

Com toda a certeza, “*sorte*” seria a última palavra que eu usaria por estar presa a um homem como ele.

Esfreguei a gaze em seu machucado e, dessa vez, ele gritou com aquela sua voz grave.

— Resposta errada — rebati, não caíndo naquele seu papinho de “*meu herói*”.

Ele afastou a mão machucada de mim, tirando-a da mesa.

— Eu é que deveria estar te fazendo perguntas — retrucou Erick visivelmente irritado, instantes antes de se levantar. — Nós tínhamos um acordo e você estava de papinho com aquele cara, um homem que já foi o seu cliente.

Eu não acreditei que estava mesmo ouvindo aquilo dele. Nesse instante, levada pela raiva, eu quase caí em sua arapuca, iniciando uma discussão em uma tentativa de explicar que Juliano havia me atacado porque deixei de atendê-lo para cumprir com esse mesmo acordo idiota que possuíamos — algo que Marinho já devia saber.

E era isso o que ele esperava que eu fizesse.

O executivo queria que eu me esquecesse do verdadeiro motivo de toda a

nossa briga, ele estava pensando que eu o deixaria sair impune depois de pegá-lo no flagra.

— Ele estava me perseguindo e, pra que fique claro, só me atacou porque eu estava cumprindo o nosso contrato — comentei, aproximando-me ainda mais dele. — A única coisa sem explicação aqui é como você sabia da minha localização. — Não consegui deixar de rir da expressão “*menino inocente*” que ele mantinha. — Ou você é um deus com a capacidade de saber de todas as coisas ou é um grande filho da puta.

— Não, Sabrina. Ao contrário do que você pensa, infelizmente, eu não sou onipresente e não sabia que aquele louco estava atrás de você... — ele debochou, aumentando o seu tom de voz, provavelmente tentando me vencer no grito. — A sua sorte é que eu estranhei o fato de você não atender as minhas ligações e decidi ir atrás de você.

E, mais uma vez, ele estava tentando escapar, mudando totalmente o rumo das coisas.

— Isso ainda não explica como você sabia onde eu estava... — retruquei, não abrindo mão disso. Voltei a minha atenção para o seu rosto, mostrando que não seria tão fácil me fazer desistir. — Quando você apareceu sem eu te ligar, foi como se tivesse uma porra de rastreador em mim.

Ele ficou em silêncio e pude notar a sua expressão mudar ao ouvir a palavra “*rastreador*”. Por mais que ele disfarçasse bem, percebi a tensão tomando conta de seu rosto.

— Desgraçado...

No mesmo instante, eu caminhei até o sofá, onde tinha jogado a minha bolsa e despejei todas as coisas que estavam dentro dela em cima do móvel. Derrubei maquiagem, celular, moedas, lenços de papel e várias outras coisas.

— Onde está? — questionei enquanto vasculhava todos aqueles objetos com os meus olhos. — Onde está a porcaria do rastreador, Erick?

Ele continuou em silêncio e isso me tirou ainda mais do sério.

Foquei nos objetos que estavam jogados sobre o sofá e fui eliminando as coisas que sempre estiveram comigo — que ele não poderia ter acesso. E nessa minha mesma análise, a última coisa que restou foi o crachá que ele me entregou quando estávamos em sua casa.

Eu peguei a porcaria do cartão e me virei, mostrando o objeto para ele.

— Você é um filho da puta mesmo... Um cretino... — Estava tão nervosa que não conseguia nem xingá-lo direito. — Como eu pude ser tão burra

a ponto de carregar isso comigo, de cair na sua conversinha? — Passei a mão sobre o meu cabelo, tirando-o do meu rosto. — Eu assinei um contrato de exclusividade, não um de posse.

Marinho se aproximou e puxou o crachá da minha mão.

Ele detestou ser contrariado.

Mais do que isso, ele detestou ouvir que estava errado.

— Se não fosse essa merda aqui, você estaria, literalmente, nas mãos daquele cara — respondeu ele, tentando justificar algo que não tinha justificativa. Erick abaixou o olhar, voltando-o para o chão. — Só por conseguir te salvar daquela situação, já valeu a pena ter colocado um rastreador em você. — A sua cabeça se levantou e o seu olhar pousou em meu rosto. — Eu faria tudo de novo sem pensar duas vezes.

Então, ele jogou o cartão em cima do sofá, junto com as minhas outras coisas e endureceu o olhar.

— Da próxima vez que eu te ligar, atenda a porra do celular! — ele prosseguiu, deixando toda a delicadeza e cuidado para trás. — Se você não atender, pode ter certeza de que eu vou te encontrar, Sabrina.

O executivo foi até a mesa, pegou um pouco da gaze da minha caixinha e colocou sobre a ferida aberta em sua mão.

De costas para mim, ele finalizou: — E nem adianta jogar esse cartão fora... Eu vou encontrar outra forma de te rastrear, principalmente agora que eu sei sobre esse cara e todos os outros que podem estar tentando ter você de volta.

Marinho não me deu a chance de dizer mais nada, ele simplesmente saiu do meu apartamento, deixando-me sozinha, finalmente dando-me tempo para refletir e digerir tudo o que havia acontecido — e o que ainda estava acontecendo.

Capítulo 09 — Mudanças

Eu senti uma imensa vontade de destruir a porcaria do crachá, de quebrá-lo e pisar em cima até que a droga daquele rastreador estivesse completamente exterminado da face da terra, mas eu não o fiz.

Sem dúvida nenhuma, era melhor saber o que Marinho usava para me rastrear do que destruir isso e ele usar uma espécie de plano “B” que eu desconhecia.

Mas o problema que ficou em minha mente não foi o crachá, tampouco a forma doentia com que Erick queria me manter sob o seu controle. Depois do incidente na casa de jogos, foi impossível não ficar com medo sempre que eu colocava os meus pés para fora do apartamento.

Nos primeiros dois dias, eu até tentei ignorar esse sentimento que vinha em forma de incômodo, mas quando notei que a minha irmã estava passando pela mesma sensação de medo, deixei de ignorar isso e aceitei que eu precisava me mudar, que precisava ir para um lugar onde Juliano e todos os meus antigos clientes não pudessem me encontrar.

Depois de ter isso definido em minha mente, compartilhei essa ideia com Erick — antes mesmo de contar ao Henrique, o meu melhor amigo.

— Não vai funcionar — respondeu o executivo, assim que comentei sobre a mudança. — Se esse cara tiver um terço dos recursos que eu possuo, ele vai acabar te encontrando... Será apenas uma questão de tempo.

E foi como um balde de água fria na minha cabeça.

Por mais que eu quisesse me enganar, achar que tudo se resolveria com uma simples mudança, bem lá no fundo, eu sabia que ele estava certo, de que estava usando um pequeno curativo para tapar um buraco de bala.

— Mas você não precisa se preocupar com mais nada... Eu já cuidei de tudo — Marinho continuou, deixando-me em dúvida sobre o que exatamente ele estava falando. Felizmente, não precisei jogar verde para descobrir a resposta. — Eu contratei um segurança e um motorista. Eles vão acompanhar e garantir a segurança de vocês duas.

— Você contratou o quê?

Não estava acreditando no que tinha acabado de ouvir.

— Você quer mesmo que eu repita ou essa é a sua forma de me dizer que não gostou? — debochou Erick, irritando-me com aquele seu sorrisinho

sarcástico. — Agora a sua irmã vai poder ir pra escola mais tranquila e você não vai se preocupar em cruzar com aquele desgraçado de novo.

A ideia — teoricamente — realmente era boa, eu e Caroline nos sentiríamos mais seguras com alguém encarregado de nos proteger. No entanto, eu não era tão idiota a ponto de não enxergar toda a situação. Na prática, toda a proteção que Erick estava oferecendo era uma nova espécie de rastreador — o seu “plano B”.

Marinho não queria só me manter presa a ele — fechando as suas garras em torno de mim —, queria acompanhar a cada um dos meus passos, por menor que eles fossem.

E ele estava conseguindo, eu autografei a minha sentença no instante em que assinei aquele contrato.

Mesmo sabendo de tudo isso, eu não conseguiria recusar a sua oferta — não correndo aquele tipo de perigo, não com a minha irmã envolvida nisso junto comigo.

— Obrigada... Por tudo — eu agradeci, tentando deixar todos os pensamentos contrários de lado. Ainda que ele tivesse segundas intenções, realmente me ajudou naquele dia, resgatando-me dos braços daquele lunático. Ele me levou para casa em segurança, era impossível não me sentir grata. — A Carol vai se sentir mais segura assim... — Depois de um sorriso envergonhado, eu completei, admitindo: — Eu vou me sentir mais segura assim.

O homem a minha frente sorriu e se virou, pronto para ir embora.

Quando Marinho estava prestes a passar pela porta e me deixar sozinha, eu o interrompi, impedindo-o de fazer isso: — Eu... eu não joguei o crachá fora.

Ele ficou parado por alguns segundos e eu tive a impressão de que ele riu — provavelmente satisfeito.

A confirmação veio alguns instantes depois.

— Boa garota — respondeu ele antes de cruzar a porta, deixando o meu apartamento.

Depois de ouvi-lo dizer o “*boa garota*”, segundos antes de me deixar sozinha, eu me detestei por tê-lo agradecido alguns minutos antes.

“*Obrigada por tudo*”?

Eu era muito idiota.

E Erick, definitivamente, um autêntico filho da puta.

Passei alguns instantes analisando o meu xingamento — o “*filho da*

puta” — e notei que somente o fato de eu estar chamando alguém de “puta” já desmantelava completamente com aquela ofensa.

— É impressão minha, ou ele disse “*boa garota*”? — questionou Caroline ao sair de seu esconderijo.

Sempre que Marinho nos dava o ar de sua graça, a minha irmã dava um jeito de desaparecer. Corria para o quarto, entrava no banheiro ou simplesmente saía para o mercado, ela fazia qualquer coisa para evitar estar no mesmo lugar que ele.

— Ele é um babaca — argumentei, tentando justificar as coisas idiotas que deixavam a sua boca.

Ela abriu a geladeira e pegou a caixa de leite.

— Um babaca que salvou a nossa pele... — ela respondeu, fisgando a minha atenção.

Aproximei-me de onde ela estava e a abracei por trás, sussurrando “*me desculpe*”, enquanto eu me esforçava para não começar a chorar.

Ela se virou e voltou o seu olhar para mim.

— Você não tem pelo que se desculpar... — ela disse com os olhos marejados. — Eu... eu só estou com medo de te perder também e não me restar mais ninguém.

Levei a minha mão até a dela e a apartei.

— Você não vai me perder... — Eu forcei um sorriso, enquanto as lágrimas desabaram pelo meu rosto. — Eu sou uma pessoa bem difícil de se livrar, você vai ter que me aturar por mais um tempo.

Eu a puxei para um novo abraço e disse o famoso “*nós vamos ficar bem*”, aquela típica mentira que dizemos torcendo para se tornar uma verdade.

Capítulo 10 — Chamado Inesperado

Eu comprei uma carta do baralho — um nove de copas —, o que me possibilitou fazer o meu segundo “parzinho”. Dessa forma, faltava apenas um quatro de paus pra que eu batesse, vencendo o jogo depois de tantas rodadas.

Caroline comprou uma carta e descartou um dois de ouro.

— Bati — anunciou Rick no instante em que a minha irmã descartou a carta. Depois de sorrir, ele colocou os pares sobre a mesa, provando que realmente havia me vencido. — Acho que com essa rodada, eu eliminei vocês duas e venci o jogo.

Revirei os meus olhos, não acreditando. Eu estava a uma carta de ganhar a partida de pife, mas o sortudo do Henrique foi bem mais rápido do que eu.

— Ou você é muito bom ou a gente é muito ruim — reclamou Carol, levantando-se do chão. Ela deixou as cartas de baralho na mesinha de centro e se afastou, dizendo: — Eu estou morrendo de sono e cansada de perder, então boa noite gente.

Eu compreendia bem a parte do “*cansada de perder*”, Rick realmente era bom.

Quando a minha irmã se afastou de onde nós estávamos sentados, os olhos do meu amigo voaram em minha direção. E, pela expressão de seu rosto, eu soubia exatamente o que ele me diria.

— Como é que estão as coisas com o bonitão? — indagou ele, não perdendo a oportunidade. — Ele já te fodeu amarrada ou ainda está naquela mesma pegada light.

— Eu não o vejo desde o dia em que ele contratou o segurança — respondi, ignorando completamente a parte do “*ele te fodeu amarrada?*”, enquanto organizava as cartas espalhadas. — Ele está viajando a trabalho... — Voltei a minha atenção para Rick e sorri. — Ou está visitando outra garota de programa que assinou um contrato de exclusividade com ele... Eu não duvido.

— O fato é que eu não o vejo há dias — completei, esforçando para soar como se eu não me importasse com isso, como se fosse algo bom. — É sempre ótimo tirar uma folga desses caras.

Ele desviou o olhar e sorriu, como se a minha frase anterior fosse uma espécie de piada.

— Tá bom, eu vou fingir que você não está sentindo falta dele...

Eu o fuzilei com o meu olhar, mas nem mesmo essa agressividade o faria ter outra impressão sobre a minha relação com Erick. Estava ficando cada vez mais óbvio que eu me importava bem mais do que deixava transparecer.

— Acho melhor eu ir também... — ele disse, levantando-se do chão. — Como eu não tenho exclusividade com ninguém, sou obrigado a ralar. Antes que eu pudesse contra-argumentar, dizendo que a exclusividade não era um paraíso na terra, o meu amigo tornou a falar. — Eu tenho um programa marcado com o Afonso... Ou seja, eu vou literalmente ralar.

Afonso era daquele tipo de cliente que ninguém queria ter — com exceção dos mais necessitados mesmo. Além de chato — do tipo que não calava a boca nem durante o sexo —, demorava muito para “*chegar lá*” e se dar por satisfeito.

Henrique realmente ralaria.

— Boa sorte com isso — comentei e o acompanhei para fora do apartamento.

Depois que eu abri a porta, encontramos o segurança do lado de fora, “*cuidando do local*”. Henrique deu uma olhada nele e voltou os seus olhos para mim. Sem que o cara notasse, ele movimentou os lábios dizendo “*ele é muito gostoso*” sem som.

Concordei sorrindo e dei boa-noite, tanto para o meu amigo quanto para o segurança “*gostosão*” que Erick havia contratado, antes de fechar a porta.

Ainda não estava acreditando que eu tinha seguranças — sim, no plural —, Rodolfo assumia o primeiro turno, que pegava da manhã até de tardezinha e Douglas — o cara que estava do lado de fora — assumia, passando a noite inteira cuidando para que nenhum louco invadisse o meu apartamento.

No início, eu não concordei com a ideia, mas Marinho fez questão. Ele usou a justificativa de que havia conseguido invadir o meu prédio duas vezes, simplesmente oferecendo dinheiro para o porteiro. De acordo com o seu ponto de vista, se ele tinha conseguido entrar sem a minha autorização, Juliano também entraria. E como eu já não morava mais sozinha — tinha que pensar na segurança de Caroline também —, acabei cedendo, mesmo sabendo que esses mesmos seguranças deveriam possuir uma missão secreta — a de vigiar cada um dos meus passos.

Quando fiquei sozinha, após Henrique ir embora e Caroline dormir, eu voltei para a sala e comecei a organizar a bagunça deixada pela nossa pequena sessão de jogos. Enquanto eu colocava o baralho dentro da caixinha, ouvi o meu celular vibrando em cima da mesa.

Como ele não tocou — indicando-me que *“Marinho precisava de mim”* —, eu não dei muita importância e continuei com a limpeza. Levei todos os copos para a pia, lavei a louça que já estava fazendo aniversário ali dentro e aproveitei para passar um pano na mesa engordurada.

Somente trinta minutos depois, eu fui pegar o meu celular para verificar as notificações.

E havia uma mensagem de Erick — o real motivo do meu celular vibrar naquele momento. Como ele detestava esperar por qualquer coisa, eu não perdi mais tempo e abri a sua mensagem.

“Eu quero te ver ainda hoje.

Vou mandar o meu motorista te pegar daqui a uma hora”.

Nem mesmo um *“boa-noite”* ou um gentil *“está tudo bem com você, Sabrina?”*. A pior parte era o *“vou mandar”* na segunda frase, eu conseguia ler com a voz dele.

Era a primeira vez que ele me “convocava” através de uma mensagem de texto. O cretino não se esforçava mais nem para me ligar, me tinha na palma de suas mãos e não fazia questão de disfarçar.

Erick certamente havia acabado de chegar da viagem e estava precisando “relaxar” e nada melhor do que uma noite com a funcionária preferida dele, não é mesmo?

Faltava cerca de meia hora para que o motorista dele chegasse. Então, aproveitei esse tempo para tomar um banho bem caprichado, consegui até pensar um pouco na vida debaixo d’água. Quando sai do chuveiro, eu coloquei um vestido preto simples, sapatos de salto e mantive o meu cabelo solto. Para finalizar, eu peguei uma bolsinha de mão — com algumas coisinhas que eu poderia vir a precisar.

Como essa era a volta de Marinho, eu sabia que ele poderia apimentar um pouco as coisas em cima da cama. Peguei até mesmo um vidro de lubrificante, para estar prevenida caso ele quisesse sexo anal.

Quando terminei de me arrumar, o interfone tocou. Atendi e tive a minha confirmação, o motorista dele já estava me esperando lá embaixo.

Dessa vez, eu não encontrei Erick sentado no banco traseiro do carro. Tive que me contentar em seguir viagem apenas com o Fernando — finalmente aprendi o nome do cara que estava sempre me buscando.

E, assim como da última vez em que nos vimos — no sentido mais sexual da coisa —, eu fui levada para a sua casa, no centro da cidade. Já estava

começando a sentir falta do quarto de hotel no *Star Palace* — as chances de eu cruzar com a sua esposa eram bem menores por lá.

Desci do carro e fui acompanhada pelo Fernando até a porta. Eu o agradei e adentrei a mansão de Marinho, já me esforçando para não transparecer toda a minha animação no momento em que eu o visse. Eu não queria que ele ficasse agindo de forma convencida pelo restante da noite — exatamente o que ele faria se soubesse que eu havia sentido a sua falta.

Mas, diferentemente do que eu pensei, não foi o executivo que apareceu para me recepcionar.

Victória se colocou à minha frente e, assim como sempre acontecia quando ela dava as caras, eu fiquei envergonhada, sem saber como reagir.

Era impossível não me sentir daquela maneira em frente à mulher do meu cliente, por mais que ela demonstrasse não se importar com o fato de ele a trair comigo de forma tão explícita.

— O Erick... Ele me chamou... — eu disse a ela, torcendo para que Marinho aparecesse logo e me resgatasse daquela situação desagradável. — Eu...

— Não... Ele não está aqui. Fui eu que chamei você — ela respondeu, dando três passos e se colocou à minha frente. Victória levantou a mão direita e me mostrou o aparelho celular que pertencia ao marido. — Ele chegou tão cansado que acabou esquecendo isso aqui.

Fechei os meus olhos, não acreditando no que estava acontecendo.

Tudo o que eu menos queria era um confronto idiota.

— Eu não estou entendendo nada... — comentei realmente confusa sobre toda aquela situação. Da última vez que nós “conversamos”, Victória não pareceu desgostar da ideia de me ter ali, nos braços do marido dela. — O que você quer com...

— Eu preciso de você! — ela me interrompeu mais uma vez. — Você é uma espécie de contratada do meu marido, o que te torna, automaticamente, uma contratada minha, não é? — Eu balancei a cabeça confirmando, mesmo sem compreender o real objetivo dela com aquilo. Pelo menos, até Victória pronunciar a sua próxima frase. — Eu preciso dos seus serviços...

Foi como levar um soco na cara.

Eu fiquei completamente desorientada — ainda mais do que eu já estava, diga-se de passagem.

No instante em que eu entendi toda aquela situação — o que ela queria

comigo —, eu não consegui disfarçar o meu espanto, isso ficou muito evidente em meu rosto.

— Me desculpe... Eu juro que não tenho nada contra... — comecei a dizer, ainda sem ter ideia de como falaria aquilo. — Mas é que eu... eu não faço isso... Esse tipo de serviço, com uma mulher... Desculpe...

Ela arregalou os olhos e fez uma careta, antes de balançar a cabeça negando.

— O quê? Não... não... Credo... Eu não quero transar com você, se é o que está pensando! — respondeu ela, tornando tudo ainda mais constrangedor. — Eu preciso de você pra uma outra coisa... Algo que, definitivamente, não envolve sexo.

Respirei aliviada e balancei a minha cabeça, concordando e esperando pelo restante de suas palavras.

Só pelo fato de não ser sexo, eu já estava saindo no lucro.

— Qual é o melhor lugar dessa cidade pra encher a cara e dançar a noite inteira?

Capítulo 11 — Cat’s Club

Uma pequena parte minha — aquela mais inocente —, achou que eu só precisaria indicar uma balada qualquer para a esposa de Erick, que depois disso eu poderia voltar para casa e finalmente encostar a minha cabeça em um travesseiro macio, antes de cair no sono.

No entanto, em menos de uma hora, nós estávamos chegando ao “*Cat’s Club*”, que podia até não ser o melhor lugar da cidade para “*encher a cara e dançar a noite inteira*”, mas que, pelo menos, era o melhor que eu conhecia.

Tomei bastante cuidado em indicar um lugar que se encaixasse com o alto padrão que ela possuía. Eu não podia levá-la para um lugar qualquer, cheio de pessoas que Victória consideraria “*podres demais*” para dividir o mesmo ambiente que ela. Conhecia muita gente como a esposa de Marinho e, dificilmente, os seus narizes não eram empinados.

— Ah, qual é, garota? Sair comigo não deve ser tão ruim assim... — comentou ela, voltando os seus olhos cinzentos em minha direção. Eu sabia que a ruiva estava se referindo à minha expressão de poucos amigos, que evidenciava a minha vontade de estar ali, fazendo companhia para ela. — Você aguenta passar horas e horas com o idiota do meu marido... Você até fode com ele, o que, convenhamos, não é lá muito bom... — Depois de rir de forma debochada, ela completou: — E eu falo por experiência própria. — Ela tirou as madeixas ruivas que atrapalhavam a sua visão e tornou a focar em mim. — Então, qual é a sua dificuldade de realmente fazer uma coisa divertida?

Por sorte, ela não estava esperando por uma resposta da minha parte, pois, naquele momento, eu não tinha nada de positivo para lhe oferecer.

Nós descemos do veículo e, em um olhar de relance para o lado esquerdo, eu notei que Fernando não estava gostando muito da ideia de deixar a esposa e a amante de seu chefe — que, definitivamente, não era dos mais compreensivos — em frente a uma danceteria, mas, naquele pequeno instante, quem estava no comando não era Erick e a ruiva deixou isso bem claro.

A mulher de Marinho me puxou pelo braço, arrastando-me para longe do motorista, que só parou de nos acompanhar quando ela lhe lançou um olhar de desaprovação e ele entendeu que não era bem-vindo.

— Fernando é um traidor... Não vai demorar muito pra ele encontrar uma forma de avisar o Erick que estamos aqui — ela sussurrou enquanto apressava os passos, fazendo-me andar ainda mais rápido. — E isso significa que

nós temos que aproveitar o máximo de tempo possível.

Eu balancei a minha cabeça concordando com Victória, mas, mentalmente, torcia para que o marido dela não demorasse muito a chegar.

A grande verdade era que eu não tinha a mínima ideia do porquê ela estava fazendo isso, me arrastando — a amante do marido dela — para uma balada idiota, como uma adolescente mimada e imprudente.

“*Ela não tem nenhuma amiga?*” questionei mentalmente, ainda não conformada por estar perdendo uma noite de sono, além de estar sendo obrigada a fingir que gostava dela.

Fora toda a minha má vontade, de certa forma, eu estava como uma espécie de responsável. Ainda que a ideia fosse de Victória, eu sabia que se acontecesse alguma coisa com ela, Marinho colocaria a culpa em mim, acusando-me de levar a sua esposa para o mau caminho — ou algo parecido com isso.

Sim, eu estava completamente fodida e tinha que fingir que estava gostando do arrombamento.

Nós entramos em uma fila e eu já tirei a minha identidade da bolsa, pois conhecia bem o procedimento rígido do lugar. Diferentemente de mim, Victória demorou um século para encontrar a dela, o que acabou congestionando todo o “trânsito” ali na porta. Parecia que ela estava indo a um dos eventos de Márcia, onde alguém com uma lista de convidados perguntaria o seu nome e a deixaria passar.

— É só você aguardar um instante que eu acho a porcaria da identidade... Ficar me pressionando não vai ajudar em nada... — ela respondeu quando o homem à sua frente a apressou, sinalizando de que havia várias outras pessoas esperando para entrar. Ela pegou o documento e o entregou a ele. — Viu só como não foi tão difícil ter um pouquinho de paciência?

A minha vontade era de mandá-la fechar a droga da boca, dizer que se ela continuasse agindo daquela forma nós seríamos expulsas antes mesmo de entrar no lugar — ou pior, linchadas pelas outras pessoas da fila que ela congestionou.

Depois de finalmente passarmos pela verificação — provando que não estávamos com nenhuma arma ou colete bomba —, adentramos a casa de festas. Mas assim que passamos pela grande porta, a mulher de Erick empacou, travando no meio do caminho.

— Eu... eu acho melhor a gente ir embora... — ela disse, depois de um longo tempo em silêncio. — Eu não sei o que me deu... Não devia ter vindo.

O medo era evidente em sua expressão facial, qualquer um poderia ver. A forma hesitante que o seu corpo queria ir pra frente, mas, ao mesmo tempo, resistia a sair do lugar. Somente nesse instante, eu notei que essa era a primeira vez que ela pisava em um lugar como o que estávamos — e, só então, eu deixei de julgá-la por ter me arrastado para a maldita balada.

— A gente já está aqui... Tem certeza que não quer encher a cara e dançar a noite inteira? — comentei, repetindo as palavras que ela havia usado em sua casa, quando me convenceu a embarcar nessa loucura.

Ela voltou os seus olhos em minha direção e, então, tornou a olhar para a multidão que enchia o ambiente. Era bem mais do que evidente que ela precisava daquilo, de que estava desesperada por uma válvula de escape. E talvez esse — o puro desespero — fosse o motivo para ela ter me arrastado junto.

A expressão transparente de seu rosto me contou tudo o que eu precisava saber. Os olhos cinzentos da mulher ao meu lado pareciam brilhar mais do que as luzes coloridas do “*Cat’s Club*”; ela estava encantada — por mais que o medo a impedisse de dar o primeiro passo.

— Não pode ser tão ruim assim, não é? — brinquei, puxando-a pelo braço e a arrastando para o meio das pessoas. Eu a levei para a pista de dança e comecei a me movimentar do meu jeito desengonçado de dançar. — O lado bom é que metade das pessoas daqui dança muito mal e a outra metade está bêbada demais para prestar atenção no que estamos fazendo.

Ela riu e tentou acompanhar os meus movimentos, mas acabou interrompendo-os para começar a rir.

— Eu acho que não vou conseguir dançar antes de ficar bêbada... Muito bêbada — respondeu Victória, fazendo-me sorrir por me identificar com o seu comentário. Entendi exatamente o que ela estava me dizendo. — Onde fica o bar?

Eu a levei para o outro lado do salão e me surpreendi ao descobrir que o bar continuava no mesmo lugar, mesmo fazendo mais de dois anos que eu não aparecia por ali.

Nós duas paramos em frente ao grande balcão. Atrás dele, estava posicionado um cara loiro — um muito bonito, diga-se de passagem —, que nos encarava apreensivo, certamente aguardando pelo nosso pedido.

— O que duas mulheres tão lindas fazem desacompanhadas? — questionou o loiro, com um sorriso malicioso nos lábios.

“O marido dela, que também é o meu amante, não estava em casa”

pensei, quase pronunciando em voz alta.

Por mais que ele tivesse se dirigido a nós duas, os olhos dourados dele estavam fixos em Victória.

A ruiva ao meu lado retribuiu o olhar quarenta e três do barman.

— Eu... eu quero a coisa mais forte que você tem aqui — pediu ela, fazendo-me lançar um olhar de reprovação em sua direção. A esposa de Marinho olhou pra mim e disse, se justificando: — Aquele desgraçado vai aparecer a qualquer momento e acabar com a minha noite... Então eu tenho que ficar bêbada logo.

Eu optei por não discutir com ela.

Se a mulher de Erick Marinho queria beber, então eu a deixaria beber.

— E ela vai querer o mesmo que eu — completou Victória, fazendo o atendente bonitão colocar uma dose pra mim também. Antes que eu pudesse contra-argumentar, ela continuou. — Eu me recuso a passar por isso sozinha.

Como eu já estava ali no bar, não me faria de difícil — pelo menos, não mais do que já havia feito. Bebida de graça não era uma coisa fácil pra eu recusar — ainda que eu não soubesse exatamente o que o barman colocaria em nossos copos.

O barman delícia — o apelido carinhoso que encontrei — colocou dois copos sobre o balcão e se virou, caminhando para a estante de bebidas a nossa frente. Ele apanhou uma garrafa azulada e retornou.

Assim como havia acontecido há poucos minutos, o seu olhar encontrou a ruiva sentada na banquetta ao meu lado. Ele abriu a garrafa e serviu duas doses.

— Não é mais forte do que eu, mas acho que vai te deixar bem alta — ele disse de forma confiante, engolindo-a com o seu olhar. — E se ela não der conta do recado, eu ainda estou aqui.

Victória riu e pegou o copo, aparentemente constrangida com a xavecada que havia acabado de receber.

— Essa é, provavelmente, a cantada mais estúpida que eu já recebi na vida... — ela respondeu, arrancando o sorrisinho bobo do rosto do atendente que nos servia.

Ele esboçou uma careta de dor, como se as palavras dela o tivessem ferido.

— Meu Deus... Assim você acaba com toda a minha autoestima.

— Eu disse que a sua cantada foi estúpida, não disse que eu não gostei.

Dessa vez, foram os olhos cinzentos dela que o devoraram. E, como se a ruiva quisesse impressioná-lo, ela virou o copo de bebida, tomando todo o conteúdo de uma só vez. Um segundo depois, Victória tossiu como se tivesse acabado de engolir um pedaço de osso — e estivesse desesperada para colocá-lo para fora.

Eu não consegui deixar de rir, divertindo-me com a cena.

Ela voltou a sua atenção para o cara do outro lado da bancada.

— Acho que a bebida vai dar conta — disse ela, ainda tentando se recuperar.

Ele fez uma careta, como se estivesse triste com a resposta dela. E, então, o barman delícia foi atender os outros clientes que apareceram.

A ruiva voltou o olhar para mim e eu soube que deveria beber a dose em meu copo.

Eu segui o seu exemplo e virei o copo, até porque seria uma vergonha perder para a “madame” ao meu lado. A bebida desceu queimando a minha garganta e então compreendi por que ela se debateu tanto depois de ingeri-la.

Definitivamente, era a coisa mais forte que eu já tinha tomado — e olha que eu já tinha bebido muita coisa estranha —, parecia pinga pura.

— Agora é sério, esse treco aqui é horrível, totalmente nojento... — ela comentou, apontando para a garrafa azul de bebida. Com os olhos fixados no rosto do loiro, ela completou: — Eu vou querer mais uma.

E mesmo com toda aquela contradição da cliente à sua frente, o barman tornou a encher o copo dela e, conseqüentemente, o meu.

Nós bebemos uma dose atrás da outra. Na quinta, eu já nem sentia a minha garganta queimar. Também deixei de hesitar, tanto em beber quanto a estar ali, divertindo-me com ela. Sentia-me extremamente relaxada, o que era algo positivo — e, em alguns pontos de vistas, negativo — do álcool.

— Sabe o que ele é? Um cretino de merda... — Ela começou a falar de Erick, xingando-o cada vez de uma coisa diferente. E, nesses momentos, tudo o que eu fazia era balançar a minha cabeça, mesmo sem saber se concordava ou não. — Sempre me policiando, dizendo o que eu posso ou não fazer... — Victória voltou o olhar para o barman e prosseguiu, como se ele soubesse do que ela estava falando: — Ele não deixa eu me divertir!

— Então, ele é um babaca! — afirmou o loiro, dando corda para a ruiva bêbada ao meu lado.

— É... Ele é um babaca.

Depois de sorrir, o barman delícia tornou a se afastar, para atender os clientes que ainda esperavam por suas bebidas. E, então, levei os meus olhos na direção da ruiva e acabei pensando em voz alta.

— Se o Erick é tão babaca, por que raios você ainda continua casada com ele?

A pergunta realmente escapou da minha boca, um daqueles malditos pensamentos pronunciados em voz alta. Quando eu fui me dar conta, já tinha dito. E mesmo estando um pouco bêbada, ainda senti o meu rosto pegar fogo, completamente envergonhada pelo que havia acabado de dizer.

— Porque eu continuo sendo eu... — A esposa de Marinho voltou o olhar na direção do copo de bebida. — E ser eu é tão difícil...

Aparentemente, nós duas estávamos entrando naquela fase do jogo “álcool” em que não falávamos mais coisa com coisa. Tinha quase certeza de que a próxima seria a que choraríamos lamentando problemas.

— Eu estou muito apertada, preciso ir ao banheiro — avisei Victória, levantando-me da bancada em que estávamos sentadas. — Eu já volto... — Dei alguns passos, afastando-me do bar, mas, no não demorei a me virar, completando: — E, por favor, não saia daqui!

A ruiva balançou a cabeça, concordando, o que me deixou mais tranquila para me afastar.

Desde que eu cheguei, estava evitando ir ao banheiro — sempre sofria para usar o *toilette* em “lugares públicos”. Por mais que o “Cats Club” fosse uma balada voltada para um público de classe alta, os banheiros contradiziam totalmente isso. O cheiro era horrível — como se eu estivesse próxima de um mictório masculino, em um posto de gasolina —, tinha até papel espalhado pelo chão.

Como de costume, eu demorei um tempão forrando o vaso com papel higiênico — eu, definitivamente, não conseguiria sentar ali sem isso. Mas instantes depois de me sentar, o meu corpo desligou para frente e, conseqüentemente, acabei encostando parte da minha bunda no plástico da privada — em uma parte que não havia sido coberta pelo papel.

Em um resumo, todo o tempo que gastei forrado a porcaria do vaso não valeu de nada, tudo tempo perdido. Nesses momentos, detestava os homens pela facilidade que eles tinham nessas mesmas situações.

Finalizei ali e fui para a pia lavar a minha mão. E, como não poderia deixar de ser — afinal, tudo o que é ruim sempre pode ficar ainda pior —, não

tinha papel toalha para eu secar a minha mão. Fui obrigada a secá-la no meu vestido e só não fiquei mais irritada porque já estava um pouco bêbada.

Eu refiz o caminho de volta ao bar e o contornei, aproximando-me do balcão em que estava sentada com Victória. No entanto, quando eu retornei ao lugar exato, encontrei várias pessoas e nenhuma delas era a esposa de Erick.

Lembrava-me perfeitamente de ter dito que não era para ela sair dali. Mas eu devia estar bêbada demais para confiar em outra bêbada.

Para a minha surpresa — ou pavor —, o barman gostoso que estava atendendo a gente também não estava mais atrás do balcão. E como outro cara ocupava o seu lugar, supus que o seu turno havia chegado ao fim — o que também não me ajudava a localizar Victória.

Sem outra opção — e sendo a coisa mais inteligente a ser feita no momento —, eu me obriguei a ir falar com o novo atendente, perguntei se ele tinha visto uma mulher alta e ruiva, até apontei o lugar em que ela estava sentada, mas ele negou, deixando-me desesperada.

“*Erick vai me matar*” era a única coisa que pairava em minha mente. Eu não tinha só ajudado a sua esposa a ir para uma balada — um ambiente onde ela nunca tinha estado —, eu a tinha perdido também.

Passei cerca de dez minutos procurando por ela, olhei determinados locais mais de uma vez. E voltava a todo instante para o balcão do bar na esperança de encontrá-la lá, mas sempre me frustrava.

Quando eu a localizei, imediatamente também descobri o porquê demorei tanto tempo para enxergá-la no meio da multidão de pessoas. Victória estava próxima do palco — onde uma banda desconhecida se apresentava —, agarrada com o barman loiro. As bocas dos dois estavam coladas, como se estivessem tentando se engolir.

Eu nem hesitei em correr até lá e tirá-la dos braços daquele cara, não podia deixá-la na mão de alguém que tanto eu quanto ela desconhecíamos. Até porque, eu sabia que, no dia seguinte, eu seria a culpada por tudo aquilo.

— Eu pensei que tivesse dito pra você não sair de lá — disse assim que me aproximei deles, visivelmente irritada com toda a situação.

Ela me encarou com uma expressão de cachorro sem dono, típica de quem reconhece que fez merda.

— Me desculpa... É que eu queria me divertir com o Gustavo... — Ela começou a rir, antes de completar: — Eu queria dançar...

Então, agora o barman delícia tinha nome?

Respirei fundo e puxei Victória pelo pulso, arrancando-a dos braços do loiro.

Ela voltou os seus olhos cinzentos para mim, com um olhar de “*deixa eu me divertir, garota*”, como se não estivesse entendendo o motivo de eu estar a impedindo de continuar com o “lance” que ela havia encontrado.

— Eu juro que não quero ser a estraga prazeres, a pessoa chata que vai te impedir de beijar, mas quando o efeito da bebida passar, as chances de você se arrepender serão muito grandes... — comentei, torcendo para ela não estar tão bêbada a ponto de ignorar o que eu estava lhe dizendo. — Tem certeza que vale a pena arriscar

Ela sorriu e balançou a cabeça, confirmando.

— Eu estou ótima... Nunca estive tão bem... — garantiu-me ela, fazendo com que a soltasse, permitindo que ela retornasse para os braços de Gustavo. A ruiva voltou o seu olhar para ele e completou: — Eu... eu não vou me arrepender.

Revirei os meus olhos, mas acabei relevando, já que não queria ser a estraga prazeres — o próprio Erick —, acabando com a diversão dos dois, principalmente com a de Victória, alguém que realmente parecia precisar descontraír.

Depois de beijá-la mais uma vez, o barman voltou os seus olhos dourados em minha direção.

— Pode relaxar, a gente está curtindo bastante aqui — disse ele como se estivesse tentando me tranquilizar. — E eu vou cuidar bem da sua amiga.

Forcei um sorriso e me afastei dos dois, dando um espaço para eles se relacionarem.

Eu, basicamente, estava ajudando — e em um sentido romântico da coisa — a esposa do cara que pagava para transar comigo.

Isso, definitivamente, era demais para a minha cabeça absorver.

Como eles ficaram se “pegando”, acabei me tornando uma espécie de vela. Se eu não estivesse tão bêbada, provavelmente, teria ido embora, deixando-a ali sozinha.

Já que eu não era a pessoa mais dançante, a alternativa que encontrei foi voltar para o bar, onde eu continuei a beber. Iniciei com algumas doses de Martini e quando fui perceber, já estava tomando aquela bebida que o outro barman — o que estava agarrado na Victória — tinha nos oferecido.

Depois de meia hora, a esposa do executivo e o loiro apareceram no bar,

juntando-se a mim. Nós três bebemos ainda mais juntos, passamos cerca de duas horas em frente ao balcão conversando e mandando bebida para dentro.

Nesse tempo que passamos juntos, eu notei o quanto a ruiva era engraçada, tão divertida quanto Henrique costumava ser. Aquela antiga visão que eu possuía dela — a “mulher intimidante e nariz em pé” —, estava se desfazendo aos poucos. Ela não era a cretina que eu queria que fosse — por mais que fosse mais fácil, já que eu, inegavelmente, sentia algo pelo marido dela — ou então, talvez fosse a bebida que já tinha subido demais à minha cabeça.

— O meu marido vai chegar a qualquer momento... E vai destruir tudo com a chatice dele... — ela lamentou, conseqüentemente, surpreendendo o loiro com a informação de que era casada. Victória voltou o seu olhar em minha direção. — Não é? — Eu balancei a cabeça confirmando o que ela estava dizendo. A ruiva sorriu e apontou para mim. — Ah, a Sabrina... Ela é a amante dele... do meu marido.

Depois de contar isso, a mulher ao meu lado começou a rir. E eu não podia culpá-la por isso, pois realmente era um fato, no mínimo, engraçado.

— Espera um pouco... Você é casada e ela é a amante do seu marido? — questionou o loiro, tentando compreender uma situação incompreensível. Victória confirmou novamente, balançando a cabeça. — E você não se importa?

— Me importar? Não... Eu sou grata por ela tirar o embuste do meu pé — respondeu a ruiva, fazendo-me rir da forma como ela havia pronunciado isso.

Como Gustavo a beijou novamente, eu soube que, pelo menos naquele instante, ele não se importou com o fato de ela ser casada. Eu sabia bem que, na maior parte das vezes, isso até mesmo facilitava as coisas, pois assim não era exigido nenhum tipo de compromisso de uma das partes, que uma simples “ficada” poderia continuar sendo apenas uma “ficada”.

Mas se nem mesmo a Victória — a casada, no caso — dava importância a isso, por que é que ele daria?

— Então, quer dizer que você é casada? — disse o barman, antes de beijar o pescoço dela. — O cara deve ser muito frouxo pra deixar uma mulher assim escapar das mãos dele.

Frouxo, o Erick?

Definitivamente, não.

O cretino podia ser muitas coisas, mas isso ele não era.

E eu tinha certa propriedade para falar.

A ruiva sorriu e balançou a cabeça, negando. Até parecia que ela tinha

ouvido os meus pensamentos, defendendo o executivo.

— Ele não é frouxo, mas é um grande filho da puta — respondeu ela, fazendo com que eu me engasgasse com a bebida.

Por algum motivo, nunca imaginei uma mulher tão fina como ela pronunciando algo como “*filho da puta*”; chegava até ser estranho de ouvir.

Depois de alguns instantes em silêncio, encarando um ao outro, o casal próximo de mim começou com os beijos, obrigando-me a desviar o olhar para não morrer de diátese com todo o açúcar deles.

Durante todas as falas embriagadas de Victória, o que eu mais estranhei não foi a forma enrolada com que as palavras deixavam a sua boca, nem mesmo o fato de ela estar do meu lado — a amante do seu marido — e ainda não ter me ofendido de alguma forma. Indiscutivelmente, o mais estranho era a maneira com que ela falava de Erick.

Eu sabia bem que ele não era um santo — muito longe disso —, sabia também o quanto ele conseguia ser irritante e inconveniente quando queria. Marinho era extremamente controlador, gostava de ter todos à sua volta, na palma de suas mãos, ele gostava de mandar e detestava ser contrariado. Eu estava ciente de que ele possuía todos esses defeitos. Mas o executivo também tinha qualidades — ainda que elas não fossem tão óbvias quanto os defeitos —, ele sempre demonstrou se importar comigo — muito mais do que qualquer outro cliente se importaria —, não me desrespeitou da forma como eu já estava acostumava a ser desrespeitada.

Então, em determinados momentos, era como se ela estivesse falando sobre outra pessoa, sobre um monstro que eu desconhecia. E nesses instantes, eu sempre optava por pensar que todas aquelas palavras se deviam ao casamento desgastado que possuíam, pela falta de amor ou qualquer outra coisa que “limpasse a barra” do CEO.

Tirei as madeixas castanhas do meu rosto e virei o meu pescoço, olhando para trás, fixando os meus olhos na pista de dança, onde dezenas de pessoas se movimentavam animadas. e, então, bem lá no fundo do salão, eu avistei um rosto familiar se aproximando.

De início, pensei ser algo da minha mente, uma alucinação gerada pela quantidade exagerada de bebida que eu havia consumido com Victória, isso somado às luzes coloridas que não paravam de piscar. Mas, quando o homem chegou um pouco mais perto, eu tive certeza do quanto era real.

Erick Marinho — o marido da mulher ao meu lado, que ainda estava aos beijos com o barman — surgiu como um fantasma bem à minha frente,

assustando-me. E, pela expressão de seu rosto, ele pareceu não ter gostado muito do que encontrou.

Capítulo 12 — Depois da Festa

Erick não disse uma única palavra. Ele simplesmente agarrou o meu braço e o de Victória antes de nos puxar para fora da danceteria como um ogro raivoso. A ruiva até tentou — como uma criança malcriada — bater o pé para continuar ali, mas o seu marido, obviamente, não permitiu que isso acontecesse.

O barman também tentou intervir e, instantaneamente, a imagem de uma luta parecida com a que Erick teve com o Alexandre no meu apartamento surgiu em minha mente. Mas, felizmente, Victória sinalizou para que ele não se aproximasse.

Ela sabia que não adiantaria envolvê-lo naquele assunto e, por sorte, Marinho não parecia enciumado ou algo parecido, ele só queria tirar nós duas da balada.

O executivo também contou com a ajuda de Fernando, que — assim como a minha parceira de crime já havia suposto quando chegamos — entregou o nosso paradeiro. A verdade era que ele ainda tinha demorado até demais para dar com a língua nos dentes, já era algo previsível.

Quando eu me dei conta do que estava acontecendo, nós duas já estávamos dentro do carro, sentadas no banco traseiro e sendo levadas de volta para o lugar que eu imaginei ser a casa do “casal”.

— Eu já esperava isso de você, Victória... Você sempre encontra uma forma diferente pra me irritar, não é mesmo? — comentou Marinho, do banco da frente, transparecendo o quanto desaprovava o que havíamos feito. — Mas você, Sabrina? Eu pensei que você fosse mais responsável do que isso.

Se a intenção dele com aquela frase era me deixar com peso na consciência, ele falhou completamente. Eu não me arrependia de nada — e algo me dizia que Victória também não. O fato de ele falar como se nós fôssemos duas crianças travessas acostumadas a fugir de casa, só contribuía pra isso.

— É incrível essa sua capacidade de sempre estragar tudo... — rebateu a ruiva, revirando-se ao meu lado. — Você é um bosta... E eu odeio você!

Depois de repetir essa mesma frase por mais duas vezes, ela gritou, como se estivesse sendo levada para um presidio de segurança máxima — basicamente o que a mansão de Erick devia significar para uma pessoa completamente bêbada.

— E você vai me odiar ainda mais amanhã, quando estiver sóbria e

descobrir que todas as suas mordomias foram cortadas — respondeu ele mais tranquilo do que no momento em que nos retirou do *Cat's Club*. — Parte da culpa também é sua, Fernando. Você devia ter me avisado antes... — Ele riu, interrompendo a si mesmo, como se tivesse acabado de pronunciar algo idiota. — Não... Você não deveria nem as ter levado pra lá, em primeiro lugar.

Como o álcool continuava fazendo efeito, eu não me importei com o que ele estava dizendo. Na verdade, achei até engraçado vê-lo daquela forma, tão transtornado com uma coisa. Erick, na maior parte das vezes, costumava agir tão sério, pensando como o grande CEO que era. E agora, uma coisa tão simples o havia enlouquecido a ponto de ele entrar em uma balada e nos tirar de lá à força.

Eu olhei para o outro lado do carro e observei Victória se virando na direção da porta. E, no mesmo segundo, eu já soube o que ela estava prestes a fazer. Antes que eu pudesse concluir esse pensamento, o líquido amarelado começou a jorrar de sua boca, lavando o banco e o chão do carro.

Quando o cheiro subiu, embrulhando o meu estômago, abri o vidro da porta ao meu lado e tentei, desesperadamente, inalar a maior quantidade de ar puro possível.

— Ela tá vomitando aqui dentro! — gritei como se isso fosse nos ajudar de alguma forma. No fundo, eu estava torcendo para não fazer o mesmo que a esposa de Erick. O meu estômago já não estava bem e aquele cheiro não estava contribuindo muito — Ai, que nojo...

Por sorte, eu consegui manter todas as doses que tinha ingerido dentro de mim — diferente de Victória, que parecia estar se livrando de tudo.

Coloquei a minha cabeça para fora do carro e fiquei assim, enquanto continuava tentando evitar o pior.

Assim que o carro parou, eu pulei para fora dele, como se tivesse uma bomba ali dentro, prestes a explodir. Podia até não ter um explosivo de verdade, mas Victória certamente o havia estourado com o seu vômito — uma autêntica bomba de fedor.

Como o “casal” não estava em seus melhores dias — se é que eles já haviam tido isso em algum momento —, o motorista se habilitou para ajudar a ruiva a entrar na casa.

Quando notei que estava apenas eu e Marinho, voltei o meu olhar para o chão, encarando os paralelepípedos em silêncio.

Erick aproximou-se de mim e, somente naquele instante, o seu olhar de desaprovação me incomodou. Esforcei-me ao máximo para não olhar fixamente

para aqueles olhos esmeralda cheios de julgamento.

Ele era ótimo em fazer com que as pessoas se sentissem culpadas.

Depois de me atormentar bastante com aquele seu olhar, o moreno aproximou-se do carro e abriu a porta do carona, antes de acenar com a mão para que eu entrasse no veículo.

— Entra aqui... — ele mandou, ainda me queimando com os olhos. — Eu te deixo em casa... Se a gente não morrer com esse cheiro antes de chegar lá.

Desviei o meu olhar e continuei parada, no mesmo lugar.

Erick riu de frustração, como se eu estivesse fazendo birra, como uma criança mimada que esperneia no supermercado ao ver um brinquedo qualquer.

O executivo se aproximou de mim e me pegou pelo pulso, assim como havia feito no “*Cats Club*”. Mas, dessa vez, eu apresentei resistência e o impedi de me colocar dentro do carro.

— Não... Espera... — Os meus olhos voaram em sua direção. Mesmo envergonhada, revelei o motivo de estar dificultando tanto as coisas. — Eu... eu não quero que a minha irmã me veja assim... Acabada. — Desviei o olhar, pois não conseguiria continuar se visualizasse mais um pouco de sua expressão, que tornava a me condenar. — Eu posso ficar aqui essa noite?

Pensei que ele fosse rir de forma sarcástica e negar, antes de dizer que isso — o julgamento de Caroline — seria uma punição pela forma com que eu tinha me comportado, por ter passado por cima dele — e ainda levando a sua esposa junto comigo.

No entanto, ele balançou a cabeça, respondendo positivamente a minha pergunta.

— Tudo bem...

Fechei os meus olhos, aliviada por não precisar ir embora naquele estado.

— Obrigada.

E, então, ele sorriu daquela forma sarcástica que eu estava esperando.

— Não precisa me agradecer por isso, Sabrina. Até porque, eu não estou fazendo por você... — rebateu o moreno, provando ser o Erick Marinho que eu conhecia. — Vou te deixar ficar aqui pela sua irmã, que não merece te ver assim.

As suas palavras me atingiram como um soco certeiro no meio da minha cara, mas, mais uma vez, a bebida aliviou a porrada.

Ela fez mais do que isso, a bebida possuiu a minha boca.

— Ah, porque você tem que ser sempre tão mandão? — questionei,

enquanto ele me acompanhava para dentro da casa. — De que adianta ser tão gostoso se é um chato?

Dessa vez, até ele riu, enquanto continuou me guiando pela casa, impedindo-me de esbarrar em um móvel qualquer.

Capítulo 13 — Ressaca

Toda ação tem uma reação — e, independentemente do que você faça, não dá pra fugir dela.

Eu havia bebido demais na noite anterior e, como já era de se esperar, acordei com uma tremenda dor de cabeça e vários outros sintomas da maldita e inevitável ressaca.

Revirei-me sobre a cama, ainda com os meus olhos fechados. Senti uma coisa dura e estranha embaixo da minha cabeça, o que me fez estender a mão para tateá-la. E, então, algo ainda mais assustador aconteceu, eu senti essa “coisa” pulsando.

Nesse instante — quando já estava consciente —, eu cheguei à conclusão de que estava com a cabeça apoiada sobre o peito de Erick.

Abri os meus olhos e, no mesmo segundo, afastei-me de seu corpo, como se ele fosse tóxico ou algo parecido com isso. Quando já existiam alguns bons centímetros nos separando, eu me permiti encará-lo dormindo e o desgraçado era lindo, parecia um anjo adormecido.

Seus cabelos castanhos estavam bagunçados, o seu rosto se afogava no travesseiro branco e a colcha azulada cobria o seu corpo da cintura pra baixo. Perdi alguns segundos observando os pelos escuros em seu peito, os mamilos e a maneira como ele respirava, de uma forma desajustada.

Gastei tempo analisando-o até me dar conta de que estávamos dividindo uma mesma cama e, principalmente, de que eu não me lembrava de nada do que havia acontecido — incluindo o fato de ter entrado em seu quarto.

Da última vez em que havia dormido em sua casa, ele não permitiu que eu ficasse em seu quarto, despachando-me para um cômodo qualquer assim que o sono bateu. Mas, por algum motivo que eu desconhecia, acordei ao lado dele, como se fôssemos uma espécie de casal.

Eu não tinha nem ideia do que havia acontecido. A última coisa que eu lembrava era de ter entrado na mansão com Marinho e depois tudo ficava bagunçado e picotado. Recordava-me vagamente de algumas coisas, mas eram como flechas sem sentido, imagens e sons que eu não conseguia compreender, tampouco distinguir, tudo não passava de um grande borrão escurecido.

Mas como ele estava sem camisa — e, muito provavelmente, sem calça também —, eu já tinha uma boa ideia do que havia acontecido.

Essa era a única explicação para ele me manter em seu quarto.

Então, eu voltei o meu olhar para o meu próprio corpo e finalmente notei que estava vestindo apenas uma camisa de botão branca. E o mais estranho era que não tinha nada cobrindo o meu sexo e isso me deixou muito desconfortável.

Eu estava completamente pelada da cintura pra baixo.

Se antes eu tinha alguma dúvida do que havia acontecido, agora havia ganhado uma certeza.

— Mas já? Pensei que depois do porre de ontem você dormiria o dia inteiro — sussurrou o moreno com uma voz sonolenta, antes de se espreguiçar em cima da cama, esticando os braços.

Estava tão pensativa a respeito do que havíamos feito na noite anterior, que acabei ignorando a sua frase.

Por mais que eu fosse uma acompanhante de luxo — que estava sendo paga para transar com o homem ao meu lado —, eu me senti incomodada com a ideia de ter feito algo naquelas condições.

E como me conhecia, sabia que não conseguiria esconder isso dele.

— A gente... A gente fez alguma coisa ontem à noite? — indaguei, sendo bem direta e torcendo para que ele respondesse de forma negativa.

Ele me encarou com uma expressão indecifrável, era uma mistura de confusão e algo parecido com deboche, testa franzida e um meio sorriso.

— Nós não fizemos nada ruim, se é o que me está perguntando... — Erick mordeu o lábio inferior e fechou os olhos, como se estivesse tentando se recordar de algo. Ele sorriu e mexeu a mão direita, esfregando os dedos uns nos outros. — Eu, pelo menos, adorei a nossa brincadeirinha. — Os seus olhos esmeralda continuavam fixados em meu rosto. — E você pensou que uma mão seria demais...

Ele pronunciou aquela frase de forma extremamente séria e, estranhamente, continuou assim depois de falar — diferente de como costumava ser quando ele fazia alguma piadinha de mau gosto —, o que fez com que eu me apavorasse com a ideia de realmente ter feito algo daquele nível enquanto não tinha controle sobre o meu próprio corpo.

Voltei o meu olhar para baixo, encarando as minhas coxas e, então, foi como se uma peça do quebra-cabeça estivesse se encaixando, como se a frase dele tivesse feito certo sentido. Eu estava pelada e ao lado dele em uma mesma cama, não tinha nenhum segredo.

Mas antes que eu pudesse me pilhar ainda mais com essa possibilidade

— a de ele ter enfiado uma mão inteira dentro de mim —, Erick já estava rindo como uma criança depois de testemunhar um tombo.

Felizmente, era só mais uma das piadas idiotas dele.

— Você é um idiota, Erick Marinho... Um idiota — resmunguei, não acreditando que estava quase caindo naquela baboseira de “*fisting*”.

— Eu sei... Mas, pelo menos, admite que eu te enganei com o lance da mão — ele respondeu, com aquele mesmo sorrisinho bobo colado no rosto. — E, não, a gente não fez nada além de dividir essa cama. — Ele se virou, ficando de frente comigo e, então, os seus olhos correram em direção a parte nua do meu corpo, que eu não demorei a cobrir com a colcha azul. — Eu praticamente dei banho em você ontem, lavei até isso aí que você está tentando esconder... — Depois de me ver revirando os olhos, ele completou, dizendo: — E, vamos combinar, não é como se eu nunca tivesse visto você sem roupa antes, né?

O sorrisinho desapareceu de seu rosto, ele ficou mais sério.

— Eu juro que não fiz nada além de cuidar de você... Te ajudei com o banho, coloquei essa camisa no seu corpo e aí, quando ia te levar para um dos quartos de hóspedes, você apagou... E eu não quis te acordar — ele continuou, deixando-me um pouco mais tranquila com aquela situação. Sabia que era verdade, conseguia enxergar sinceridade em suas palavras. — Mas você já me conhece, sabe que eu não sou do tipo de cara que precisa se aproveitar de uma mulher bêbada... — Seus lábios se esticaram em um sorriso. — Até porque, eu meio que estou te pagando, não é?

— Você realmente é um idiota, mas obrigada por me ajudar com todas essas coisas — conclui aquele assunto, tocando no tecido da camisa que me cobria. — Eu preciso de uma coisa pra cobrir a minha... Você sabe. Será que pode me ajudar com isso também?

Ele acenou com a cabeça e eu agradei com um sorriso.

Marinho se levantou da cama e eu não consegui deixar de secar a cueca dele com os meus olhos, principalmente quando ele se virou, dando-me uma boa visão daquela bundinha linda.

Ele abriu o guarda-roupa e começou a vasculhá-lo, a procura de algo que me servisse.

— Você vai me aplicar um castigo bizarro agora ou deixará pra depois? — perguntei, sabendo que Erick não deixaria toda a situação com a esposa passar em branco. Ele sempre encontrava uma forma de me punir, mesmo que fosse uma coisa boba. — Eu vou ficar sem café da manhã?

Ele riu e tornou a procurar por uma peça de roupa que coubesse em mim.

— Eu sei que foi a Victória que te arrastou pra lá... — Ele respondeu, deixando-me surpresa pela sensatez. Ainda que eu a tivesse convencido ficar, não tive a ideia e, de início, nem mesmo queria ir para a balada. — Acho que fui duro demais com você ontem.

Como eu não me lembrava de metade das coisas que ele havia me dito, não tinha como saber se o executivo realmente havia sido “duro” demais em algum momento.

Ele pegou uma bermuda celeste, que parecia fazer parte de um pijama e jogou pra mim.

— No seu tamanho, eu só vou ter isso... — O moreno aproximando-se da cama, parado próximo de mim. — Mas se você quiser, posso pedir pra alguém ir comprar alguma coisa, algo bem melhor do que esse short.

Eu balancei a cabeça, negando.

— É perfeito... — disse, enquanto segurava a peça de roupa. — Obrigada.

Ele forçou um sorriso e tornou a se afastar, dessa vez para se vestir. Erick pegou uma camisa branca — por sinal, uma muito parecida com a que eu estava usando —, uma calça social cinzenta e, por fim, uma gravata azul listrada.

Coloquei o calção, escondendo as minhas partes íntimas e me levantei da cama, aproximando-me de onde ele estava parado. Depois de me colocar à sua frente, ajetei a gravata, apertando e posicionando-a corretamente.

Ele sorriu e deu um passo para trás, tornando a encarar o closet. Marinho alcançou um paletó cinzento, que fazia par com a calça que usava e o vestiu.

— Eu nunca te devolvi aquele que você me emprestou — eu me lembrei daquele fato, ao observá-lo se vestir.

Na noite em que ele me convidou para o nosso primeiro “*jantar de negócios*” — em um dos melhores restaurantes da cidade —, Erick teve um gesto bem cavalheiro, algo que me mostrou que o homem que conheci ainda continuava ali, em algum lugar. Para impedir que eu me molhasse com a chuva, o moreno tirou o paletó que usava e o colocou sobre os meus ombros.

Lembrava-me até de tentar devolvê-lo no momento em que desci de seu carro, mas ele não o pegou, disse que eu poderia lhe entregar depois.

— Ele continua lá em casa, enfeitando o meu guarda-roupa... — Balancei a cabeça, sorrindo, antes de voltar a dedicar a minha atenção em seu rosto. — Sempre que abro a porta e o observo, penso “*droga, eu tenho que*

devolver isso”.

Ele riu e era perceptível que não estava rindo de algo que eu havia dito.

Obviamente, a minha curiosidade me atacou.

— O que foi? — questionei, nem tentando disfarçar o quanto estava curiosa.

Senti a sua hesitação — estava cogitando se realmente devia me contar —, mas o meu olhar de cachorro sem dono o convenceu a falar.

— Esse paletó era o meu... — Ele fez aspas com os dedos — “*plano B*”. A minha desculpa perfeita pra aparecer no seu apartamento caso você recusasse a minha proposta — revelou-me ele, desviando o olhar como se estivesse envergonhado. — Agora, ele é inútil... Eu já tenho o que precisava.

Quando eu notei que ele estava prestes a deixar o quarto, dei um passo, colocando-me em seu caminho. Eu me arrependi no mesmo instante, mas era tarde demais, pois ele já havia percebido que eu tinha algo a dizer.

Fiquei tão nervosa que sorri e abaixei a minha cabeça. Depois de uns instantes encarando o piso branco, levantei o meu olhar, parando em seu rosto.

— Eu... eu senti saudade... — disse, com um pouco de dificuldade. — Nesse... nesse tempo em que você esteve fora.

Ele permaneceu em silêncio por alguns segundos — que, naquele momento, me pareceram horas —, contribuindo para um clima ainda mais estranho.

— Mentirosa... — ele respondeu, aproximando ainda mais os nossos corpos. Aquelas esferas esverdeadas me encontraram, hipnotizando-me. — Falando assim, de forma tão séria, eu quase acredito em você.

Ele se inclinou para um beijo que eu não recusei — um beijo que eu, indiscutivelmente, também desejava.

Enquanto a sua língua me explorava daquela forma especial — uma que só ele conseguia fazer —, enquanto a sua mão agarrava o meu cabelo, como se o seu plano secreto fosse me engolir com o beijo, notei o quanto aquilo era íntimo, percebi o quanto tudo o que havia acabado de acontecer — as palavras que haviam sido ditas e aquelas que eu pensei em falar — fugia do “profissional” que eu sempre idealizei em minha mente, o quanto tudo isso escapava daquele meu pequeno protocolo — da regra mais importante do meu “trabalho”.

Erick Marinho havia deixado de ser o meu cliente.

O homem à minha frente estava se tornando o “algo mais”, algo que eu

tanto temia.

— Tá com fome? — questionou ele, arrancando-me daqueles pensamentos assustadores. Estava tão extasiada que, simplesmente, balancei a cabeça, confirmando a sua pergunta. — A sua sorte é que eu sou um chefe extremamente exigente, o que significa que já devem ter servido o café.

Capítulo 14 — Enigma

Descemos as escadas e seguimos para a cozinha, onde uma mesa linda de café da manhã já estava montada. E pela perfeição com que as coisas haviam sido inseridas, Marinho apenas comprovou que realmente era um chefe exigente. Não conseguia nem imaginar a pressão que os seus subordinados sofriam.

E assim como das outras vezes em que havia estado ali, a mesa da cozinha era enfeitada com um pouquinho de tudo; vários tipos de frutas, pães que se dividiam entre caseiros, doces e franceses, além das bebidas. Certamente, havia mais coisas do que eu conseguiria listar.

Sentei-me ao lado de Erick, que dispensou uma das empregadas que apareceu para servi-lo.

Voltei o meu olhar para a comida e hesitei em pegar alguma coisa, pois sabia bem que o meu estômago ainda não estava recuperado de toda a bebida que havia ingerido.

— Eu pensei que você estivesse com fome — ele comentou, após notar a minha hesitação em frente à mesa.

Fiz uma careta.

— O meu estômago... Ele ainda não está muito bom — revelei a ele, ainda naquela mesma indecisão. — É como se alguma coisa estivesse me corroendo por dentro.

— Bebe mais que melhora — ironizou ele antes de pegar o café e servir em duas xícaras. Marinho me alcançou um dos pãezinhos doces. — Você precisa se alimentar, nem que seja um pouquinho.

Erick era sempre duro e fechado, agia como se estivesse constantemente colocando uma muralha para impedir as pessoas de se aproximarem, para impedi-las de enxergar o que ele guardava lá dentro. Mas eu sentia que a cada novo dia de convivência, estava um pouco mais perto de conseguir passar por aquele muro, de alcançar o pote de ouro no fim do arco-íris.

E notava também que ele, indiscutivelmente, estava sendo mais cuidadoso comigo. Continuava com as ironias, piadinhas sem graça e o deboche, mas estava se preocupando mais, tanto que havia cuidado de mim na noite anterior, colocando-me para dormir em sua cama e agora estava me obrigando a comer alguma coisa para melhorar logo — e não só porque ele não gostava de comer sozinho.

Como eu não queria contrariá-lo — e porque achei fofa toda aquela atenção que estava recebendo —, aceitei o pão e adicionei um pouco de leite na xícara com o café.

— Boa-dia para aquelas que tiveram uma ótima noite — disse a esposa de Marinho, aproximando-se da mesa. Diferentemente de mim, ela não parecia estar acabada, o que contrariava completamente a impressão que eu havia tido no momento em que estávamos voltando da balada. — Dormiram bem?

Sabia que ela também estava falando comigo, já que usou o plural, mas, ainda assim, estranhei aquela frase. Então fiquei sem saber se respondia ou não a sua pergunta.

— Não graças a você, que a arrastou para aquele lugar e deu um showzinho na volta — Erick respondeu, fuzilando-a com o olhar. Ele nem a deixou se defender. — Eu não sei qual é o seu joguinho desta vez, mas eu acho melhor ir desistindo... Ele não vai funcionar.

A ruiva pegou um pouco de café e uma fatia do pão caseiro.

— Você sabe muito bem que não sou eu quem faz joguinhos aqui. — Ela passou um pouco de geleia no pão e voltou o seu olhar em minha direção. — Nós, definitivamente, temos que repetir a noite.

Ela não me deu tempo para responder, simplesmente se afastou da mesa, deixando-me ali com o seu marido e um clima bem pesado.

— Não precisa se preocupar, eu não vou mais deixar ela te encher e muito menos te arrastar pra outro lugar.

Ele pronunciou isso como se estivesse me fazendo algum tipo de favor. E talvez Erick até estivesse, mas, naquele instante — pra mim —, não foi interpretado dessa forma, pois eu já enxergava a sua esposa de outra forma.

Victória não era mais apenas a mulher dele, ela também era a pessoa engraçada que ficou bêbada comigo no *Cat's Club I*. Ela era a mulher louca que se agarrou com o barman delícia e, principalmente, era a pessoa assustada que entrou naquela balada questionando se devia ou não se permitir um breve momento de diversão — mesmo sabendo que, a qualquer instante, um homem apareceria para ferrar com tudo.

Não éramos amigas — muito longe disso —, tanto que eu não soube nem o que responder quando ela se dirigiu para mim, mas, ainda assim, eu não sabia se queria que ele a impedisse de “*me encher*”.

Ele voltou o olhar para o relógio e fez uma careta.

— Eu queria muito poder continuar aqui e conferir se você vai mesmo

terminar de comer esse pão aí, mas eu não posso me atrasar... Tenho uma reunião importante com os membros do conselho.

Após me dizer aquilo, ele ficou parado, como se estivesse esperando uma coisa — algo que eu, provavelmente, estava esquecendo. Como ele percebeu que eu não tomaria a iniciativa, se inclinou para me beijar.

Quando nos afastamos, eu sorri sem graça e o observei se afastar da mesa.

Finalizei o café e realmente terminei de comer o pão. Depois disso, retornei para o quarto dele, procurando pela minha bolsa e roupas.

Entrei bem no momento em que uma das funcionárias dele estava faxinando. Pedi licença e comecei a vasculhar o quarto atrás das minhas coisas. Encontrei a bolsa próxima à cama e as minhas roupas no banheiro.

Como o meu vestido não estava sujo, optei por colocá-lo em meu corpo — já que seria melhor do que ir embora vestindo a camisa e calção de Erick. Guardei as peças íntimas em minha bolsa e tornei a descer as escadas, ansiosa para chegar no meu apartamento e tomar um banho quente — daqueles bem demorados.

Eu só não fui direto para a porta da sala porque Victória estava ao pé da escada, como se estivesse ali me esperando descer.

A esposa do meu cliente estava com a mesma camisola lilás que usava quando apareceu lá na mesa para tomar o café da manhã e irritou Marinho. A única diferença em seu *look* estava em seus cabelos ruivos, que agora pareciam terem sido penteados adequadamente — o que, definitivamente, não era o meu caso.

Como não poderia me teletransportar para a minha casa, pulando toda aquela situação, eu me aproximei lentamente de onde ela estava parada, já esperando pelas palavras que eu sabia que ela pronunciaria.

Pela forma hesitante que ela se portava, não esperava nada bom vindo da conversa que estávamos prestes a ter.

Os seus olhos cinzentos subiram, queimando o meu rosto.

— Você... você ficou com o número dele... Do Gustavo? — perguntou-me Victória, com um pouco de dificuldade.

O seu olhar não era confiante, mas guardava certa esperança.

Eu demorei um pouco para ligar o nome “Gustavo” à pessoa que ela estava se referindo — o barman delícia. E quando o fiz, balancei a minha cabeça negando.

— Ele não deixou com você? — eu questionei o óbvio, colocando mais um questionamento em minha listinha de perguntas idiotas. — Não tive muito contato com ele... Pelo menos, não tanto quanto você.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Ele me entregou um papel com o número, mas... — A ruiva balançou a cabeça, enquanto ria de forma frustrada. — Eu destruí com o meu vômito.

Não consegui deixar de rir e, depois que fiz isso, até me senti culpada, pois senti o quanto ela estava desesperada para conseguir o número do barman.

Victória forçou um sorriso de agradecimento e se virou, afastando-se de mim.

— Por que você não passa no *Cat's Club* esta noite e não consegue esse número com o próprio? — sugeri, interrompendo os passos dela. Ela se virou e, novamente, eu identifiquei a hesitação em sua expressão, reconheci o medo que ela tentava mascarar. — Ele parecia ser um cara bem legal.

Ela riu e balançou a cabeça, concordando com o meu comentário.

Apontei na direção na porta, sussurrei um tímido “*até mais*” — que deve ter soado de forma ridícula — despedindo-me dela e apressei os meus passos, mas antes que eu pudesse alcançar a porta, a ruiva fez com que eu interrompesse os meus movimentos com um “*espera*”.

Eu me virei e aguardei até que ela se aproximasse de onde eu estava.

Depois de se colocar à minha frente, Victória olhou para os lados, certificando-se de que estávamos apenas nós duas naquele cômodo.

— Eu tenho um pouco de conhecimento sobre questões legais e posso te garantir que, independentemente da forma como ele tenha estabelecido esse contrato, nenhum juiz no mundo vai te obrigar a continuar com ele... Erick está blefando — sussurrou ela, deixando-me extremamente confusa. Sabia sobre o que ela estava falando, mas não entendia o porquê de ela estar me dizendo aquilo. — Você não precisa mais continuar presa a ele.

Depois de me dizer todas aquelas coisas — que fizeram com que a minha cabeça explodisse em mil pedaços —, a esposa de Marinho se afastou, permitindo que eu refizesse o meu caminho até a saída da propriedade.

Capítulo 15 — Questionamentos

“*Você não precisa mais continuar presa a ele*”, a esposa de Erick me dissera.

E, desde então, essas mesmas palavras não deixavam a minha mente. Eu não conseguia deixar de questionar, de tentar encontrar um significado para elas.

Ela falou como se soubesse de algo que eu não tinha conhecimento e isso fez com que eu teorizasse várias coisas — loucuras que, provavelmente, eram infundadas e sem sentido —, coisas que me deixavam extremamente amedrontada e receosa em relação ao executivo.

Perguntava-me se ele já havia estabelecido essa mesma exclusividade contratual com outra garota antes de mim, perguntava-me se ele a prendeu e a maltratou a ponto de sua esposa se sentir na obrigação de me alertar sobre o perigo que eu estava correndo ao lado dele, perguntava-me se Victória estava tentando me manipular com mentiras, usando-me em uma vingança boba contra Erick — bem coisa de mulher traída, que, definitivamente, não parecia fazer o estilo dela.

Por mais que eu pensasse muito em todas essas teorias de conspiração, nunca conseguia sair dessa encruzilhada. E, no fim das contas, cheguei à conclusão de que não deveria ficar me pilhando com isso, com algo que eu nem sabia se era verdade — ou se respingaria em mim.

De qualquer forma, eu tinha certeza de que não conseguiria me afastar. O meu coração acelerava com uma simples mensagem de Marinho, estava a cada encontro mais envenenada pelo sentimento de que eu sabia que ele acabaria sendo o meu algoz. Mas eu não o controlava, não conseguia cortá-lo — e no fundo, nem mesmo sabia se queria fazer isso.

— Não vai sair com o bonitão hoje? — questionou Rick como se estivesse lendo os meus pensamentos e soubesse que o executivo não saía da minha mente. Balancei a minha cabeça, negando. Depois de um segundo em silêncio, o loiro completou: — E com a mulher dele?

Não consegui segurar o riso.

Contei para o meu amigo sobre a minha noitada com Victória. Disse o quanto ela foi louca e divertida — tudo ao mesmo tempo. E da minha certeza de que os dois se dariam muito bem, principalmente bêbados.

— Não... Nenhum dos dois — respondi, passando a mão sobre o meu

cabelo. — Acho que eles estão me dando uma espécie de folga.

Ele olhou para o lado, certificando-se de que Caroline não estava por perto e se aproximou de mim.

— E aí, ele já usou a corda e o chicote? — perguntou-me referindo-se às práticas sadomasoquistas que Erick, aparentemente, possuía. — Ou deu só umas palmadas?

Revirei os meus olhos e neguei tudo, com um aceno de cabeça.

— Por enquanto, nem corda, nem palmada e muito menos o chicote — respondi, não conseguindo deixar de rir. — Ainda não vi esse lado dele, acho que a coisa mais... — Usei os meus dedos para fazer aspas. — “pesada” que fizemos foi transar na cozinha, com a esposa dele em casa.

Antes que Henrique dissesse, eu completei, adiantando-me: — Assim que acontecer alguma coisa, eu te conto... Pode deixar, curioso.

Joguei o meu corpo para trás, encostando as minhas costas no sofá.

— E como foi o evento da Márcia? — perguntei a ele, realmente curiosa a respeito.

Parte minha — aquela mais idiota, diga-se de passagem — sentia falta de participar. Provavelmente, esse sentimento se devia ao fato da exclusividade com Marinho fazer com que eu saísse menos de casa. Sem os eventos e quartos de hotéis espalhados pela cidade, o único percurso que eu fazia era o da casa dele para o meu apartamento.

Por mais que ficássemos em pé a noite inteira, esses eventos possuíam um certo glamour, principalmente com todos aqueles executivos cheios da grana. Eu me sentia desejada em meio a eles, adorava ter os seus olhos em mim, cobiçando-me como uma joia rara.

— Como estão os eventos da Márcia? Aquela mesma porcaria de sempre, né minha filha? — respondeu-me ele como se eu o tivesse ofendido, arrancando-me mais uma risada. — As roupas continuam péssimas, continuamos em pé por horas e, no meu caso, servindo bebida, o que torna tudo ainda pior... — Ele suspirou e voltou o olhar em minha direção. — Estou esperando o boy que vai me propor a exclusividade, mas o desgraçado do príncipe deve estar vindo de jegue, porque já está demorando demais.

Ouvimos alguns passos e, no mesmo instante, mudamos de assunto. Fomos de “prostituição” para “modelos de sofá” em três segundos.

Virei-me, encarando a minha irmã mais nova, que se aproximava de nós dois em passos lentos.

— Vai sair hoje? — questionei estranhando fato de ela estar tão arrumada. — Você está bonita demais pra ficar em casa.

Carol sorriu e eu tive a minha resposta.

— Já arrumou outro boy? — indagou Henrique, observando Caroline, que ficou sem graça com a pergunta dele. — Isso aí garota, tem que colocar a fila pra andar mesmo... Ex-namorado bom é só aquele que está bem longe da gente.

Carol riu e apontou na direção da porta, como se estivesse pedindo a minha autorização para cruzá-la. Depois que dei o meu consentimento, ela saiu, tornando a me deixar sozinha com o meu amigo.

— Eu estou dando muita liberdade pra ela? — perguntei para o Rick, realmente em dúvida se estava cumprindo bem com o meu papel de “mãe”. — Será que eu deveria colocar alguma regra, dizer pra chegar mais cedo ou algo que uma mãe de verdade faria?

Ele balançou a cabeça, negando.

— A questão é que você não é a mãe dela, amiga. Só tem que fazer o papel de irmã mais velha — respondeu ele, pegando o celular em cima da mesinha para verificar o horário. — E eu acho que você está se saindo muito bem com isso.

Isso me tranquilizou bastante, pois eu sempre ficava em dúvida sobre a forma que tratava Caroline. Por mais que eu não pudesse suprir o papel de mãe dela, queria muito participar o máximo possível, ajudá-la a se tornar alguém melhor do que eu — alguém que não precisasse cometer os mesmos erros.

— Eu adoraria ficar aqui conversando, mas tenho que ir, amiga — disse Henrique, ao se levantar do sofá. — Tenho dois clientes pra atender ainda hoje... — Ele revirou os olhos antes e continuar. — Só não fico mais desanimado porque um deles é bem gostoso.

Forcei um sorriso e me levantei do sofá também, oferecendo-me para acompanhá-lo até a portaria.

Abri a porta de casa e já consegui observar Douglas — o segurança — escorado na parede. Eu sorri em um cumprimento e fechei a porta, antes de seguir com Rick para as escadas — nós sempre evitávamos usar o elevador, para ganhar mais tempo conversando.

Mas depois de dar três passos, eu notei que o segurança começou a nos acompanhar e isso fez com que eu interrompesse os meus movimentos.

Eu me virei, encarando-o com uma expressão confusa.

— Só estou indo levar o meu amigo até a portaria, você não precisa me seguir até lá — disse, tentando soar da forma mais descontraída possível, para não soar grosseira. — Não é como se alguém fosse me sequestrar nesse meio tempo.

Eu ia me virar e continuar com o que estava fazendo, mas ele deu mais um passo em nossa direção.

— Desculpe, eu só estou cumprindo ordens. Tenho que acompanhar a senhorita sempre — respondeu-me Douglas, irritando-me com o “*cumprindo ordens*” e com o “*senhorita*”. — Eu prometo que será como se eu nem estivesse por perto.

— Se você é o meu segurança, as únicas ordens que precisa cumprir são as minhas e eu estou dizendo que não há necessidade de ficar me seguindo aqui no prédio — rebati, perdendo o restante da minha paciência.

Ele ficou visivelmente sem graça, mas continuou próximo de mim, o que me mostrou que ele não seguiria as minhas ordens — em parte, porque não seria eu a depositar o pagamento no fim do mês.

Dei um passo para comprovar e o cretino realmente me seguiu. Como eu sabia que ele estava apenas seguindo o que Erick havia lhe ordenado, não descontei a minha raiva em cima dele — sabia bem o quanto o executivo podia ser intimidante com os seus subordinados.

A parte mais incoerente era que o segurança do turno da manhã — Rodolfo — não me seguia para todos os cantos, só me acompanhava quando eu solicitava. Ou Marinho pensava que eu corria mais riscos saindo sozinha à noite ou então queria saber exatamente o que eu fazia fora de casa nesse horário.

Voltei a minha atenção para o meu amigo e fiz uma careta frustrada. Ele compreendeu que eu não queria ficar desfilando com um segurança atrás de mim dentro do edifício e se despediu, seguindo sem mim.

Capítulo 16 — Estrada

O executivo me ligou por volta das três horas da tarde.

Quando o meu celular começou a tocar, o meu coração disparou junto — eu sabia quem era antes mesmo de ler o seu nome na tela do telefone —, foi como se eu estivesse esperando uma ligação do presidente.

Obviamente, assim que eu o atendi, passei a me conter. Durante toda a nossa ligação, eu não demonstrei estar animada para vê-lo ou algo parecido, foi como se eu estivesse atendendo a ligação de uma pessoa qualquer — pelo menos, eu me esforcei para transmitir isso.

Ele me disse que passaria para me pegar por volta das cinco. Achei até engraçado o fato de ele usar o “*passo aí*”, como se fosse vir pessoalmente, como se o encarregado disso não fosse Fernando, o seu motorista.

Também estranhei o horário, já que ele costumava “*precisar de mim*” um pouco mais tarde, devido ao seu trabalho que exigia bastante tempo. Mas como dessa vez era mesmo uma ligação e não uma mensagem de texto, eu não corria o risco de chegar na casa dele e encontrar a sua esposa me esperando para outra noite na balada — uma diversão que eu, definitivamente, também não recusaria.

Dessa vez, eu não precisei correr como uma louca para me arrumar às pressas. Deu tempo para banho demorado — do jeito que eu gostava —, andar de toalha pela casa e até para assistir um pouco de televisão.

Quando o pessoal da portaria me informou sobre a chegada do carro, eu estava em cima do sofá, entediada e cansada de esperar.

Esse é o problema com o tempo: quando estamos cheias de coisas para fazer, ele passa voando, você pisca e já passou mais de uma hora; entretanto, quando as coisas estão mais paradas, é uma tortura, alguns poucos minutos parecem longas horas. Ou talvez — a opção mais provável — seja culpa da humanidade, que nunca está satisfeita com nada.

Eu peguei a minha bolsa em cima da mesa da cozinha e deixei o meu apartamento.

Infelizmente, no momento em que eu abri a porta, dei de cara com Douglas, que, pelo horário, devia ter acabado de chegar para assumir o seu turno.

Mas diferentemente de como havia acontecido no episódio com Rick, eu

simplesmente o ignorei, tentando fingir que ele não estava bem atrás de mim, seguindo cada um dos meus passos. Ou quase isso, já que optei pela escada e segui em passos bem apressados só para cansá-lo.

Ao sair do prédio, voltei o meu olhar para a rua e não localizei o carro do motorista de Erick. Ele não estava estacionado do outro lado da rua, o local de costume. Fernando também não estava em lugar nenhum, dificultando ainda mais as coisas para mim.

E então — depois de vasculhar novamente o perímetro —, eu notei um homem engravatado acenando pra mim. Ele estava em frente a um veículo preto.

Eu nunca fui do tipo de mulher que entendia de carros — Henrique era ótimo nisso —, mas sabia que se tratava de um Camaro — e um dos modelos recentes, diga-se de passagem.

Esperei o fluxo de carro diminuir e atravessei a avenida — o segurança inconveniente me acompanhou, é claro —, para me encontrar com Marinho, que realmente tinha vindo pessoalmente me buscar. Agora eu estava compreendendo o “*passo aí*” durante a sua ligação.

Quando eu me aproximei dele, o executivo gesticulou com a mão, dispensando Douglas, que refez o seu caminho, voltando para o meu prédio.

O fato de saber que ele vigiaria um apartamento vazio fez com que eu me sentisse vingada.

Eu queria aproveitar o momento para reclamar do segurança — contar tudo o que estava me incomodando e torcer para que o executivo o demitisse —, mas Erick não me deu tempo para falar, abrindo a porta do carro para que eu entrasse.

Depois que eu entrei, ele contornou o veículo e se acomodou no banco do motorista. Mexeu nos espelhos, colocou o cinto e olhou para os retrovisores. Por estar fazendo tudo tão certinho, até parecia que ele estava em um teste de direção.

Ele notou o sorriso em meu rosto e isso atiçou a sua curiosidade.

— O que foi?

Como eu não queria dizer “*eu só estou feliz por te ver*”, inventei algo na hora.

— Nada... É que você veio me buscar sem o motorista e com esse carro que eu nunca tinha visto antes... — Fixei os meus olhos em seus lábios apetitosos, antes de continuar dizendo: — É uma data especial?

Erick balançou a cabeça, confirmando, antes de dar partida no carro.

Aquelas esferas verdes voltaram-se para mim.

— Eu não sei se hoje realmente é uma data tão especial assim, mas é o meu aniversário.

Eu aproveitei que o executivo ainda não tinha engatado a marcha à ré — e nos tirado da vaga — e o abracei com força, de uma forma bem desajeitada.

— Claro que é uma data especial — disse, ainda o envolvendo com os meus braços. Beijei a sua bochecha, pegando parte de sua barba por fazer. — Parabéns, chefe!

Depois que eu fiz isso — praticamente o agarrando antes de começar com toda aquela “melação” —, voltei para o meu banco e coloquei o cinto.

Quando já estávamos na rua, com o carro andando, eu notei que Erick estava quieto demais, apenas com um sorrisinho bobo nos lábios.

— Por favor, diga-me que hoje realmente é o seu aniversário e que eu não fiz tudo aquilo à toa? — perguntei após notar que ele estava segurando a risada.

Eu não precisei pressionar muito, o desgraçado começou a rir, entregando o jogo e fez com que eu me sentisse a pessoa mais estúpida do mundo.

— Não, não é o meu aniversário — ele respondeu, voltando o olhar de relance para mim. E, com os olhos na estrada, ele completou: — Mas eu adorei o carinho.

Fiquei com muita vontade de dar um tapa na cabeça dele, ainda me detestando por ter feito aquela ceninha com o abraço.

Eu estava completamente corada ao lado dele, como se tivesse quinze anos de idade. E eu detestava essa sensação, pois sentia que estava perdendo o controle — o mesmo controle que sempre esteve em minhas mãos.

Erick notou que eu fiquei constrangida com a sua brincadeirinha, o que não era muito difícil já que eu devia estar parecendo uma pimenta.

— O meu aniversário já passou... — Ele riu com os próprios pensamentos. — Mas não se sinta mal, porque você me deu dois presentes neste dia. — Marinho trocou de marcha, antes de continuar a dizer: — Deixou eu te foder naquele banheiro e depois me deu a calcinha que estava usando.

Lembrei-me exatamente do dia em que ele estava se referindo. Foi bem no nosso “*jantar de negócios*”, quando Erick me propôs a ideia da exclusividade. Estávamos no andar VIP daquele restaurante chique — o “*Grigori’s*” —, havia apenas algumas mesas ocupadas e o banheiro estava vazio. Lembro-me de ter hesitado, mas o cretino me convenceu a transar com ele em

uma das cabines do banheiro masculino.

— Foi o melhor presente de aniversário que já me deram — ele continuou, irritando-me um pouco mais com o seu tom malicioso.

Desviei o meu olhar, encarando a paisagem urbana que passava pelo vidro isofilmado.

— Isso ainda não explica o porquê estamos dentro deste carro exagerado e não no banco traseiro do seu motorista — comentei, esforçando-me para mudar de assunto, como se o tema “sexo” fosse um tabu entre nós dois.

Pensei que ele fosse implicar com o “*carro exagerado*” — o que não era uma mentira —, mas o executivo ignorou isso.

— Alguém já te disse que você faz muitas perguntas? — prosseguiu ele, arrancando-me um sorriso. — Isso aí é invasão de privacidade, mocinha.

E só então — depois de ouvir o “*invasão de privacidade*” em sua frase — tornei a me lembrar do assunto “*segurança inconveniente*” que estava me incomodando desde o incidente com o meu amigo.

— Falando em invasão de privacidade, eu não quero mais o Douglas me seguindo para todos os cantos — disse em um tom sério, fiscando a atenção dele. — Ele faz com que eu me sinta uma prisioneira na minha própria casa.

Ele ficou alguns instantes em silêncio.

— Quem é Douglas? — perguntou-me Erick, não me surpreendendo por não saber o nome dos seus próprios funcionários.

— A porcaria do segurança que você contratou para me vigiar — respondi com um pouco de deboche, ainda em dúvida se ele realmente não sabia ou se estava se fazendo de bobo. — O cara que você dispensou com a mão mais cedo.

Ele fez uma expressão de “*ah, esse Douglas*”, mostrando-me de que realmente devia estar em dúvida entre os dois seguranças.

— Me pede outra coisa — ele respondeu, sem tirar os olhos da rodovia. Como eu fiquei em silêncio, obviamente insatisfeita com a resposta que tinha recebido, ele continuou: — Esse Douglas não está lá pra te vigiar, Sabrina. Está lá para te proteger. — Antes que eu pudesse argumentar, redefinindo os conceitos de “proteção” que ele tinha, o executivo tornou a falar: — Até onde seu sei, o segurança do segundo turno é o único que te segue o tempo todo e ele só faz isso porque foram nesses mesmos horários que aquele louco te atacou.

Eu queria muito dizer que ele estava errado, que a minha teoria da conspiração — a de que ele estava me vigiando vinte e quatro horas por dia —

fazia mais sentido, mas — bem lá no fundo — eu sabia que tudo o que ele estava dizendo tinha um pouco de coerência. Realmente contei que Juliano tinha me atacado duas vezes durante esses horários — quando estava prestes a atravessar a rua e em frente à casa de jogos — e isso também justificava por que o segurança do primeiro turno não era tão rigoroso quanto o do segundo.

— Ou talvez você tenha um pouco de razão e eu realmente esteja sendo paranoico — ele continuou, prendendo completamente a minha atenção. — Eu não vou mentir pra você, Sabrina... Eu me sinto mais tranquilo sabendo que ele está lá com você, que você realmente está segura e se é nesse sentido em que eu estou te vigiando, então você está certa.

Eu detestava quando ele fazia com que eu me sentisse culpada por alguma coisa. Estava me sentindo mal por ter duvidado das suas intenções, estava me sentindo culpada por estar nutrindo teorias absurdas que não eram reais e que só prestavam para criar discórdia entre nós dois.

— Tudo bem, chefe... Já que vai te deixar mais tranquilo, eu vou continuar com o segurança, por mais irritante que seja tê-lo no meu pé — respondi, voltando o meu olhar em sua direção.

Erick sorriu — um sorriso maravilhoso — em agradecimento.

Depois de encará-lo com uma expressão de menina apaixonada, notei que nós não estávamos seguindo para a casa dele no centro da cidade, tampouco para o hotel “*Star Palace*”.

— Pra onde a gente está indo? — perguntei curiosa a respeito do nosso destino. Como ele ficou em silêncio, recusando-se a responder a minha pergunta, eu completei: — Você está me sequestrando, Erick Marinho?

Ele riu da minha pergunta.

— E é possível sequestrar algo que é meu? — questionou o moreno, sem me encarar. Ele não me deu tempo de responder e tornou a falar: — Você é minha, Sabrina Lancaster.

Queria poder dizer que estava detestando toda aquela sua possessão, mas a verdade é que a sua frase “*você é minha, Sabrina Lancaster*” — por mais batida que estivesse — me deixou excitada.

A ideia de ser dele não me soava como algo ruim — contanto que ele também fosse meu, o que, lá no fundo, eu sabia que não era o nosso caso.

Capítulo 17 — Pôr-do-Sol

Nós chegamos a uma espécie de chácara — pelo menos, foi o que me pareceu — por volta das seis horas da tarde, o sol já estava começando a se pôr e Marinho continuava com aquele mesmo tom de mistério, negando responder onde exatamente nós dois estávamos.

— Você está mesmo me levando para o meio do mato, Erick Marinho? — questionei, não conseguindo perder aquela piada. — Eu devo me preocupar?

Ele me lançou um olhar enigmático, antes de sorrir.

— Acho que você vai ter que esperar pra ver, Sabrina Lancaster — respondeu-me ele, de forma irritantemente sexy.

Passamos por um portão, adentrando uma das propriedades da região. E pelo tanto que o carro andou, do portão até a gigantesca mansão, devia ter mais de quinhentos metros e atrás dela devia ter outros quinhentos. Talvez eu estivesse exagerando no número — ou fosse apenas péssima de conta —, mas, naquele instante, realmente me pareceu algo imenso.

O executivo estacionou o seu Camaro em frente ao um casarão azul.

Eu fiquei fascinada com o lugar.

Definitivamente, não sabia onde focar a minha atenção primeiro.

Observei o gramado verde — que não possuía uma única falha sequer —, as árvores que se estendiam em direção ao céu — que estava começando a escurecer —, os arbustos — principalmente aqueles carregados de flores —, a parte visível da lagoa e o que parecia ser um campo de futebol.

Todos esses detalhes tornavam o lugar perfeito.

O paraíso na terra.

— O que achou daqui? — quis saber o meu cliente, aproximando-se de onde eu estava parada.

Abandonei a paisagem e voltei o meu olhar em direção a ele.

— Exagerado como o seu carro, mas igualmente bonito.

Eu pensei em perguntar se aquela era uma das propriedades da família dele — ou algo parecido com isso —, mas acabei desistindo da ideia. Erick detestava falar sobre coisas pessoais, estava sempre mantendo uma barreira erguida, impedindo qualquer um de chegar perto.

Com toda essa proteção inconsciente que Marinho exercia, eu ainda não

sabia como ele tinha me levado para a sua casa — com a esposa por lá —, como tinha permitido que eu dormisse na mesma cama que ele acordava todos os dias.

Talvez — só talvez — essas barreiras estivessem enfraquecendo.

— Eu praticamente cresci neste lugar, correndo por estes gramados... — contou-me Erick, como se estivesse lendo os meus pensamentos. — Mas, atualmente, quase ninguém aparece por aqui... Nos últimos meses mesmo, as únicas pessoas que estão usando o lugar são os próprios caseiros.

O simples fato de ele me levar para um lugar como aquele — onde os membros de sua família costumavam estar —, já me mostrava que, na visão dele, eu não era apenas uma garota de programa — não da forma que pensei que ele me enxergasse.

— Os seus pais possuem um ótimo gosto — elogiei, arrancando um sorriso dele. Como ele continuou parado, olhando para o meu rosto, eu tornei a falar: — Caso ainda não tenha percebido, eu estou esperando você me mostrar o lugar.

Ele estendeu o braço, indicando-me a direção em que deveria seguir. E foi exatamente o que eu fiz, aceitando o seu pequeno *tour* pela propriedade.

Erick veio logo atrás de mim, comentando sobre como foi crescer naquele lugar.

— Hoje eu sinto pena da minha mãe, porque eu era uma peste — admitiu o moreno, roubando-me uma risada. — A solução que ela encontrava era me soltar em um desses lugares e eu ficava a tarde inteira me entretendo com um pedaço de madeira.

“*E você continua um menino bem levado*” pensei, quase pronunciando em voz alta.

Eu interrompi os meus passos e me virei, encarando-o. Analisei o paletó azul, a camisa escura, a gravata celeste e o cabelo irritantemente bem arrumado. Até mesmo os ralos fios de sua barba pareciam completamente alinhados, como se tudo estivesse em uma sincronia perfeita.

— Eu não consigo te imaginar como uma criança bagunceira — respondi ainda com os meus olhos colados em seu corpo. — Você parece ser sempre tão organizado e tem toda essa coisa de executivo... — Não consegui deixar de rir da expressão de seu rosto, após me ouvir dizer “*essa coisa de executivo*”. — Comparada com você, eu é que tenho cara de ter sido uma criança bagunceira.

Ele concordou com as minhas palavras, balançando a cabeça.

— Mas disso eu não tenho dúvidas — Erick afirmou, com um sorriso

espontâneo maravilhoso estampado no rosto. — Você tem a cara daquelas crianças safadas que faziam bolo de barro no chão da cozinha.

Foi impossível não me identificar com o “*bolo de barro no chão da cozinha*”. Eu sempre fui dessas crianças que saía de casa com um vestido branco e voltava com ele preto.

Coloquei as minhas mãos sobre o rosto, ainda rindo do que ele acabara de dizer.

— E eu fazia isso mesmo, mas na época chamava de bolo de chocolate. — Eu não consegui me conter e comecei a rir só de me lembrar da minha infância. — Eu era uma ótima cozinheira, pra você ter noção eu fazia até recheio de pedra com grama. — Fechei os meus olhos ainda rindo. — A minha mãe sempre ficava louca comigo.

Depois de me divertir com mais algumas curtas histórias que dividimos, nós nos sentamos em um banco próximo à lagoa. E, devido ao pôr-do-sol, fiquei completamente maravilhada com aquela visão; era tão magnífica que eu não conseguiria colocá-la em palavras.

— Eu não... Eu não imagino como foi... — Voltei o meu olhar em direção ao rosto dele, que agora era iluminado pelo sol alaranjado. — Crescer cercada por todo esse dinheiro. — Desviei o meu olhar, encarando o sapato preto que eu estava usando. — Eu não era a criança mais pobre do mundo, mas quando o meu pai morreu, as coisas realmente ficaram complicadas pra gente. — Observei a grama em que pisava e senti a brisa soprando contra o meu rosto. — Não foi nada fácil pra minha mãe criar duas filhas completamente sozinha. — Não consegui deixar de rir, um sorriso que parecia um misto de frustração e sarcasmo. — Mesmo com todas as nossas diferenças, eu admito isso.

E eu não estava mentindo, realmente reconhecia que a minha mãe teve garra, que ela foi muito corajosa em colocar todos os problemas nas costas e caminhar sem medo de cair.

O meu pai era “*o homem da casa*”, a pessoa que nos sustentava, arcando com todas as despesas. O dinheiro que a minha mãe ganhava no trabalho era destinado para coisas mais supérfluas — o pouco do luxo que possuíamos.

Dessa forma, depois que ele se foi, nós tivemos todo esse “luxo” cortado de nossas vidas — arrancado da forma mais cruel possível —, o dinheiro que tínhamos pagava apenas pelas despesas mais básicas, não tinha mais espaço para cadernos decorados, ovos da páscoa e bonecas no dia das crianças.

As coisas só foram melhorar quando o meu padrasto entrou em nossas vidas. Naquela época, ele surgiu como um príncipe encantado no conto de fadas

da minha mãe. Depois do casamento deles, tudo melhorou de uma forma inacreditável. Nós fomos morar em um apartamento que parecia o paraíso comparado com a nossa antiga casa, não precisávamos mais passar um ano inteiro com um único calçado e aquelas coisas da quais nos privamos por tanto tempo tornaram a fazer parte do nosso dia a dia.

Por esse mesmo motivo — ainda que não conseguisse aceitar —, eu conseguia compreender o porquê de minha mãe ser tão cega para as ações do Leandro. Ele surgiu no momento em que ela mais precisava e a aceitou com duas filhas, dando uma vida mais confortável para toda a família. Leandro — na visão dela — foi como um salvador — o próprio Messias —, que ela nem cogitou em colocá-lo num pedestal, um tão grande e alto a ponto de ela nunca mais conseguir tirá-lo de lá.

— Eu realmente cresci com dinheiro — disse o executivo, tirando-nos de um silêncio ensurdecedor. — Nós éramos extremamente ricos, o que me possibilitou estudar nas melhores escolas, brincar com os melhores brinquedos e conhecer vários países. Foi assim até a minha adolescência... — Os seus olhos esmeralda rumaram para a lagoa, que estampava o reflexo do sol na água. — Depois disso, o meu pai começou a perder tudo em investimentos furados e algumas sessões de jogos, que ele justificava dizendo estar tentando recuperar aquilo que já tínhamos perdido. Foi complicado tentar manter o padrão de vida que possuíamos sem dinheiro, mais complicado ainda foi esconder isso do círculo que frequentávamos.

Ele estava tão sério que me fez questionar se não seria melhor mudar o rumo da nossa conversa ou, pelo menos, deixar claro que ele não precisava falar daquelas coisas se não quisesse. Mas antes que eu pudesse fazer uma dessas duas coisas, ele continuou com o relato.

— Então, quando eu completei vinte anos, o presente do meu pai foi jogar nas minhas costas a responsabilidade de consertar as coisas, de salvar a nossa família.

As suas palavras pesavam muito, transparecendo o quanto devia estar sendo difícil para ele compartilhar todas aquelas coisas comigo.

Erick ficou em silêncio por alguns instantes e, nesse meio tempo, eu me lembrei do que ele havia me dito no dia em que nos conhecemos — naquele quarto de motel —, sobre não estar se casando por amor.

“Mas me conte... Que coisa horrível você fez pra procurar uma garota de programa pra se abrir?” indaguei na época, realmente não tendo dificuldade para conversar com ele. Naquele dia, os seus olhos esmeralda passaram-me uma

confiança que nem mesmo um familiar poderia transmitir — principalmente depois do que havia acontecido com Leandro. Além disso, nós éramos apenas dois estranhos em um quarto, podíamos dizer qualquer coisa, pois a probabilidade de nos encontrarmos novamente era mínima. “*Só não vá me dizer que matou alguém...*”.

“*Pior do que isso... Eu vou me casar*” respondeu-me ele, comparando um casamento a um assassinato. “*Estamos em pleno século XXI e ainda existem casamentos arranjados. Amanhã, por exemplo, eu vou me casar com uma mulher que detesto porque isso, a nossa união, vai deixar a minha família mais rica*”.

— Victória foi a forma que você encontrou para consertar o problema — liguei os pontos, tirando-nos do silêncio. Os olhos dele correram em minha direção, surpresos pelo quanto a minha suposição foi certa. — Quando nós estávamos naquele motel, você me disse que, por dinheiro, estava se casando com uma mulher que não amava.

Ele tornou a ficar em silêncio e, novamente, isso me fez questionar se eu não estava passando dos limites com aquela conversa, se não estava pressionando-o demais, tentando extrair coisas que ele não queria — e talvez não estivesse pronto para — dizer.

— Você não precisa falar sobre isso se não quiser, Erick. — Eu levei a minha mão até a dele e a apertei, tentando passar uma sensação de conforto. — Está tudo bem.

Ele balançou a cabeça e me deu um meio sorriso, como se estivesse me dizendo que estava “O.K”, que não se importava por estar falando sobre aquilo.

— A família de Victória sempre foi muito próxima da minha, eles sabiam até sobre as nossas dívidas, que elas se acumulavam mais a cada dia — prosseguiu o moreno, deixando-me surpresa por ter optado em seguir com o assunto, mesmo sem ter nenhuma obrigação de fazê-lo. — Mas, assim como a gente, eles também tinham um problema. O pai dela sempre foi um cara muito bacana, mas extremamente machista, do tipo que acha que uma mulher nunca será tão boa quanto um homem, principalmente quando se tratavam de negócios. — Ele riu enquanto balançava a cabeça em negação, como se fosse algo engraçado. — E como uma espécie de castigo divino, teve três filhas e nenhum homem ou, como ele costumava dizer, herdeiro para assumir as suas companhias.

Sussurrei um “*que cara babaca*”, que fez com que o homem ao meu lado parasse a história para rir. Depois disso, eu pedi desculpas por interrompê-lo

daquela forma.

— Então ele propôs uma aliança com os meus pais... Unir as nossas famílias através de um casamento — revelou Marinho, mostrando-me como surgiu toda aquela ideia. — A gente teria grana para as despesas e ele teria alguém em quem confiava e julgava ser a pessoa certa para dar continuidade ao seu legado. Foi uma troca que funcionou para todo mundo, menos pra mim e Victória.

Fixei os meus olhos em seu rosto quadrangular, antes de me arriscar em uma pergunta ousada.

— E valeu a pena?

— Me casar com ela? — disse ele retribuindo a atenção que depusitei em seu rosto. Depois que balancei a cabeça, respondendo positivamente, ele continuou: — Eu sou um dos homens mais ricos do país e, muito provavelmente, o mais rico entre os jovens... Acho que isso responde a sua pergunta.

Eu mordi o meu lábio inferior, tentando impedir que algumas palavras deixassem a minha boca, mas, ainda assim, elas acabaram escapando.

— É... Pelo jeito, eu não fui a única pessoa que fez a vida se vendendo.

Esse era um daqueles comentários dos quais nos arrependíamos antes mesmo de pronunciá-lo.

A forma que eu encontrei para remediar a situação — ou, no mínimo, mudar de assunto — foi me levantando do banco em que estávamos sentados e apontar na direção do pedalinho que ficava na margem da lagoa.

— Eu sempre quis andar nisso — disse a ele enquanto apontava em direção ao objeto em formato de pato, como se fosse uma criança de cinco anos de idade. — Ah, vamos comigo, por favor?

Erick se prontificou a negar com um aceno de cabeça.

Depois de repetir o “*por favor?*” por mais cinco vezes, o executivo acabou cedendo ao meu pedido.

Nós seguimos para a margem, mais especificamente para a estrutura de madeira próxima dali. Parecia uma espécie de ponte, onde os pedalinhos estavam posicionados. Aparentava ser bem antiga — provavelmente ainda existia no tempo em que Erick era criança —, mas também estava muito bem conservada.

Marinho continuava com aquela expressão fechada no rosto, como se estivesse prestes a fazer a coisa que mais detestava no mundo.

— Se for pra você ficar com essa expressão de psicopata, eu nem entro nesse negócio — deixei bem claro, em um tom humorado. O meu plano secreto deu certo e o executivo sorriu, melhorando a carranca. — Viu só como rir um pouco às vezes não tira pedaço?

Ele revirou os olhos e estendeu a mão, ajudando-me a entrar no brinquedo.

— Se você não calar essa boca, eu juro que vou te jogar dentro dessa lagoa.

Como não queria desafiá-lo a fazer isso, eu parei com as minhas brincadeirinhas bobas — algo que tinha aprendido com o próprio.

Depois de estar em cima do pedalinho, a primeira coisa que eu notei foi que não havia nenhum colete salva-vidas — até porque não estávamos em um parque —, mas isso também não me fez desistir de fazer aquilo.

Por mais que eu tivesse apontado para o brinquedo com a intenção de fugir daquela conversa constrangedora — uma que eu mesma dei início —, eu realmente queria andar no brinquedo, era algo que eu nunca tinha feito.

Eu me posicionei, colocando o meu pé sobre o pedalinho e apoiando a minha mão, mantendo-me o mais firme possível em cima daquele negócio.

— Tá... E o que a gente faz agora? — eu questionei o óbvio, ainda me divertindo com a expressão mal-humorada no rosto dele.

— A gente pedala, pedala, pedala... E continua pedalando sem parar... É tipo a coisa mais chata do mundo — respondeu o estraga prazeres, tentando me desanimar. — Aí, depois disso, a gente pedala mais um pouco.

Mas como estávamos em pleno pôr-do-sol, o evento que ele estava descrevendo como sendo “chato” foi deslumbrante para mim. Estar naquele lago iluminado pelo sol foi de uma beleza indescritível.

— É lindo — comentei estupefata, apreciando a vista maravilhosa. — Acho que é uma das coisas mais lindas que eu já vi.

As árvores lá no fundo, a água laranja à nossa volta e até mesmo o rosto iluminado de Erick, que mantinha os seus olhos fixos em mim, como se eu fosse o próprio sol.

— Não... Você é linda... — ele respondeu, roubando completamente a minha atenção da paisagem. Foi como se tudo aquilo desaparecesse, como se a única coisa em que eu fosse capaz de me concentrar fosse o seu rosto. — Perto de você, toda essa porcaria de pôr-do-sol se torna insignificante, extremamente comum.

Nossos corpos foram se aproximando lentamente para o beijo que nenhum de nós dois conseguiria evitar. Naquele momento — enquanto eu continuava a me movimentar em sua direção —, eu nem mesmo fiquei com medo de me desequilibrar e cair na lagoa.

Após os nossos lábios se fundirem, as suas mãos agarraram o meu cabelo, a sua língua me invadiu daquela forma agressiva — como se fosse arrancar um pedaço meu — e eu conseguia sentir a sua respiração desajustada em meio ao silêncio. Sentia o meu coração acelerar, o seu perfume amadeirado, que me deixou grogue, e o vento soprando contra os nossos corpos.

Eu abri os meus olhos ao som das gaivotas.

E ele continuava sendo o centro do meu mundo, tudo o que os meus olhos eram capazes de observar.

Erick também mantinha os olhos em mim, encarando-me com um sorriso maravilhoso no centro de seus lábios convidativos. Ver aquela boca se esticando de forma tão graciosa fez com que eu sentisse vontade de beijá-lo outra vez.

— Talvez vir aqui nessa porra de pedalinho não tenha sido tão chato assim — admitiu o executivo ainda com o sorriso iluminando a sua face.

Ele se inclinou para me beijar e eu me esquivei.

— Tem certeza de que não foi chato? — brinquei ainda fugindo de seus braços. — A gente só pedalou e pedalou...

O moreno me agarrou, puxando-me para perto de seu corpo e tornou a me dominar com a sua língua gulosa. Adorava tê-la em minha boca, assim como gostava de ter as suas mãos em meu corpo, possuindo-me daquela forma que ele fazia tão bem.

Se eu pudesse, continuaria ali eternamente com ele. Estaríamos sob aquele pôr-do-sol alaranjado, com a brisa do vento soprando de forma refrescante contra os nossos rostos, ao som das gaivotas e, principalmente, com aquele olhar dele me queimando como o sol da manhã.

Assim como naquele dia em que nos conhecemos, eu sentia que Erick estava me enxergando de verdade. Não como a acompanhante de luxo que tinha assinado um contrato com ele, mas como uma mulher que talvez pudesse significar algo mais.

— Agora que eu já beijei o galã em um lago, sendo iluminada pelo pôr-do-sol... — comentei, arrumando-me no lugar para tornar a pedalar — só falta o beijo na chuva para eu completar as cenas clichês dos filmes que eu quero reproduzir.

Marinho se virou, tornando a depositar a sua atenção em mim.

— É impressão minha ou você acabou de confirmar que eu sou tão gostoso quanto um galã de cinema? — gabou-se ele, fazendo com que eu revirasse os meus olhos, enquanto corava, tornando-me uma pimenta ambulante.

— Cale essa boca e pedale.

Estava me sentindo uma adolescente da idade da minha irmã, saindo com o gostosão da escola pela primeira vez. A sensação era estranhamente boa — ainda que muito perigosa —, eu me sentia tão leve e extremamente animada, de uma forma que eu nunca me havia me sentido durante um programa — e, provavelmente, durante toda a minha vida.

A cada dia — e encontro — que se passava, ficava cada vez mais óbvio a minha paixão por ele, o sentimento que eu me esforçava para esconder, o mesmo sentimento que eu sempre condenei no meu amigo Rick.

Critiquei tanto Henrique por desenvolver sentimentos por clientes que agora eu estava completamente apaixonada por Erick Marinho. Só restava saber se eu seria destruída por esse mesmo sentimento, assim como o meu amigo foi — inúmeras vezes.

Capítulo 18 — Confissões

Ligaram-me da portaria, pedindo autorização para a entrada de uma determinada pessoa. Depois que me contaram quem estava lá embaixo, eu tive que pedir para repetirem o nome, pois não estava conseguindo acreditar que ela realmente estava parada lá, querendo subir para o meu apartamento, para — pasmem — falar comigo.

Eu dei a autorização e aguardei as batidas para abrir a porta.

E quando elas finalmente vieram, encontrei ninguém menos que Victória Marinho — a esposa do meu cliente número um — do outro lado.

Deixei que ela entrasse em meu apartamento, mas não consegui esconder a minha surpresa em recebê-la.

— Como agora você não sai da minha casa, eu pensei em retribuir, visitando a sua também — debochou a ruiva assim que cruzou a porta.

Os seus olhos cinzentos analíticos voaram em direção aos meus móveis, decoração e todas as outras coisas em seu campo de visão, como se estivesse procurando por algum defeito. Ela, provavelmente, era do tipo de pessoa que ignorava a frase “*só não reparava na bagunça*”.

— Aqui é bem... bem... — Ela riu pensativa, como se não conseguisse encontrar uma palavra para descrever o meu apartamento. — Aconchegante.

— É pequeno, eu sei — retruquei, caminhando em direção ao sofá da sala. Depois de me sentar, fiz um sinal com a mão para que ela se aproximasse. Quando a esposa de Erick se acomodou ao meu lado, eu continuei, dizendo: — Eu nunca gostei muito dessas casas exageradas, entulhadas de coisas inúteis... — Eu não consegui controlar o sorriso debochado que tomou conta da minha boca. — Sem ofensas.

Diferente de como Victória fez parecer com o seu “*aconchegante*” — que para ela devia ser sinônimo de cubículo —, o meu apartamento não era minúsculo. Tinha dois quartos suítes — o meu particular e o que eu costumava usar para os programas, que depois da “*exclusividade*” acabou ficando com Caroline —, um banheiro, sala, cozinha e uma lavanderia. Comparado com a maior parte dos apartamentos que eu já visitei, o meu podia ser considerado até grande.

— Mas eu tenho certeza de que você não veio aqui falar sobre o meu apartamento e muito menos fazer uma simples visita, não é mesmo? —

comentei, querendo pular toda aquela parte dos panos quentes.

Nós duas já tínhamos ficado bêbadas juntas, não existia mais necessidade de fazer cerimônias. Ainda que não fôssemos amigas de longa data — e nem nada parecido com isso —, podíamos dizer que existia certa intimidade.

Eu também sabia que ela tinha algo para me falar, conseguia sentir a hesitação de Victória de longe e isso fez com que eu me recordasse do dia em que ela me aconselhou a “fugir” de Erick, explicando-me de que o contrato que eu tinha estabelecido com ele não possuía um valor legal.

As suas exatas palavras foram “*você não precisa mais continuar presa a ele*”, como se eu estivesse vivendo em um cárcere privado. Lembrava-me de ter ficado paranoica, criando mil e uma teorias da conspiração e, obviamente, não chegando a lugar algum.

— Eu... — Ela fechou os olhos e abaixou a cabeça, como se ainda estivesse decidindo se realmente queria me dizer do que se tratava a sua aparição. Após alguns instantes em silêncio, a sua cabeça se levantou e eu senti que ela estava mais confiante, como se tivesse feito uma escolha. — Eu preciso de um conselho... De um conselho amoroso.

Desde que ela entrou em meu apartamento, eu estava esperando ouvir algo bombástico, algo que fizesse aquela sua frase — a que havia me assustado — ganhar algum sentido. No entanto, a mulher à minha frente, basicamente, estava me pedindo para bancar o cupido.

— Espera um pouco... — Estendi a mão, não acreditando naquilo que estava ouvindo. — Você, a esposa nariz em pé do meu cliente, quer um conselho amoroso meu?

Victória riu, tornando evidente o seu nervosismo.

— Eu... eu não tenho nariz em pé — rebateu ela, como se essa fosse a pior coisa da minha frase. A mulher à minha frente respirou fundo e balançou a cabeça, confirmando. — E sim, eu quero um conselho seu.

— Por quê? — indaguei, tentando fazê-la perceber o quanto tudo aquilo soava de forma bizarra. — O que te faz pensar que eu seria boa nisso?

Ela se inclinou e fixou os seus olhos em mim.

— Eu... eu não sei. Mas você é uma profissional do sexo, certo? Deve saber alguma coisa útil... — Fiquei em silêncio, não comprando aquilo. Ela revirou os olhos, notando que aquela desculpa não estava colando. — Você... você... — A ruiva riu de forma frustrada, como se as suas palavras não estivessem saindo. — Você é a única pessoa com quem eu posso falar sobre

isso... Eu não tenho mais ninguém.

Eu era a única pessoa com quem ela podia compartilhar o que estava prestes a dizer? Se isso fosse mesmo verdade, Victória era uma mulher menos popular do que eu imaginava.

— Vai me ajudar ou não? — questionou ela, sem muita paciência, demonstrando estar pronta para pegar a sua bolsa e deixar a minha casa a qualquer momento.

Deixei todo o deboche e sarcasmo de lado, estava realmente disposta a ajudá-la com aquela questão “amorosa”.

Balancei a cabeça, respondendo positivamente à sua pergunta.

— Se lembra daquele barman? — questionou ela, arrancando-me um sorriso. Como é que eu poderia me esquecer do *barman delícia*? Depois que confirmei, ela prosseguiu: — Eu meio que estou saindo com ele... Já faz alguns dias.

Por mais que eu mesma tivesse dito para ela voltar no “*Cat’s Club*” para encontrá-lo, estava surpresa com aquela informação. Lá no fundo, eu não pensei que ela realmente iria através dele, não achei que Victória fosse do tipo de mulher que se arriscava.

— E está sendo ótimo passar esse tempo com ele. — Ela continuou, não conseguindo deixar de sorrir ao se lembrar de sua relação com Gustavo. — O Guto é bonito, engraçado e me faz muito bem, mais do que qualquer outro homem já fez...

— Se tudo está indo tão bem com o... — fiz aspas com os dedos e uma careta, antes de continuar — “Guto”, então qual é o problema? — Eu não estava entendendo onde ela queria chegar, não conseguia fazer uma única suposição, mesmo com a minha mente fértil. — Que tragédia aconteceu para que uma mulher como você precisasse de um conselho meu?

— As coisas entre a gente... Elas estão indo rápido demais e... E eu acho que tem uma pequena chance de eu estar me envolvendo demais — confessou a esposa de Erick, deixando-me sem palavras. — Você é ótima em separar essas coisas, em não se envolver com os clientes, desenvolvendo esses sentimentos... Então, o que eu devo fazer?

Eu, ótima em separar as coisas?

Em não se apaixonar?

Se ela soubesse o que estava acontecendo na minha vida, nunca teria pedido o conselho.

— São duas situações completamente diferentes... — respondi, esforçando-me para me esquivar de um assunto que eu, definitivamente, não queria debater, principalmente com a mulher do problema. — Pelo que você me contou, o barman está fazendo bem pra você, o que significa que esse sentimento é saudável.

— Eu... eu sou casada, não posso me envolver de forma séria com outra pessoa — ela argumentou, fazendo com que o meu estômago congelasse. — Eu tenho uma imagem, um status na sociedade e... O que as pessoas vão pensar de mim?

No fim das contas, sempre se tratava do que outras pessoas iriam pensar; nunca do que nós mesmos achávamos. Não importava se nos fazia bem — pelo menos, não se a sociedade não aprovasse.

— As pessoas vão ver uma mulher forte, que está tentando reconstruir a vida, uma mulher que não deixou que um casamento malsucedido acabasse com a sua vontade de seguir em frente — respondi, tentando mostrar a forma que eu enxergava as coisas. — E se não enxergarem, mande todas elas irem à merda!

Pela expressão de seu rosto, as minhas frases motivacionais não a ajudaram muito.

Se elas não costumavam funcionar nem pra mim, porque serviriam para Victória?

— Todas essas coisas que você falou fariam todo o sentido do mundo se eu fosse um homem. A sociedade sempre os protege, até mesmo quando se casam com garotas com idade para serem filhas deles. Tornam isso em um grande conto de fadas — ela respondeu, desviando o olhar para a minha televisão. — Mas pra mulher é muito mais complicado, não existe conto de fadas nenhum, só promiscuidade, decadência e humilhação.

Ela não estava errada.

Realmente as coisas eram mais fáceis para os homens, mas também não era o fim do mundo. Ela ainda poderia mandar todo mundo “*ir à merda*”, poderia seguir com a sua vida sem se importar com o que as pessoas pensariam.

— Os meus pais mesmo... — O seu olhar tornou a me encontrar e, então, eu entendi o que realmente a assustava. — Eles não... Eles não entenderiam.

A esposa de Erick não estava preocupada com o que todas as pessoas iriam pensar. Aparentemente, as opiniões que realmente a assustavam eram as de seus pais. Eu conseguia enxergar isso dentro de seus olhos, na forma como o corpo dela se movia.

E isso fez com que eu me recordasse da conversa que havia tido com Erick naquela chácara. Lembrei-me do executivo contando que o pai de Victória era extremamente machista, que praticamente obrigou a filha a se casar porque precisava de um herdeiro que fosse homem — já que o mesmo não acreditava que uma mulher poderia ser boa nos negócios.

Ela se levantou e voltou o seu olhar em minha direção.

— Desculpa por aparecer aqui e te encher com os meus problemas.

Balancei a cabeça em negativa.

— Tudo bem, não tem problema... Você já me arrastou pra uma balada, então o que é um conselho, não é? — respondi, forçando um sorriso.

Eu a acompanhei até a porta e, antes que Victória pudesse cruzá-la, a interrompi.

— Não deixe homem nenhum decidir como você vai viver a sua vida — comentei com os meus olhos fixos em seu rosto. — Esse é o meu conselho.

Ela sorriu em agradecimento e deixou o meu apartamento.

Quando eu fechei a porta, caminhei em direção ao sofá e me sentei ali, ainda me sentindo impactada pela visita da ruiva.

A pior parte não foi apenas agir como se eu não estivesse apaixonada pelo marido dela — até porque, no fundo sabia que ela não se importaria com isso, principalmente agora que estava se envolvendo com outro homem. O pior foi perceber que, enquanto eu a aconselhava, uma parte minha — uma bem grande, devo destacar — foi extremamente tendenciosa.

Eu não queria ajudá-la a ter sucesso em seu novo relacionamento, queria que ela colocasse um ponto final no antigo. Por trás do lindo “*Não deixe homem nenhum decidir como você vai viver a sua vida*” tinha um “*se o casamento de vocês acabar, talvez eu tenha uma chance com o Erick*”.

Eu não estava montando um plano diabólico para separá-los ou algo parecido — digno de vilã da novela das nove. Mas durante a maior parte da nossa conversa, dei conselhos que, de certa forma, também me favoreciam — isso aconteceu de forma inconsciente. Eu só fui perceber o quanto estava sendo tendenciosa quando fechei a porta e ela já tinha indo embora, mas isso também não melhorava as coisas.

Respirei fundo e mordi o meu lábio inferior, questionando sobre o buraco em que estava me enfiando. As chances de eu morrer soterrada aumentavam a cada dia, mas, ainda assim — por algum motivo —, eu continuava cavando.

Capítulo 19 — De Volta Ao Motel

Fechei a porta meu apartamento e caminhei em direção às escadas. E, é claro, Douglas — o segurança do segundo turno — me seguiu, acompanhando-me até a portaria, cumprindo com a sua função, a de ser a minha maldita sombra.

Eu já estava até me acostumando com a sua irritante presença. Como não conseguiria me livrar dele — até mesmo por uma questão de segurança, de acordo com Erick —, o único caminho era aceitar que ele estaria ali, atrás de cada passo que eu desse.

O segurança me deixou em frente ao carro de Marinho. Depois disso, o motorista assumiu a frente, aproximando-se de mim e abrindo a porta do carro, daquela mesma forma atenciosa que ele sempre me tratava.

Cumprimentei Fernando com um sorriso e sentei-me no banco traseiro, que não possuía mais ninguém além de mim — infelizmente, o executivo não estava pessoalmente ali, como já havia feito uma vez.

Como eu não tinha muito assunto com o motorista — paramos de falar logo depois que comentei sobre o clima —, nós dois ficamos em silêncio e, nesse meio tempo, eu consegui identificar o caminho que estávamos seguindo. E, dessa vez, eu notei que não era para a casa do executivo.

Nós seguíamos para o hotel “*Star Palace*”, onde já tinha me encontrado com Erick algumas vezes, principalmente antes da nossa “*exclusividade*” ter início, na época em que ainda nos estranhávamos no fim de cada programa.

Dessa vez, no momento em que passei pela porta, um recepcionista me abordou, levando-me direto para um quarto no terceiro andar — aquele com a vidraça enorme, em que eu e Marinho sempre nos “hospedávamos”.

Entrei no quarto e me assustei quando dei de cara com o executivo. Eu não achei que ele já fosse estar ali. Erick sempre costumava se atrasar. Houve vezes em que precisei esperar por vários minutos até a sua chegada. Na primeira vez em que estive ali, precisei retocar a minha maquiagem, porque estava quase dormindo em cima da cama.

— Oi... — eu cumprimentei o moreno, com um sorriso que transmitiu o quanto eu estava feliz em vê-lo, feliz até demais. E, para disfarçar isso, acabei mudando completamente o assunto. — É impressão minha ou você deu ordem pra eles me tratarem como se eu fosse a rainha Elizabeth? Estão me tratando ainda melhor do que da última vez que eu estive aqui.

Ele sorriu e notei que eu não era a única pessoa feliz naquele quarto.

Eu conseguia ver isso expresso em seu rosto.

— Mas é claro que eles estão te tratando bem... Você está comigo, o dono dessa porcaria — respondeu-me ele, convencido como sempre.

Aproximei-me da cama e me sentei bem na beirada enquanto voltava os meus olhos para a vidraça, constatando uma vez mais o quanto aquela vista era maravilhosa.

— Eu tinha me esquecido do quanto aqui é bonito — comentei sem desviar o meu olhar da paisagem urbana. — Acho que estava com saudades... — Voltei o meu olhar para o rosto dele. — Não que a sua casa também não seja legal.

Como ele ficou em silêncio, encarando-me com um olhar estranho, não consegui deixar de fazer uma piada.

— Quais são as minhas tarefas de hoje, chefe? — questionei, observando o homem lindo à minha frente. Ele se manteve em silêncio, obrigando-me a continuar: — Eu devo me preocupar?

Ele se aproximou, parando bem à minha frente.

— Hoje faremos algo um pouco mais intenso — ele respondeu, deixando-me curiosa a respeito do seu “*intenso*”. — Acho que você vai gostar.

Soltei a minha bolsa em cima da cama e me levantei, ficando de frente para ele.

— Intenso do tipo “*vou meter com força*” ou algo pesado mesmo? — perguntei, não conseguindo manter aquela dúvida pra mim mesma.

Ele começou a rir, deixando-me ainda mais curiosa.

— O que foi? — tornei a questionar, detestando todo aquele suspense. — Fala logo!

Continuei a fuzilá-lo com o meu olhar, esperando pela resposta. Mas Erick continuava rindo como um idiota e isso começou a me irritar, pois se eu não entendia a piada, era porque eu provavelmente era a piada.

— Foi... foi só uma brincadeira minha... — respondeu-me ele, sem me encarar. Antes que eu pudesse pedir para que ele fosse mais específico no que estava tentando me dizer, o executivo tornou a falar: — O sexo... — ele fez aspas com os dedos — “*pesado*”... Era uma piada minha. Brinquei com isso naquele dia que estávamos discutindo sobre as práticas, pra ver se conseguia te assustar e, no fim das contas, você acabou acreditando e eu não desmenti.

Fechei os meus olhos, não acreditando que tinha sido feita de trouxa por tanto tempo.

— Estou me sentindo a pessoa mais idiota do universo — comentei rindo de frustração. — Eu bem que desconfiei que estava demorando muito pra você fazer algo... “fora do normal”.

— Mas se você quiser, a gente pode fazer umas coisinhas — ele brincou, aproximando-se ainda mais do meu corpo. — Posso te dominar... Meter a minha mão na sua bocetinha e fazer aqueles lances de amarrar e foder com força. O que você acha?

Eu comecei a rir, odiando-me por ser tão burra a ponto de não ter nem desconfiado que tudo não passava de mais uma brincadeirinha idiota dele, como as várias outras que ele já havia feito.

— Não... não precisa de nada disso, Erick... — respondi, voltando o meu olhar para os seus olhos esverdeados. — Já está ótimo assim.

— Então, você está confirmando que eu sou bom de cama? — Ele começou, fazendo-me corar e sentir vontade de retirar tudo o que havia dito.

Eu, certamente, era a única garota de programa que corava em frente a um homem — ainda por cima, um cliente. Mas, em minha defesa, isso só começou quando eu me infectei com todos aqueles sentimentos — sentimentos que eu sentia crescendo dentro de mim a cada dia.

— Eu não tenho medo de confessar que você é ótima de cama — ele continuou, arrancando-me um sorriso.

— Mas é claro que eu sou ótima de cama... Garanto o meu serviço de qualidade, lembra? — respondi, inclinando a minha cabeça para beijá-lo.

Nossos lábios se tocaram e o beijo pelo qual eu tanto ansiava aconteceu.

Mas enquanto eu ainda o beijava, lembrei-me de um pequeno detalhe que não se encaixava. E essa dúvida fez com que eu interrompesse o nosso beijo.

— Espere um pouco... — comentei, levantando a minha mão e, automaticamente, roubando sua atenção. — Se todo esse lance de sadomasoquismo era mesmo uma piada, por que a Márcia me disse que você tinha métodos estranhos?

Ele franziu a testa, transparecendo não estar entendendo nada do que eu havia dito.

— Ela disse o quê?

Revirei os meus olhos, antes de explicar mais detalhadamente: — quando

ela intermediou o nosso programa, deixou escapar que você possuía, nas palavras dela, “métodos estranhos”... — E, então, não consegui deixar de rir ao me lembrar de algumas coisas. — Ela até me pediu para me fingir de inocente...

Erick fechou os olhos, antes de levar as mãos para o rosto, como se estivesse tentando se esconder por vergonha. O executivo sentou-se sobre a cama e, então, deu dois tapinhas no espaço vago ao seu lado, convidando-me para me sentar também.

Pude ouvir em minha mente um “*senta que lá vem história*”.

— Eu já dormi com mais da metade das garotas da agência dela — confidenciou-me ele, assim que me sentei ao seu lado. — E, acredite ou não, era extremamente chato e monótono. Elas entravam no quarto, tiravam a roupa, se jogavam em cima de mim e fodíamos. Depois das primeiras duas, eu liguei para Márcia e pedi pra ela me mandar alguém diferente, que não se parecesse com uma... — Ele riu, interrompendo o próprio relato. — Que não se parecesse com uma puta e, provavelmente, é por isso o lance do “*inocente*”. A parte do estranho veio mais tarde, quando tentei apimentar as coisas para sair do tédio que estava. Transamos no corredor do hotel, no chão do quarto, chamei até um outro cara para participar.

Ele tinha chamado outro cara para participar do sexo? Inacreditável, levando em conta o que ele havia me dito quando eu saí com Alexandre.

— Eu pensei que você não gostasse de dividir... — comentei, lembrando-o do que ele já havia me dito à época em que saiu na mão com o amigo por conta de um programa. — Principalmente mulheres.

Ele balançou a cabeça, concordando com as minhas palavras.

— É verdade, eu nunca fui bom em dividir, coisa de filho único... Mas eu não me importava com aquelas putas da Márcia — ele respondeu, fuzilando-me com aquelas esferas brilhantes. — Pelo menos, não da forma com que eu me importo com você, por exemplo.

Joguei o meu corpo para trás, deitando-me sobre a cama, sem desviar o meu olhar de seu rosto.

— Eu... eu fugi de você naquela noite, no dia em que nos reencontramos no evento da Márcia — comentei, mordendo o meu lábio inferior, instantes antes de rir de forma frustrada. — Quando eu esbarrei naquele cara e você apareceu, o meu chão desapareceu. Fiquei com vergonha de você descobrir que eu continuava fazendo programas, então me afastei o mais rápido que eu pude de vocês dois.

Ele ficou em silêncio, apenas continuou olhando para mim, derretendo-me com aquele seu olhar penetrante, que parecia ser capaz de enxergar a minha alma.

— E eu pensava que você me achasse um banana por não ter feito nada além de conversar naquele dia — ele comentou, arrancando-nos do silêncio. — Passei muito tempo me arrependendo pelo que aconteceu lá.

Revirei os olhos, não acreditando no que ele estava me dizendo. Erick estava mesmo me dizendo que um dos maiores arrependimentos dele foi não ter transado comigo naquele dia?

— Se arrependeu por causa de uma foda? — questionei, tentando ilustrar o quanto esse pensamento era ridículo.

Não era a primeira vez que eu notava que Erick tentava, constantemente, provar coisas para si mesmo. Ele sempre precisava agir como o “machão” e isso acabava fazendo com que ele comentasse coisas tão idiotas quanto a sua última frase.

Ele ficou em silêncio por alguns instantes, somente com um meio sorriso nos lábios. Pensei que ele fosse fazer uma piadinha sobre ter “desperdiçado dinheiro” — como já havia feito antes —, mas o executivo me surpreendeu.

— Na manhã seguinte à noite em que nos conhecemos, eu escrevi um bilhete pra você, disse sobre o quanto tinha gostado de te conhecer e, no final dele, coloquei o meu nome e o número do meu telefone — Erick comentou, deixando-me confusa, pois eu não me lembrava da parte do nome e telefone. — Mas eu fiquei com medo de você me achar um idiota... — Ele riu enquanto continuava com os olhos em mim. — Um banana... Então, eu rasguei a parte que continha essas informações e fui embora. — Os seus olhos fugiram de mim, voltando-se para a vidraça, como se ele estivesse envergonhado. — E, desde então, sempre que eu me lembrava de você, me arrependia por ter rasgado aquele maldito bilhete, por ter destruído todas as chances de te reencontrar.

Dessa vez, eu fui atingida pela vergonha. Tirei conclusões precipitadas de coisas que eu nem mesmo conhecia.

Estiquei o meu braço, levando a minha mão até a dele.

— Eu nunca te achei um banana por não ter dormido comigo naquele dia, Erick — respondi enquanto continuava apertando a sua mão. — Na verdade, foi aquele dia que me fez te respeitar como homem.

“Esse dia, provavelmente, marcou o início dos meus sentimentos por você” pensei, antes de fechar a minha boca, temendo que as palavras

escapassem.

Senti através de seu estado hesitante que ele me diria alguma coisa, mas antes que as palavras pudessem deixar a sua boca, o seu celular tocou, interrompendo o momento que estávamos tendo.

O executivo tirou o celular do bolso e encarou o nome da pessoa que ligava. Ele fez uma careta e voltou a sua atenção para mim, sinalizando que precisava atender, concordei com um sorriso e o assisti se afastar para conversar com a outra pessoa na linha.

Pelo que entendi do pouco que eu consegui escutar, referia-se a uma questão envolvendo negócios — mesmo já passando das nove horas da noite. Aparentemente, o trabalho dele era semelhante ao que eu desempenhava, sem horários definidos.

Depois de dois minutos próximo à vidraça com o celular sobre o ouvido, o CEO caminhou em minha direção e eu já soube antes mesmo que ele me contasse.

— Você já tem que ir embora, não é? — adivinhei, levando os meus olhos para o seu rosto.

Ele balançou a cabeça, respondendo a minha pergunta. Então, eu forcei um sorriso, tentando transmitir que não tinha problema.

— Desculpe... Por eu precisar ir embora tão cedo — respondeu-me Erick, deixando-me assustada por ouvir um “*desculpe*” vindo dele, principalmente por um motivo tão comum. — Eu estou com alguns problemas na empresa e... E ainda tenho a Victória...

Por algum motivo, fiquei curiosa para saber qual era o problema que envolvia a sua esposa, até porque eu não tinha ouvido nada na ligação que remetesse a ela.

— Ela... A Victória fez alguma coisa? — questionei-o já me arrependendo assim que fiz a porcaria da pergunta.

Era algo pessoal demais e que eu não precisava saber, ultrapassava a relação “*acompanhante e cliente*”. Mas, para a minha surpresa, Erick não deixou de me responder.

— Nas últimas semanas, ela está muito descuidada, saindo demais e, provavelmente, com mais de um cara — respondeu-me ele, arrancando-me um sorriso. — Nós precisamos manter uma imagem de casados, fazer esse esforço para que a porcaria da nossa relação não afete os negócios.

— Não precisa se preocupar com isso, Erick... Ela não está saindo com

um monte de caras — deixei escapar enquanto eu continuava com aquele sorriso de quem sabia mais do que estava dizendo.

O executivo voltou o seu olhar para mim e, no mesmo instante, eu já sabia quais seriam as suas próximas palavras — elas estavam escritas na testa dele.

— É impressão minha ou você sabe de alguma coisa que eu não sei, Sabrina? — questionou o homem à minha frente, colocando-me em uma péssima situação.

Obviamente, eu balancei a cabeça, negando saber de qualquer coisa. Depois disso, levantei-me da cama e me afastei, ficando de costas para ele, pois sabia que não conseguiria mentir olhando para os seus olhos.

— Não, claro que não... — eu tentei despistá-lo, mesmo sabendo a essa altura do campeonato que a desculpa não colaria. — Por que eu saberia de algo?

Ele se aproximou e colocou as mãos sobre os meus ombros, antes de se inclinar e beijar o meu pescoço, arrepiando-me completamente. Marinho iniciou uma espécie de massagem, complicando ainda mais pra mim.

— Por que eu sinto que você não está sendo totalmente sincera comigo? — continuou o CEO, deixando-me ainda mais tensa com uma massagem que deveria me relaxar. — O que você sabe sobre a Victória que eu não sei?

Após me dar conta de que não conseguiria esconder aquela informação dele, eu me virei, tomando coragem para voltar a encará-lo.

— Por mais ridículo que isso possa soar, eu não quero ficar entre vocês dois, Erick — respondi, tentando fazê-lo enxergar as coisas da minha posição, que não era uma das mais confortáveis. — Ela me contou isso, confiou em mim e eu não quero que ela pense que eu fui correndo contar pra você, entende?

Ele balançou a cabeça, confirmando.

— Sim, mas eu realmente preciso saber o que está acontecendo com a Victória, o motivo de ela estar tão distante... — Ele insistiu, fazendo-me fechar os meus olhos. — E também não é como se vocês duas fossem melhores amigas pra se importar em não revelar algo pra mim, o marido dela...

Erick conseguia ser bem persuasivo quando queria — o que era, basicamente, sempre. E me mostrou alguns pontos bem coerentes. Victória sabia sobre mim, nada mais justo do que ele saber sobre o barman delícia, ter conhecimento de que ela também tinha encontrado alguém. Dessa forma, seria mais fácil para eles administrarem e deixarem isso por baixo dos panos.

— Não, ela não está saindo com vários caras... na verdade, só com um

— revelei, não conseguindo deixar de sorrir. — E, até onde eu sei, ela está bem envolvida com ele... Não acho que vocês dois corram algum tipo de risco.

— Envolvida? — questionou Erick, não conseguindo deixar de rir, como se a minha resposta fosse a melhor piada do universo. — Eu nunca pensei que Victória fosse conseguir amar alguém além dela mesma.

Retribui o sorriso e fixei o meu olhar naquelas esferas esverdeadas. E, então, despejei toda a verdade em cima dele, contando tudo o que eu sabia sobre o Gustavo, incluindo que ele era o barman do *Cat's Club* — aquele que estava se agarrando com ela no momento em que ele apareceu para nos tirar de lá. Também fiz questão de comentar sobre o quanto ela parecia estar feliz com esse relacionamento, que estava sendo algo bom para ela — tão bom quanto o nosso devia ser pra ele.

— Agora que você já sabe... Por favor, pare de implicar com ela — eu prossegui ainda sem entender o motivo pelo qual eu estava saindo em defesa da esposa. — Deixa a Victória aproveitar a vida dela e, dessa forma, ela não vai mais interferir na sua.

— É impressão minha ou você está íntima demais de uma pessoa que deveria odiar? — brincou ele, evidenciando o quanto toda aquela minha relação com a Victória era estranha. — Do jeito que você fala sobre ela, vocês duas parecem até melhores amigas...

Eu balancei a cabeça, negando em uma tentativa de desconversar, como se a hipótese de sermos amigas fosse algo de outro mundo — o que, para mim, não era.

— Não, nós não somos... Fique tranquilo — respondi, dizendo exatamente o que ele queria ouvir. — Mas ela sempre me tratou bem, mesmo com incontáveis motivos para fazer exatamente o oposto.

Antes que eu pudesse continuar justificando a nossa estranha relação — evitando revelar que, de certa forma, tínhamos um certo vínculo de amizade —, o executivo me interrompeu, pegando a palavra para ele.

— A gente pode mudar de assunto? — questionou ele como se estivesse implorando para falar de outra coisa que não fosse a mulher que ele devia odiar. Depois que eu balancei a cabeça, confirmando, ele continuou: — Na verdade, eu não vou ter tempo nem pra mudar essa droga de assunto... Eu preciso mesmo ir embora.

Pesei que ele fosse se virar, caminhando em direção à porta — como sempre fazia depois de dizer frases como “*preciso ir embora*”. No entanto, Erick se aproximou de mim, beijando-me de uma forma carinhosa, antes de partir.

E isso me deixou rindo como uma boba. As minhas risadas aumentaram ainda mais quando eu cheguei à conclusão de que, mais uma vez, apenas conversamos em um quarto, assim como no dia em que nos conhecemos no quarto daquele motel.

Capítulo 20 — Apaixonada Pelo Bilionário

Eu nunca me apaixonei de verdade.

Pelo menos, não até conhecer Erick Marinho.

Antes dele, o máximo que tive haviam sido paixões platônicas no Ensino Médio e relações de uma semana, que chegavam ao fim no instante em que o cara queria saber o meu sobrenome.

Provavelmente, isso se devia ao fato de que, quando eu estava saindo da adolescência, o meu padrasto tentou me assediar. Depois do incidente — quando o cara que devia agir como o marido da minha mãe passou a dar em cima de mim —, deixei de confiar nos homens e aquelas paixões platônicas chegaram ao fim. O sexo masculino tornou-se apenas uma fonte de renda e, parte de mim, pensou que nunca fosse ser mais do que isso.

Mas, desde o dia em que vi Marinho pela primeira vez, eu soube que ele mexia comigo, que fazia com que eu me sentisse diferente — de uma forma boa e, ao mesmo tempo, horrível. Quando nos reencontramos, tentei negar esse sentimento diversas vezes, fiz isso até de forma inconsciente e esse, provavelmente, era o grande motivo pelo qual brigávamos tanto.

No entanto, eu já não conseguia mais negar isso — pelo menos, não para mim mesma, como costumava fazer, simplesmente taxando-o de “irritante”.

E, infelizmente, não para o meu melhor amigo.

— Deixa eu ver se entendi bem... — começou ele após eu revelar os meus sentimentos pelo executivo. — Você se apaixonou pelo Erick, o seu único cliente?

Balancei a minha cabeça, confirmando e odiando-o por me fazer repetir aquilo, algo que já não havia sido muito fácil pronunciar da primeira vez.

— Sim, eu me apaixonei por ele — repeti pra ele, totalmente envergonhada pelas palavras que deixaram a minha boca. — E, sim, eu sou burra pra cacete... Eu sei.

Eu não estava envergonhada pelo fato de amar Marinho, não era isso. Sabia muito bem que — por mais que eu tentasse fantasiar isso — não tinha controle sobre o meu coração. Estava envergonhada porque durante todas as vezes em que Henrique confessou estar apaixonado por um cliente, eu o critiquei, agi como se ele fosse a pessoa mais estúpida do universo e não deixei de comentar o “*eu avisei*”, sempre que a relação dava errado.

Parece algo óbvio — e idiota — quando você está olhando de fora, mas é completamente diferente quando você está vivendo essa situação.

— Eu não vou mentir e dizer que não desconfiei disso — ele comentou, mostrando-me que eu não escondia tão bem quanto achava. — Mas sempre que eu pensava na possibilidade, me lembrava de todas as vezes em que você me aconselhou, que me mostrou o quanto eu estava sendo estúpido... Aí, eu concluía “*não, ela não seria tão idiota*”.

Aparentemente, eu era tão estúpida quanto ele — ou talvez até mais.

— Eu te devo um pedido de desculpas. Sempre enxerguei isso como uma estupidez, algo errado e que não deveria acontecer — disse a ele, realmente arrependida por todo o meu descaso nas vezes em que ele sofria pelo mesmo amor. — Eu não fui uma amiga boa...

Ele balançou a cabeça, forçando um sorriso.

— Tudo bem... Não precisa se desculpar, de verdade — ele respondeu, facilitando as coisas pra mim. Rick ficou em silêncio por alguns segundos, antes de concluir: — Até porque, no fim das contas, você estava certa em todas as vezes.

Depois de notar a minha expressão facial com as suas últimas palavras, o meu amigo completou, dizendo: — Não que o seu caso vá terminar assim também... Só quis dizer que, pra mim, não deu muito certo misturar amor e trabalho.

E foi a minha vez de dizer um “*tudo bem*”, até porque Henrique estava certo. Todas as vezes em que ele se apaixonou, as coisas não terminaram muito bem.

— Eu não sou idiota a ponto de fantasiar alguma coisa, tanto que não espero nada dele — respondi enquanto os momentos com o executivo pairavam por minha mente. — Mas de uma coisa eu tenho certeza, ele também sente algo por mim, Henrique. Eu consigo enxergar isso dentro dos olhos dele.

Expliquei para Rick mais detalhadamente por que cheguei a essa conclusão. Contei o quanto Erick já havia demonstrado se preocupar comigo, colocando seguranças e motorista à minha disposição, buscando-me de baladas e protegendo-me de antigos clientes “*stalkers*”. Contei sobre as nossas conversas particulares — de quando ele deixava escapar algo sentimental — e das noites quentes que passamos juntos.

Quando terminei de falar, o meu amigo ficou impressionado e feliz, bastante convencido de que realmente existia mais do que interesse sexual vindo

do CEO. Mas, por algum motivo, quando a conversa chegou ao fim, eu senti que enquanto dizia todas aquelas coisas para ele, estava tentando convencer a mim mesma.

E isso foi o suficiente para que a hesitação tornasse a me cercar. Talvez ainda fosse cedo demais para ficar cantando sobre amor com alguém que tinha, literalmente, me contratado para nada mais do que sexo. Talvez eu estivesse enxergando os “sinais” nele de forma distorcida, porque estava infectada pelos sentimentos que tornavam tudo parcial demais.

O som do meu celular tocando me trouxe de volta de todos esses pensamentos. Aparentemente, o motivo de todas as minhas angustias estava — literalmente — chamando por mim.

Capítulo 21 — Demitida

Depois de ter confirmado que se tratava mesmo de Erick ao telefone — e que o motorista dele passaria para me pegar em cerca de trinta minutos —, Henrique entendeu que eu não poderia mais lhe dar atenção.

O meu melhor amigo, mais do que ninguém, sabia que não podíamos deixar clientes esperando — esse era um dos segredos do sucesso.

Então, sem perder mais tempo, eu fui para o banheiro tomar um banho e terminar de me arrumar. Levei vinte dos trinta minutos que eu possuía para fazer essas coisas e quando sai do quarto, Rick já não estava mais no meu apartamento — provavelmente, foi fazer os seus próprios programas.

— Vocês dois já pensaram em, sei lá, marcar os encontros antes? — comentou Caroline, ao me observar correndo pela casa. — Assim você não precisaria sair como uma louca sempre que o seu celular tocar.

Ela estava certa, mas só me disse isso porque não conhecia Erick Marinho. A “exclusividade” do nosso contrato destacava que eu precisava estar disponível sempre que ele precisasse — e, por isso, pagava tão bem, porque era quase um trabalho escravo. Não ter nada agendado — da forma como eu costumava trabalhar —, tirava todo o controle das minhas mãos e o colocava nas dele.

— Ter os horários dos nossos encontros marcados é o meu sonho de consumo... — respondi enquanto calçava o meu sapato de salto. — Pena que vai continuar assim, como um sonho...

Quando eu finalizei o que estava fazendo, peguei a minha bolsinha prateada em cima da mesinha de centro e me despedi de Carol com um sorriso.

Ao cruzar a porta, ignorei completamente a existência de Douglas e segui para o carro que me esperava do outro lado da rua como de costume. Ao me aproximar do veículo, cumprimentei Fernando e seguimos em direção ao que parecia ser a casa de Erick.

Nos últimos dias, eu nunca sabia onde exatamente nos encontraríamos — já que as opções começaram a aumentar consideravelmente, indo de hotéis luxuosos até a chácara da família dele.

Por mais que estivéssemos em um horário considerado de “pico”, o trânsito estava tranquilo e isso fez com que chegássemos rápido à casa do executivo, bem mais do que o normal.

Fernando me acompanhou até a porta. Devido à falta de assunto, nós não falávamos muito, mas ele sempre fazia questão de me acompanhar, o que era muito bacana. Não tinha a mínima ideia se essa era mais uma das “ordens” de Erick, mas, se fosse, seria uma das primeiras que eu realmente gostava.

Quando chegamos lá, ouvimos uma espécie de discussão — algo bem incomum, diga-se de passagem. Eu consegui identificar as vozes e, ainda assim, não acreditei no que estava acontecendo. Aparentemente, eu estava prestes a presenciar uma das brigas do casal.

Eu poderia, simplesmente, continuar ali fora, esperar o clima ficar menos pesado e, só depois, entrar na casa. Mas, naquele instante, eu não pensei dessa forma, achei que a minha presença melhoraria as coisas ou, pelo menos, faria com que eles encerrassem a discussão.

Dei três batidas na porta e entrei na mansão.

No momento em que cruzei a porta, os olhos cinzentos de Victória se voltaram em minha direção. E, pela primeira vez, eu enxerguei ódio neles — e sendo direcionado a mim.

Então, eu cheguei à conclusão — infelizmente, tarde demais — do quanto eu estava sendo sem noção por interferir em uma briga deles. Eu estava invadindo a privacidade deles e isso, independentemente da relação estranha que nós três tínhamos, definitivamente, não foi legal.

— Desculpe, eu... eu... — tentei me desculpar, virando-me para me retirar do ambiente, completamente envergonhada.

— Não precisa ir embora... Fique e acompanhe o show que você ajudou a produzir — disse a ruiva, fazendo com que eu interrompesse os meus movimentos, sem entender o que estava acontecendo.

Eu me virei e tornei a encará-la e, assim como aconteceu da última vez, fui fuzilada pelos seus olhos penetrantes, que continuavam carregados de ódio.

— Você não tinha esse direito... Eu confiei em você, Sabrina... — Ela riu de uma forma frustrada e balançou a cabeça, antes de completar: — Eu acho que, no fim das contas, vocês dois se merecem mesmo.

Depois de despejar todas essas coisas sem sentido em cima de mim, Victória simplesmente se afastou, subindo as escadas e, provavelmente, indo para o quarto.

E, no mesmo instante, eu voltei a minha atenção para o Erick, a espera de uma resposta que trouxesse um pouco de lógica para tudo o que estava

acontecendo — para tudo o que eu havia acabado de ouvir.

— Ela está totalmente surtada... Mas nem se esquite com isso — ele respondeu, como se tudo o que havia acabado de acontecer não tivesse importância, o que eu discordava e muito. Ele forçou um sorriso e se aproximou de mim. — O que você acha de eu finalmente te convidar para conhecer o meu quarto?

Adorava aquela ideia — já que, oficialmente, nunca havia acontecido —, principalmente quando ele sugeriu isso com aquele sorriso lindo nos lábios. Mas, por algum motivo, eu não respondi com um “sim” — e nem com nada que Erick Marinho quisesse ouvir de mim.

— O que você fez pra Victória ficar daquela forma? — questionei, rejeitando a proposta de irmos para o quarto e, basicamente, ignorar tudo o que eu tinha acabado de presenciar na sala. — Desde que eu a conheço, ela nunca ficou desse jeito... Pelo menos, não sóbria!

Ele me lançou um olhar de desaprovação, mas sabia que eu não desistiria da resposta.

Erick também me conhecia, às vezes bem até demais.

— Tudo o que eu fiz, foi oferecer um pouco de grana pro barman se afastar dela e meio que ele aceitou... Nada demais — o executivo respondeu, rindo, como se isso fosse algo engraçado. — E com a ceninha que ela fez aqui, descobri que a idiota estava mesmo se apaixonando.

Ele continuou rindo, divertindo-se com aquilo e isso soou de forma tão cruel que me assustou, fez com que eu finalmente enxergasse o homem que Victória ofendeu quando estávamos no “*Cat’s Club*” — a pessoa que eu custei a acreditar que se tratava dele.

— O que você fez? — questionei, torcendo para estar compreendendo as coisas da forma errada. Ele me lançou um olhar debochado, mostrando-me que não repetiria o que havia acabado de dizer. — Você usou a informação que eu te dei pra destruir a vida dela?

— Destruir a vida dela? Claro que não... Não seja estúpida. Eu salvei a vida dela e, de praxe, a minha também — Erick tentou se justificar. Mas, infelizmente, não tinha justificativas para o que ele tinha feito. — Ela estava apaixonada pela porra de um barman, ia acabar revelando para todo mundo que eu sou um corno babaca. A Victória ia colocar o nome da nossa família e da companhia na lama.

Não, ele não estava salvando a vida dela, Erick Marinho estava salvando

a vida dele — a sua preciosa reputação. E, infelizmente, eu o ajudei com isso no momento em que contei tudo o que a sua esposa tinha me confidenciado.

— Se eu soubesse que você acabaria com o romance dela, jamais teria te contado todas aquelas coisas — respondi, odiando a mim mesma por ter sido tão ingênua. — Você não tinha o direito de interferir na felicidade dela...

Antes que ele pudesse gritar que eu não tinha nem que estar me metendo naquele assunto, virei-me, deixando-o falar sozinho e caminhei em direção às escadas, em busca da mulher do meu cliente — da pessoa que devia estar me odiando, com toda a razão do mundo.

Por mais que ela quisesse manter distância de mim — e eu não a culpava por isso —, precisava me explicar. Eu precisava tentar arrancar um pouco de toda aquela culpa das minhas costas e, infelizmente, isso era apenas mais um ato egoísta meu, assim como no dia em que ela me procurou por conselhos.

Segui em direção ao penúltimo quarto do corredor, o único que estava com a porta aberta, dei três batidas e juntei toda a coragem que possuía para conseguir entrar.

Encontrei a ruiva sentada na beirada da cama, de costas pra mim. E, nesse momento, eu quis muito me virar e correr para o mais longe daquele quarto, eu queria, desesperadamente, fugir de toda a minha culpa, porque pior do que demolir um prédio, era pisar sobre os seus escombros, encarando os pedaços de algo que você destruiu.

— Eu sei que você deve estar me odiando agora, mas... mas... — As palavras desapareceram da minha mente, fazendo-me gaguejar em frente a ela. — Eu não fiz isso... Contar pra ele... Não com a intensão de te prejudicar. Eu não pensei que... Não pensei que...

— Que ele fosse chutar o meu castelo de areia? — questionou ela ainda sem me encarar. — É isso o que Erick faz, ele destrói coisas... Sempre destruiu. — Ela riu daquela mesma forma frustrada que fez lá na sala. — Acho que eu já devia ter me acostumado com essa sensação de derrota.

Naquele instante, tudo o que eu consegui sentir foi uma imensa vergonha, enquanto o meu estômago continuava se corroendo.

Não existia uma forma de melhorar aquela situação.

— Eu não estou pedindo que você me desculpe — eu continuei dizendo, conseguindo ter um melhor domínio das minhas palavras. — Só quero que saiba que eu não tive a intenção, que eu não sabia...

— Isso não importa mais, Sabrina. Nada disso importa... — sussurrou

ela, deixando-me ainda pior do que já estava. — Ele, o Gustavo... Ele aceitou o dinheiro, então... Você não ferrou com tudo sozinha.

Não poderia dizer um “*eu sinto muito*” — era muito pouco —, mesmo sentindo.

— Eu não odeio você — a ruiva continuou antes de se virar e passar a me encarar com aqueles olhos cinzentos marejados. — Talvez um pouquinho agora, mas... vai passar. — Com o olhar ainda me queimando, ela finalizou: — Eu... eu só preciso ficar sozinha.

Balancei a minha cabeça, concordando e saí do quarto, não me sentindo muito melhor do que quando ali entrei. O meu plano de tentar me sentir “menos culpada” foi um grande de um tiro no pé, só prestou para que o resto da culpa terminasse de me derrubar, deitando-me no chão.

Quando me aproximei das escadas, Erick começou a subi-las, andando em minha direção, como um touro hipnotizado por uma toalha vermelha.

— Eu não te contratei pra ficar sendo a melhor amiga da minha mulher — disse ele, parando bem à minha frente. — Não entendo esse lance esquisito que vocês duas têm, mas eu quero que isso termine agora.

— É só me demitir... — respondi, tentando contornar o seu corpo e ter acesso à escada. Mas, Erick, novamente, se colocou no meu caminho, obrigando-me a dizer: — Eu... eu não estou no clima pra transar com você, não depois disso tudo...

Mas o executivo não saiu da minha frente.

— Eu já expliquei por que interferei — continuou ele, como se eu estivesse pedindo por mais de suas justificativas infundadas. — Ela estava se apaixonando pelo cara, podia colocar as nossas vidas sociais em risco... Victória é irresponsável.

Ele era hipócrita demais e isso me fez rir alto, antes de despejar algumas coisas que estavam pairando por minha mente — coisas que eu já deveria ter dito.

— Acontece que o que nós temos também pode colocar a vida social de vocês em risco — eu argumentei. Não entendendo por que ele só conseguia ver isso como um risco quando se referia a Victória.

— São duas situações completamente diferentes e você sabe bem disso — ele prosseguiu como se quisesse me fazer enxergar da forma como ele via, uma totalmente errada. — Eu contratei uma puta, Victória estava atrás de um namorado... Essa é a diferença!

Aquela sua frase me atingiu em cheio, foi como uma bala na minha cabeça, matando todas as esperanças que eu dia eu já havia nutrido. Ele me via — em suas exatas palavras — como “*uma puta*” qualquer.

— Uma puta? — eu não consegui deixar de questionar, rindo de nervoso. — Eu não acredito que, depois de tudo, você me resumiu a isso... Uma puta.

Ele franziu a testa, como se estivesse confuso, não entendendo nada do que eu estava dizendo. Ele, provavelmente, estava se fazendo de idiota, como sempre costumava fazer, quando notava que estava errado.

— Vocês duas combinaram de menstruar na mesma semana? Que droga, Sabrina! — respondeu ele, como um completo babaca. — Eu não estou entendendo o porquê de todo esse drama e com um assunto que nem te interessa.

Mais uma vez, eu tentei me afastar, correr para o mais longe possível dele, mas Erick tornou a me impedir, segurando-me pelo braço.

— Dá pra se acalmar um pouco? Se eu te liguei, é porque eu preciso de você aqui — ele continuou, pilhando-me ainda mais. — Não vamos deixar com que toda essa bosta estrague a nossa noite.

Nossa noite? Ele não podia estar falando sério.

— Eu meio que não posso mais transar com você, Erick... Nunca mais — continuei dizendo, roubando completamente a atenção dele. — Porque tudo o que eu menos quero, é colocar a sua vida social em risco.

Ele riu, como se eu estivesse dizendo algo estúpido — uma piadinha.

— É diferente, Sabrina... Eu já te expliquei, o que a gente tem é profissional e muito bem discutido — argumentou ele, fazendo com que eu sentisse vontade de me atirar daquela escada. — Temos até um contrato!

— Na verdade, não é... Infelizmente — continuei, criando coragem para dizer a coisa mais difícil que eu já havia tido que falar para outra pessoa. Depois de respirar fundo e sentir as minhas pernas ficarem bambas, eu completei, confessando: — Eu... eu amo você, Erick Marinho.

Capítulo 22 — Frio

O executivo começou a rir, como se eu estivesse fazendo um show de *stand-up*.

— Ah, qual é, Sabrina? — respondeu-me ele, com o mesmo sorriso debochado no rosto. — Você, uma das putas mais profissionais do mercado, quer mesmo que eu acredite que está apaixonada por mim? Eu não sou tão idiota assim...

Durante todo o tempo em que havia ficado parada ali, estava tentando contornar o corpo dele e ir embora. Mas, naquele momento, eu queria estar ali, eu queria ter a chance de falar todas as coisas que estavam entaladas em minha garganta — verdades que nunca haviam sido ditas e que ele merecia ouvir.

— E o que eu ganharia mentindo pra você? — questionei, já esperando que ele respondesse à minha pergunta com “*dinheiro*”. E isso foi exatamente o que Marinho fez, obrigando-me a continuar, dizendo: — Se você ainda não entendeu, eu estou terminando isso... Acabou pra mim, Erick. Por mais que você não acredite, eu não quero a porcaria da sua grana.

— Digamos que você realmente esteja falando a verdade, o que eu não acredito nem um pouco, que fique bem claro... Qual a chance disso, de nós dois, dar certo? — retrucou o CEO, retribuindo as verdades jogadas na cara. — O que as pessoas que eu conheço vão pensar quando descobrirem que eu estou com você, uma prostituta? — Ele riu, evidenciando o quanto os meus sentimentos eram ridículos e inacreditáveis, no pior sentido da palavra. — Comparada comigo, você não passa de um lixo.

Depois de sua última palavra — chamando-me de “*lixo*” —, eu não consegui mais continuar segurando as minhas lágrimas, que despencaram sobre o meu rosto.

Eu já tinha ouvido coisa muito pior de outros clientes, inclusive de Juliano, que fez isso em praça pública. Mas, com Marinho, era diferente: eu amava aquele desgraçado. E não tem algo pior do que ouvir do homem que ama que você é um lixo comparado a ele.

Isso me afetou muito mais do que eu pensei que seria possível, foi como se ele estivesse marcando aquelas palavras no meu corpo.

Eu sempre me considerei uma mulher forte e independente, completamente determinada, que não caía nessas ciladas envolvendo homens. Mas lá estava eu, sendo completamente humilhada por um cara.

— Eu... eu exagerei um pouco — começou Erick com os panos quentes. Infelizmente, agora só restavam cinzas, nada que ele pudesse consertar. — Estava com a cabeça cheia da briga com a Victória e acabei falando demais, coisas que eu não devia ter dito...

Ele saiu da minha frente, deixando-me descer as escadas e seguir em direção à porta.

— Eu... eu deixo você em casa... — continuou ele, seguindo-me como se fosse o próprio Douglas.

— Não... não precisa se incomodar com isso — apressei-me em responder, tentando não olhar para o rosto dele. — Pode deixar, o Fernando me leva.

Ele tornou a se colocar na minha frente, impedindo-me de continuar andando em passos apressados.

— Não é um incômodo, eu faço questão — insistiu ele, deixando-me ainda mais irritada do que já estava.

— Não precisa mais fingir que se importa com o lixo, Erick — eu respondi, não conseguindo manter essas palavras dentro da minha boca. — Deixa que o seu empregado o coloque pra fora hoje, você não precisa sujar as mãos.

— Eu já disse que não quis dizer iss...

— Você quis isso sim e talvez já estivesse explícito desde o primeiro dia em que nos vimos, mas eu não enxerguei... Eu fui burra demais pra isso. — Eu o interrompi, não querendo ouvir mais uma de suas justificativas. — Eu cansei disso, Erick... Acho que você vai ter que encontrar um novo saco de lixo pra pisar.

Antes que eu pudesse deixar a casa dele, a sua mão agarrou o meu braço e foi impossível não me lembrar de Juliano, de tudo o que havia acontecido em frente à casa de jogos. Naquele instante, eu não encarava mais o Erick Marinho pelo qual eu tinha me apaixonado, fixava os meus olhos em um monstro.

— Nós temos um contrato e você não pode me deixar até o fim dele — lembrou-me ele, em um tom de ameaça. — E nós sabemos que você não tem o dinheiro da multa. Então, não complica mais as coisas pra você, Sabrina. Nós só tivemos uma discussão, só isso... Não há motivos pra transformar em uma tempestade.

Eu poderia dizer *“A sua esposa, sim a outra mulher que você ferrou, me garantiu que esse contrato não tem validade nenhuma... Então, boa sorte com*

isso”, antes de cuspir naquela expressão de superioridade que detestava tanto. Mas, pela primeira vez desde que cheguei à sua casa, optei por ser inteligente. Fui inteligente o suficiente para abaixar a minha cabeça e concordar com o que Marinho estava dizendo, fingindo ser aquela mulher submissa que ele tanto queria que eu fosse.

— Eu... Eu só quero ir embora e fingir que esse dia nunca aconteceu — respondi, esforçando-me ao máximo para engolir o meu choro e segurar todas as coisas que eu queria desesperadamente dizer. — Eu só quero ir embora.

Erick concordou em silêncio e me acompanhou até o carro do seu motorista. E, assim como ele havia me dito dentro da casa, foi com a gente até o meu apartamento. Disse até um “*boa noite*”, como se tudo estivesse bem outra vez, como se as suas palavras não estivessem me causando tanta dor.

Quando eu entrei no meu prédio, afastando-me dos olhos analíticos do CEO, eu não consegui mais me controlar, desabei completamente. As lágrimas despencaram e tudo o que eu consegui fazer foi chorar, como se uma parte do meu corpo estivesse sendo arrancada de mim — provavelmente, aquela contendo todas as esperanças fantasiosas que o envolvia.

E, de repente, tudo começou a se desfazer em minha mente — todas as boas lembranças dele que eu tinha guardado. A noite que tivemos naquele quarto de motel — o dia que eu pensei que nunca fosse conseguir esquecer —, eu correndo na chuva com o paletó dele sobre os meus ombros no dia em que ele propôs a exclusividade — o mesmo paletó que continuava guardado dentro do meu guarda-roupa —, o exato momento em que ele me disse naquele banco traseiro que tinha encontrado o seu calor — principalmente, os instantes em que conclui erroneamente que ele estava falando sobre mim —, quando eu o abracei, desejando feliz aniversário toda desconsertada — não sabendo que era mais uma de suas piadinhas —, o dia em que estávamos dentro do pedalinho, iluminados pelo pôr-do-sol, encarando um ao outro — enquanto o tempo parou e tudo o que eu consegui enxergar foi ele — e todos os outros momentos que compartilhamos juntos. Todos eles foram ficando cada vez mais cinzentos, até caírem no esquecimento, dominados por uma única palavra que ele havia pronunciado.

Por mais que fosse triste de admitir, eu não passava de uma “*puta*” para Erick — um “*lixo*” —, alguém que ele usaria até cansar e descartaria sem hesitar. E sabia também que o executivo não me deixaria ir embora — não de sua vida —, arrancaria todo o suco que eu possuía e, no final, cuspiria o bagaço.

Não podia mais continuar com a relação tóxica que tínhamos e esse foi o único motivo de não ter revelado sobre a informação que Victória me forneceu a

respeito do contrato. Se eu tivesse dito, Marinho aumentaria ainda mais a segurança, usaria tudo o que deveria “*me proteger*” para me “*vigiar*”.

Então, eu deixei que ele pensasse que as coisas continuariam a ser como antes, deixei que ele pensasse que a multa contratual me assustava a ponto de evitar a minha fuga. E, enquanto subia para o meu apartamento, tirei o meu celular da bolsa e liguei para o primeiro contato que identifiquei na agenda — e o único que poderia me ajudar a escapar das mãos do bilionário.

— Eu... eu preciso de ajuda — sussurrei, torcendo para que essa pessoa me auxiliasse, pois ela era, sem dúvida, a minha última esperança.

Capítulo 23 — Certezas

Eu usei toda a madrugada planejando a minha fuga.

Erick usufruiria de tudo o que estivesse ao seu alcance para me impedir de escapar e isso incluía os seguranças, motorista, o rastreador no cartão e todos os seus outros recursos. E sabia muito bem que se a minha primeira tentativa de fuga não fosse bem-sucedida, o executivo dobraria o “*cuidado*”, tornando impossível escapar uma segunda vez.

Diferente de Juliano — o cliente louco que me perseguiu —, Erick não era do tipo que me esperaria do lado de fora do meu apartamento. Ele era mais inteligente e poderoso, não pouparia gastos para se certificar de que a minha vida continuasse ligada à dele — ainda que me considerasse um “lixo”, o que era a maior ironia de todas.

Eu só teria uma chance para fazer isso e precisava aproveitá-la ao máximo.

Para garantir a maior chance de sucesso, eu dividi o meu plano em três etapas bem simples: não ser rastreada, despistar e escapar.

A primeira — como já dizia o nome — tratava-se, basicamente, de me certificar de que eu não fosse rastreada.

E, para isso, eu tirei o crachá com o rastreador da minha bolsa e o coloquei em cima da mesa da cozinha, já sabendo exatamente o que fazer com ele.

Ainda pensando em não ser rastreada, eu enviei uma mensagem de texto para Henrique, contando toda a minha situação. Evitei fazer uma ligação porque tinha medo do lugar estar grampeado. Sempre que eu e Caroline saíamos, o apartamento ficava sozinho, somente os seguranças — que trabalhavam para Erick — ficavam ali cuidando dele.

Talvez eu estivesse sendo paranoica, mas foi um risco que eu não quis correr.

Pela internet, eu transferi boa parte dos meus fundos para a conta de Rick, que ficou de depositar novamente quando eu tivesse outra conta — uma que não seria rastreada por Erick. O meu melhor amigo também se encarregou de colocar o meu apartamento à venda e de me enviar esse dinheiro no futuro. Ainda não sabia como conseguiria assinar os papéis da transferência do imóvel e nem nada disso, mas deixei pra pensar nisso depois — e de preferência quando

estivesse bem longe da cidade.

Rick, como eu já suspeitava, tentou me aconselhar a ficar, me livrar de Erick usando outros meios. Disse coisas como *“não vale a pena jogar a vida que você tem aqui por causa de um babaca”* e *“não vou conseguir continuar aqui sem você”*.

Eu sabia que ele não estava errado sobre jogar tudo fora por causa de Marinho.

Mas também existia algo que Henrique não sabia.

Eu não queria apenas me afastar de Erick, eu queria abandonar a minha vida por completo e isso incluía não fazer o que eu sempre fiz — trocando sexo por dinheiro —, aposentando-me vários anos antes do previsto. E, a forma mais fácil de fazer isso, era me afastando da cidade e de tudo o que me ligasse ao meu antigo trabalho — o que, infelizmente, também incluía Rick.

As palavras de Erick só doeram tanto, porque, naquele instante, eu concordei com ele. Enquanto os seus olhos esmeralda encaravam-me daquela maneira intensa, eu me senti um lixo nojento, algo sem valor e que não era merecedora de alguém como ele.

Eu não queria me sentir assim outra vez.

Mais do que isso, eu prometi pra mim mesma que nunca mais sentiria isso.

Então, em meu plano de fuga, não levaria nenhum dos meus vestidos deslumbrantes, nenhuma das minhas bolsas caras e nem mesmo as maquiagens que eu sempre amei usar. Do apartamento — e da minha vida de acompanhante de luxo —, eu só levaria o dinheiro e só porque precisava cuidar da minha irmã.

Em um resumo, eu deixaria o apartamento com a roupa que estava no meu corpo.

A segunda etapa do meu plano implicava em despistar Erick, fazê-lo correr em outra direção — uma bem errada —, dando-me tempo suficiente para me afastar. A minha fuga só teria início se essa parte do plano fosse realizada com sucesso.

Desde o início — antes mesmo de ela vir morar comigo —, eu fiz questão de não envolver Caroline em nada que estivesse relacionado com os meus clientes, mas, naquele momento, eu só podia contar com ela.

Assim que a minha irmã acordou e me encontrou na cozinha, notou que tinha alguma coisa de muito errada comigo. E antes que ela pudesse dizer alguma coisa, entreguei uma folha de caderno para ela.

“O apartamento pode estar grampeado.

Erick pode estar ouvindo tudo o que nós duas falamos aqui. Então, por favor, não diga nada. Apenas leia e faça exatamente o que estiver escrito.

Coloque dentro da sua bolsa da escola todas as coisas que você não quer deixar aqui na cidade, mas não exagere a ponto de segurança perceber, pegue só o que for importante. Eu já coloquei dinheiro e os nossos documentos lá dentro, então tome bastante cuidado para não perder isso.

Como ainda não estamos no turno do Douglas, o segurança não vai te acompanhar se você disser que não tem necessidade e que o motorista te levará.

Depois disso, eu quero que você saia do prédio sem que o motorista de Erick a veja. Vá de táxi para a casa da sua amiga, a mesma que você visitou quando fugiu de casa, antes de vir morar aqui comigo.

Há um crachá aqui em cima da mesa da cozinha. Erick colocou um rastreador nele, então deixe isso dentro do táxi e tome cuidado para o taxista não perceber.

Quando chegar lá, mande um “ok” pra mim.

Eu vou te explicar tudo depois, quando eu for lá te encontrar. Mas agora, por enquanto, eu preciso que você confie em mim”.

Pensei que seria mais difícil, mas a minha irmã apenas balançou a cabeça e foi para o quarto, arrumar as coisas que ela levaria.

Eu me detestava por estar colocando toda aquela pressão em cima de Carol, mas sabia que isso não seria nem um por cento do que ela suportaria se nós ficássemos na cidade, com o Erick controlando cada um dos nossos passos.

Ela arrumou a bolsa em poucos minutos e deixou o apartamento, dando início à segunda fase do meu plano.

Depois de quarenta minutos, eu recebi o “ok” de Caroline. Respirei fundo por tudo estar correndo tão bem e dei início à terceira e última parte da minha fuga, que era, basicamente, escapar.

Coloquei a minha bolsa em cima do sofá e peguei a chave da porta, guardando-a no bolso do moletom que eu usava. Fiquei sentada na sala até receber o meu segundo “ok” — dessa vez, da pessoa que estava me ajudando, a mesma para a qual eu havia ligado na noite anterior, pedindo por ajuda.

Depois disso, eu saí no corredor e encarei o segurança do primeiro turno — Rodolfo —, forçando um sorriso.

— Você pode, por favor, me ajudar com uma coisa? — questionei,

esforçando-me ao máximo para soar o mais natural possível. — Tem uma aranha enorme no meu banheiro... Se importa de matá-la pra mim? É que eu morro de medo.

Ele balançou a cabeça, concordando e eu pedi para que ele entrasse e fosse se livrar do aracnídeo inexistente.

— Eu não consigo nem chegar perto... — comentei, justificando-me do porque eu havia parado no meio do caminho. — Está dentro do box... Ela é enorme.

Assim que o segurança entrou no banheiro, eu peguei a minha bolsa em cima do sofá e saí do apartamento, sem fazer nenhum tipo de barulho. Fechei a porta com bastante cuidado e a tranquei por fora.

Optei por descer pelas escadas, pois de elevador demoraria demais até a porcaria subir, não podia correr o risco de ser pega pelo segurança.

Eu nunca corri tanto em toda a minha vida.

Quando eu cheguei na portaria e avistei o motorista de Erick, coloquei o meu capuz e abaixei a minha cabeça, disfarçando o máximo que eu pude. E, pelo que eu pude notar, ele não me percebeu a minha presença.

Apressei os meus passos e respirei fundo, sentindo a liberdade me invadir. Assim que cheguei ao final do quarteirão, identifiquei o carro da pessoa que estava me esperando — a mesma que havia mandado um “ok” havia alguns poucos minutos.

Entrei no carro e me virei, encarando o homem sentado no banco do motorista.

Alexandre, um dos meus antigos clientes — que costumava ser amigo de Marinho — forçou um sorriso e sussurrou o que me pareceu um “oi”.

— Muito obrigada por estar me ajudando com isso, de verdade — agradei mais uma vez, envergonhada por ter pedido ajuda pra ele, alguém que não tinha nenhuma obrigação comigo.

— Não precisa me agradecer, eu fico feliz em poder ajudar — respondeu o loiro, roubando-me um sorriso. Ele olhou para os lados e questionou: — Nós já podemos ir pegar a sua irmã na casa da amiga dela?

Balancei a cabeça, negando, ao me lembrar de um último detalhe.

— Espere só um pouquinho... — comentei, abrindo a minha bolsa.

Peguei o meu celular e, em sua tela, observei todas as chamadas perdidas do executivo — e inúmeras mensagens que eu não fiz questão de ler. Sem nem

hesitar, joguei o telefone para fora do carro, deixando-o no meio do asfalto.

Naquele instante, não foi apenas um celular atirado para fora do carro. O aparelho significava toda a minha relação com Erick — que, aparentemente, só existia em minha cabeça —, eu o estava tirando da minha vida de uma vez por todas, expulsando algo que eu nunca deveria ter deixado entrar.

Depois de fazer isso, eu tornei a encarar Alexandre.

— Eu... eu estou pronta.

Epílogo

Ele se levantou no instante em que ouviu o som do seu celular tocar. Aproximou-se da mesa rapidamente e, depois de encarar o nome de um de seus subordinados na tela, atendeu a tão esperada ligação.

Diferentemente do que tinha acontecido mais cedo, o executivo não conseguiu esconder o quanto estava aflito e ansioso por notícias — por qualquer coisa que pudesse levá-lo de volta até ela.

— Onde... onde ela está? — questionou Erick Marinho, cansado de toda aquela demora para localizar uma simples pessoa, alguém que devia estar debaixo dos narizes deles, fazendo-os de palhaços por todo aquele tempo. O CEO não deixou nem a pessoa do outro lado da linha responder, continuando com as suas ordens, que vieram de forma automática: — Deixe as duas no apartamento e depois v...

— Nós não... Nós ainda não a localizamos... Senhor — revelou a voz do outro lado da linha, interrompendo-o. — Encontramos o crachá dentro de um taxi, mas o dono do veículo não sabia de nada. O celular dela estava com uma mulher, que disse tê-lo achado na rua... Infelizmente, não temos mais nenhuma infor...

Antes que o homem pudesse concluir aquela frase, Erick jogou o celular na parede da sala e o observou se espatifar.

— Bando de inúteis... — gritou o executivo, não conseguindo mais controlar toda a raiva que estava sentindo. — Não prestam pra achar duas pessoas? — Ele riu de forma frustrada, enquanto balançava a cabeça, incrédulo. — Isso é ridículo...

Ele não conseguia aceitar o fato de duas pessoas desaparecerem daquela forma. Marinho não conseguia aceitar o fato de ela ter ido embora — ainda que ele tivesse lhe dado incontáveis motivos para isso.

Assim como havia acontecido há cinco anos — quando ele destruiu uma parte daquele bilhete no quarto de motel —, Erick foi covarde a ponto de não admitir que também tinha sentimentos por Sabrina. Naquele momento — quando ela estava parada bem à sua frente, se declarando —, o medo de perder o seu status, a companhia e todas as coisas luxuosas que o cercavam foi maior do que o medo de perdê-la — pelo menos, até que isso, de fato, acontecesse.

Agora, enquanto ele encarava todas as coisas à sua volta, era como se nada daquilo tivesse valor, como se tudo não passasse de entulhos inúteis, que

não serviam para nada. A única coisa que Marinho realmente queria possuir, ele já havia perdido, deixado escapar por entre os seus dedos e isso — a sensação de perder algo que ele ainda nem tinha tido a chance de viver — era completamente devastadora, forte o suficiente para fazê-lo sentir vontade de chorar.

No momento em que ele estava decidindo qual seria o próximo objeto que lançaria contra a parede, ouviu alguns passos. E, no mesmo segundo, os seus olhos esmeralda rumaram em direção ao barulho.

Victória — a esposa que ele detestava —, descia os degraus da escada com toda a calma do universo. E, para um homem completamente paranoico — que teorizava mil e uma coisas —, aquilo era algo suspeito.

E isso fez com que ele caminhasse em direção ao pé da escada, esperando a ruiva alcançá-lo, no último degrau.

— Onde ela está? — ele repetiu a pergunta que havia feito há poucos minutos. Dessa vez, o executivo sentia que a pessoa à sua frente tinha informações, o oposto do que acontecera com os inúteis dos subordinados que possuía. — Eu sei que tem um dedinho seu em tudo isso.

Ela sorriu e isso o tirou do sério — ainda mais do que ele já estava.

— Ela quem? — indagou Victória, arrancando uma risada do moreno. Quando a mulher notou que o homem parado à sua frente não sairia de seu caminho, ela se livrou do sorriso e colocou uma expressão séria no rosto. — A única coisa que eu fiz, foi dizer que o contrato de vocês não valia nada... Todo o restante é mérito só seu, meu amor.

Ele não acreditava em Victória, mas sabia que isso também não importava e, principalmente, que não traria Sabrina de volta.

E, só então, Erick notou a mala que a sua esposa carregava.

— Eu não estava brincando quando disse que a mordomia acabaria, bloqueei todos os seus cartões... — ele comentou, não conseguindo deixar de sorrir. — A única viagem que você fará, será daqui para o quarto, desfazer essa droga de mala.

Por algum motivo, a ruiva ignorou as suas palavras e contornou o seu corpo.

— Vamos fazer assim... Se você me disser o que sabe sobre essa fuga da Sabrina, talvez... Eu disse talvez... Eu desbloqueie os cartões — propôs Marinho, tornando a se aproximar dela. — O que me diz?

Victória se virou e, para a surpresa do executivo, o sorriso havia retornado aos seus lábios vermelhos.

— Eu não tenho a mínima ideia do lugar em que ela escolheu pra se esconder de você, mas estou torcendo para ser um dos bons, um lugar que você nunca encontre... Tenho certeza de que ela estará bem melhor lá — respondeu a esposa, jogando sal dentro da ferida. — Eu adoraria ficar sentada aqui, assistindo a sua derrota, mas eu tenho coisas melhores pra fazer.

Antes que ela pudesse dar o primeiro passo, Erick a pegou pelo pulso.

— Se você passar por aquela porta, eu deixo você e tenho certeza que no momento em que eu fizer isso, o seu pai também vai fazer — ameaçou o moreno, com um sorriso vitorioso. — Você ficará sem um centavo de nós dois, estará completamente acabada, exatamente como você merece.

A ruiva puxou o braço, desprendendo-se dele. E, diferentemente do que Erick pensou, ela continuou caminhando em direção à porta da casa.

Naquela fração de segundos, o executivo entendeu que ela não se importava — que não sentia medo.

Antes de cruzar a porta, a esposa se virou e levou os seus olhos cinzentos na direção dele.

— Não preciso de você, Erick. Eu nunca precisei... E quanto ao dinheiro, isso é um juiz que vai decidir — ela respondeu, arrancando o sorriso vitorioso dos lábios dele. — Até lá, eu espero que você se divirta muito aí, sozinho.

E, então, Victória deixou a mansão e, consequentemente, o executivo. Assim como Sabrina havia feito mais cedo, ela o abandonou, dando a última facada em seu estômago e, consequentemente, escapou de suas mãos.

FIM.

O terceiro e último volume da trilogia “Acompanhante de Luxo” está previsto para o mês de Junho. Enquanto ele não é lançado, confira os meus outros trabalhos, deslizando a página.

Conheça os Meus Outros Trabalhos

A Garota do Bilionário

Ela tem um preço.

Ele está disposto a pagar.

Sabrina Lancaster é uma das acompanhantes de luxo mais requisitadas do "mercado". Imune a qualquer tipo de paixão, o seu único objetivo é tirar o máximo de dinheiro dos clientes de sua lista — ou, como ela costuma dizer, ser muito bem recompensada pelo serviço de qualidade que oferece a eles.

A mulher extremamente confiante e autossuficiente, que nunca acreditou em amor — ou qualquer outra coisa parecida com isso —, tem a sua vida completamente abalada quando um homem poderoso e sedutor cruza o seu caminho e faz com que antigas memórias retornem do fundo de sua mente. Ele, o seu novo cliente — conhecido como "Marinho" — é um homem complicado e misterioso, com "métodos estranhos", envolvendo dominação. E o que ela ainda não sabe, é que o CEO não medirá esforços para comprá-la.

"A Garota do Bilionário" é o primeiro volume da trilogia "Acompanhante de Luxo". Embarque nessa história erótica e envolvente, que tem tudo para te conquistar.

Adquira o livro na Amazon [clikando aqui](#)

Operação CEO

Capítulo 01 — De Volta ao Lar

Ainda bastante hesitante com toda a ideia de voltar para aquela parte do meu passado — uma que não costumava visitar nem mesmo nos meus pensamentos —, eu dei dois passos e três batidas na porta de Bia.

E, então, o meu estômago se revirou enquanto esperava para ser atendida.

Fiquei ainda mais nervosa do que eu já estava há alguns segundos, quando precisei convencer o porteiro a me deixar entrar no prédio. Não foi muito difícil enrolá-lo, o ganhei com a péssima desculpa de que queria fazer uma grande surpresa para a minha amiga e se ele avisasse que eu estava subindo, automaticamente, estragaria tudo.

Em um primeiro momento, ele barrou a minha entrada, dizendo que isso lhe daria problemas e mais um monte de coisa que eu não fiz questão de ouvir. Mas tudo o que eu precisei fazer, foi inclinar um pouquinho o meu corpo, deixando-o encarar o decote da minha blusinha e, como em um passo de magia, ele me deixou entrar.

E esse era o grande problema com os homens.

Eles não costumavam pensar muito com a cabeça de cima — pelo menos, não quando a de baixo se “animava”.

Nunca fui do tipo orgulhosa e envergonhada — definitivamente, isso não combinava muito comigo —, mas quando se tratava de Bianca — talvez a única pessoa com quem eu realmente me importava —, as coisas mudavam completamente.

E, de repente, eu já estava me odiando por incomodá-la e tornar a ser um encosto em sua vida, que já era bastante complicada sem a minha presença e influência — nem um pouco positiva.

Quando a porta escura finalmente se abriu, a primeira coisa que a minha amiga olhou, não foram os meus olhos verdes, nem mesmo os meus lábios avermelhados — o que ela mais invejava em mim, com exceção do meu peso, segundo a própria — e tampouco os fios dourados muito bem hidratados em minha cabeça.

Bianca encarava as duas malas que estavam aos meus pés.

Certamente, ela já devia imaginar o que eu estava fazendo ali — e quem não imaginaria? —, tão tarde e daquela maneira, com todas aquelas coisas a

minha volta, como se eu estivesse gritando que precisava de um lugar para ficar.

Mas o que eu poderia fazer? Sempre fui uma pessoa muito previsível.

— Oi... — Bianca disse, aparentemente, surpresa em me ver, o que fez com que aquela desculpa que eu havia inventado para entrar no prédio se tornasse uma espécie de meia verdade.

Depois de alguns segundos em silêncio, ela deu dois passos para trás e terminou de abrir a porta, dando-me espaço suficiente para entrar, antes de prosseguir, dizendo: — en... entre!

— Como você está? — perguntei, antes de abraçá-la com força.

Voltei o meu olhar em direção ao seu corpo e notei que, provavelmente, ela havia engordado mais um pouco desde a última vez em que nos vimos.

— Nossa, você está tão diferente... mais magra?

A morena a minha frente me lançou um olhar cético, antes de responder: — mais magra? Olha, Vanessa, você já foi bem melhor do que isso!

— Mas você não emagreceu? — insisti, fingindo estar surpresa pela negativa. — Eu juro que tive essa impressão quando você abriu aquela porta.

Ela deixou escapar um riso sarcástico, respondendo: — vai se ferrar... e, que fique bem claro, eu só vou te deixar ficar aqui porque não vou conseguir te expulsar.

— O.K — concordei com a sua visão das coisas.

Ela realmente não conseguiria me expulsar.

Levantei o dedo indicador, roubando novamente a sua atenção.

— Tem um táxi parado lá na rua e eu meio que disse pro cara que você pagaria a corrida quando chegássemos aqui...

Depois de me lançar mais um olhar incrédulo, Bianca caminhou até a mesa, pegou a sua carteira cor de rosa e deixou o apartamento apressada.

Nesse meio tempo, sentei-me no sofá marrom da sala e me odiei novamente por ter voltado para aquele lugar, o maldito e pequeno “apartamento” — o mesmo que jurei nunca mais precisar.

Infelizmente, o universo não estava sendo muito generoso comigo.

Tudo bem, talvez não fosse culpa do universo.

No entanto, eu precisava culpar alguém que não fosse eu mesma, pois não aguentaria carregar ainda mais culpa — provavelmente, a única coisa que eu já havia conseguido na vida por mérito próprio.

— Agora, me conte tudo... o que aconteceu com você? — questionou Bianca quando retornou.

Não respondi, deixei com que ela se sentasse no sofá primeiro.

Eu não queria que a minha amiga corresse o risco de desabar com o meu relato.

— Brigas no paraíso?

Paraíso?

Estava mais para uma espécie de inferno.

Um em que eu havia reinado como o demônio.

— Não deu muito certo com o Roberto — respondi, limitando-me a poucas palavras. Mas o olhar de Bia tornou a queimar o meu rosto, forçando-me a prosseguir, revelando mais detalhes: — eu... droga... ele me pegou beijando o Jean.

— E quem é Jean? — indagou ela.

Suspirei fundo e, de maneira ainda hesitante, respondi a sua pergunta com uma voz baixa, como se estivesse lhe contando um segredo: — o irmão dele.

— Droga!

Realmente, uma grande “*droga!*”.

A cena só não foi cômica, porque meu ex-namorado começou a chorar na nossa frente.

Ele não tentou bater no irmão, não tentou me ofender com palavras — que eu merecia muito ouvir —, simplesmente, nos encarou e os seus grandes olhos castanhos encheram-se de lágrimas.

Não havia sido a primeira vez que eu o traí com o seu irmão — ou com outro cara mais interessante do que ele, o que não era muito difícil de encontrar, diga-se de passagem —, mas aquela foi a primeira em que eu realmente me senti culpada por isso.

Naquele instante, eu me senti, de alguma maneira, suja e não digna da pessoa que nos observava — completamente destroçada com a terrível cena.

E, estranhamente, eu realmente me odiei por alguns poucos segundos — o que, sem dúvida alguma, era algo inédito na minha vida.

Só não fiquei mais triste com tudo o que aconteceu, porque eu não o amava o suficiente para algo assim. Toda a minha culpa e dor limitou-se a aquele momento em que o observei chorar, decepcionado ao descobrir o meu

segredinho.

No fundo, eu estava mais triste porque precisei deixar o seu apartamento e devolver os seus cartões de créditos — incluindo o dourado com bastante limite. Mas eu ainda tive sorte por ele não querer pegar de volta alguns dos presentes caros que me deu durante o tempo em que passamos juntos.

Todo o luxo e conforto que eu tinha, desapareceu, junto com a última lagrima que Roberto deixou cair.

Não, eu não era uma monstra, era apenas uma pessoa completamente entediada com o namoro e que encontrou algo mais divertido para fazer — com o irmão dele, por sinal.

E, não, eu não me arrependia.

— Você não se arrepende?

Eu nunca havia visto a minha amiga tão chocada com algo que havia saído da minha boca, foi como se ela não reconhecesse a pessoa a sua frente, o que era bem irônico.

— Não foi uma traição qualquer, Vanessa, foi uma traição dupla!

Esforcei-me para tentar fazê-la ver da mesma forma que eu enxergava tudo: — se eu não tivesse traído ele, continuaria lá, completamente entediada com a vida de merda que estávamos levando. Eu sei que não deveria ter traído ele, que deveria ter terminado o nosso namoro e blá blá blá, mas estar com ele era cômodo... tipo uma cama confortável que você não quer deixar pela manhã, mesmo sabendo que em um determinado momento terá que levantar.

— E quanto a esse Jean?

Balancei a cabeça, negando também.

— Ele foi só uma distração boba... algo sem muita importância.

Não, eu não era uma sociopata — pelo menos, achava que não.

Afinal, não devia existir um teste de farmácia pra isso, não é?

A verdade era que eu não tinha uma desculpa boa o bastante para justificar os meus atos e também não queria inventar uma, tornando-me uma espécie de vítima.

Eu, definitivamente, também não era uma vítima.

E aceitava bem o fato de ter machucado Roberto, não precisava do olhar de desaprovação de Bianca para me dar conta disso.

— Eu, provavelmente, já te disse isso, mas vou repetir... Você é uma vaca desalmada! — concluiu a minha amiga, antes de se levantar para me abraçar.

Depois do nosso breve abraço, ela sussurrou: — mesmo assim, eu confesso que senti a sua falta... mas só um pouquinho.

Antes que eu pudesse responder que também senti a dela, Bia completou: — só não vá achando que eu vou te sustentar agora, garota.

Não pude deixar de rir com as suas palavras.

— Você... me sustentar? O meu estilo de vida é caro demais pra você bancar, querida — respondi, como se realmente tivesse ficado ofendida com a sua frase. — Você não conseguiria nem se tentasse.

— Ótimo então, querida! — retrucou ela, com um olhar que eu conhecia muito bem.

A minha amiga, com toda a certeza, me irritaria muito com a sua próxima frase.

— Amanhã você irá trabalhar comigo na Leal, eles estão precisando de uma pessoa nova por lá.

Bianca trabalhava de secretária em uma grande organização, Leal Corp, uma das maiores empresas que ofereciam serviço de previdência privada no Brasil — e também presente em vários outros países.

E, por algum motivo — um bem estranho —, ela adorava o trabalho, mesmo sendo completamente insuportável, do tipo que a obrigava ficar sentada em uma mesa pequena atendendo telefone o dia inteiro.

Eu tinha quase certeza que esse cargo era um dos maiores culpados pelos seus quilinhos a mais — depois de todos aqueles venenos que ela consumia como comida, claro.

Afinal, ficar sentada atendendo a vários telefonemas, não ajudava a queimar nenhuma caloria, não é mesmo?

Como eu já conhecia a sua reação — AKA “*você está me chamando de gorda?*”, somado a uma expressão histérica estampada no rosto —, optei por guardar essa teoria somente para mim.

— Eu como secretária? Sem chance! — respondi de imediato, ainda não acreditando no que ela estava me propondo.

Eu era uma pessoa refinada demais para um cargo tão medíocre.

— Caso você tenha se esquecido, eu sou formada em Marketing, não posso sair aceitando qualquer tipo de emprego, amiga... Isso aí faz uma mancha irreversível no nosso currículo. Imagina eu, Vanessa Waller, atendendo telefone o dia inteiro? Não mesmo!

— Secretária? Não, amiga — explicou Bia, segurando-se para não começar a rir, o que já me deixou bem nervosa e apreensiva para as suas próximas palavras. — A vaga disponível é pra copeira, o que é bom, já que você não vai precisar atender telefone nenhum... só vai fazer e servir café.

Capítulo 02 — Novos Dias, Novos Problemas

— Não, não precisa! Eu vou encontrar alguma coisa na minha área mesmo — respondi, mais uma vez, tentando convencê-la de que servir cafezinho na Leal Corp não combinava muito com uma mulher do meu nível. — Eu sou formada...

Quase virei a noite tentando colocar na cabeça dela que eu, Vanessa Waller, não tinha perfil para esse tipo de função e que, obviamente, mancharia o meu currículo. Depois que eles — os meus possíveis futuros chefes — descobrissem que eu havia passado um tempo servindo cafezinho, não me contratariam para mais nada importante.

No entanto, Bianca parecia não compreender, era como se não estivéssemos conversando no mesmo idioma. Ela só sabia repetir “*sem contribuir com as contas, você não vai ficar aqui*”, como um papagaio de pirata irritante.

E mesmo na manhã seguinte, ela continuava com o mesmo papo.

— Você está desempregada e sem dinheiro — interrompeu-me ela, jogando, desnecessariamente, mais um pouco de verdade na minha cara. Depois de alguns segundos, ela tornou a agir como um disco riscado: — sem contribuir com as contas, você...

— Não vai ficar — completei, devolvendo a interrupção. Respirei fundo, controlando-me, antes de prosseguir: — eu já saquei, flor. E, só pra que fique claro, você não precisa me lembrar de que eu não tenho uma casa ou dinheiro, os zeros em minha conta já dão conta do recado... O Itaú mostra o meu saldo bancário pelo aplicativo de celular.

Bianca não precisou dizer mais nenhuma palavra — incluindo aquelas que formavam a frase “*sem contribuir com as contas, você não vai ficar aqui*”.

Aparentemente, eu estava prestes a me tornar a mulher do cafezinho — o que, certamente, era uma grande piada de mau gosto.

— O universo me odeia — constatei outro fato bem evidente, já conformada com todo aquele carma que me cercava.

Ao me ouvir sussurrar isso, Bia se virou, voltando o seu olhar e sorriso sarcástico em minha direção: — com mais de sete bilhões de pessoas na terra, você acha mesmo que o universo perderia o tempo dele para focar em você, uma vaca egoísta, desempregada e sem um tostão? Ah, querida, por favor, você não é tão importante assim. — Ela não conseguiu continuar segurando a risada e entre

uma gargalhada e outra, completou: — agora, se arrume, pois, no meu mundo, as pessoas costumam sair de casa cedo.

Foi quase como se ela dissesse “*agora você vai aprender a ralar de verdade, vadia*”.

No entanto, ela estava se esquecendo de que eu já havia passado por coisas ainda mais duras do que “*sair de casa cedo*” ou, simplesmente, servir um pouco de café.

De qualquer forma, eu merecia suas palavras e até mesmo o seu ódio. Era natural Bianca estar com raiva por eu tê-la procurado somente quando precisava de ajuda.

A essa altura do campeonato, ela não deveria se surpreender com nada do que partisse de mim.

Não tentei discutir mais.

Retornei ao meu antigo quarto, onde havia deixado as minhas malas e peguei algumas peças de roupa, antes de seguir até o banheiro para me arrumar para o meu primeiro dia de trabalho — algo que não acontecia em um longo período de tempo.

Eu já não conseguia nem me lembrar de quando havia sido a última vez em que trabalhei de verdade.

Roberto possuía um restaurante no centro da cidade, mas eu nunca realmente trabalhei lá. Quando ia até o “*Cheirinho do Campo*” — sim, o nome era ridículo, lembro-me até de comentar isso com ele diversas vezes —, era pra jantar com alguma amiga ou escapar do tédio que seria passar parte da noite sozinha em nosso apartamento.

Depois que terminei de me arrumar, encarei o meu reflexo no espelho e tentei sorrir, pensando nas coisas boas que ainda me restavam.

Se eu fizesse uma listinha, estariam os seguintes itens:

- * *Rosto de Barbie versão fashion.*
- * *Cabelo loiro maravilhoso, extremamente bem cuidado.*
- * *Corpo magro, com todo o peso muito bem distribuído.*

Em um resumo, eu ainda era uma mulher “*linda, loira e magra*”. Não tinha motivos para não estar com um grande sorriso no rosto, deixando-o ainda mais belo do que ele já era.

— Eu acho que estou pronta — gritei, ao deixar o banheiro.

Encontrei a minha amiga na sala e, pelo seu olhar, eu realmente devia

estar linda.

Passei a mão em minhas madeixas douradas, enquanto a encarava.

— Vamos?

Bianca continuou me olhando, analisando-me dos pés a cabeça, como se eu fosse uma espécie de mercadoria. Mas, por algum motivo, esse olhar não estava mais parecendo ser um dos “*bons*”, como cogitei anteriormente.

Depois de mais alguns segundos me secando, ela começou a rir, debochando: — estamos indo para o trabalho e não para o bailão do seu João.

Ignorei a sua frase sarcástica — que, provavelmente, era apenas inveja por não caber em minha blusinha — e peguei a minha bolsa azulada, que acrescentou ainda mais para o meu *look* incrível.

— Quem vem te buscar? — questionei, fingindo interesse quanto ao modo que ela ia para o trabalho.

— Ninguém... — respondeu Bia, como se aquele fato fosse óbvio. — Eu vou de ônibus, como qualquer outra pessoa.

Foi como um tapa bem forte na minha cara.

— Ônibus?

Eu estava mesmo ferrada.

Capítulo 03 — A Mulher do Cafezinho

A triste realidade era que eu não tinha nem ideia da tortura que seria voltar a andar com o maravilhoso — só que não — transporte público.

Mas eu logo descobri.

E realmente era bastante complicado.

Pegamos um ônibus biarticulado vermelho, completamente lotado, não tínhamos nem mesmo espaço para apoiar uma das mãos. Mas, ainda sim, nem havia perigo de cairmos. O ônibus estava tão cheio que as pessoas ficavam empilhadas, lado a lado, espremidas, sem espaço no chão até para cair.

Infelizmente, eu ainda nem havia chegado na pior parte do relato — quando o ônibus realmente começou a se movimentar, torturando-me com o passeio até a Leal Corp.

Conforme ele se mexia e toda a sua estrutura balançava, empurrando-nos uns em cima dos outros, eu tinha a impressão de que parecíamos animais, um simples bando de gado sendo transportado para uma fazenda qualquer.

O motorista, com toda a certeza, também devia achar isso — para dirigir daquela forma, com toda a lotação do veículo.

Eu não havia nascido para isso e se desconfiasse do que aconteceria, certamente, teria me empurrado lá pra dentro do útero de volta, recusando a vida miserável que me esperava do lado de fora — pelo menos, até que a situação financeira dos meus futuros pais fosse maravilhosa. O meu primeiro choro seria uma espécie de “*eu não sou obrigada*”.

Quando o ônibus estacionou em um tubo grande, questionei Bianca, perguntando se nós já estávamos perto do prédio em que ela trabalhava.

Ela respondeu com um curto e seco “*não, não chegamos*”.

E, de repente, eu havia me tornado o burro do *Shrek*, perguntando a todo instante, “*a gente já chegou?*”.

Em oitenta por cento do tempo, confesso que só fiz a pergunta para irritá-la.

O fato é que quando nós finalmente chegamos, eu fiquei surpresa com o tamanho da empresa, era enorme, muito diferente da corporação que imaginei. E Bianca me disse que esse era apenas um dos vários prédios que a empresa possuía espalhados por todo o mundo.

Nosso trabalho era o terceiro andar, mas Bianca me contou que, muito

em breve, ela seria promovida e passaria a trabalhar no sétimo, como a secretária do CEO, Bryan “*alguma coisa que não consegui compreender muito bem*”.

Ela não era muito ambiciosa, qualquer promoçãozinha boba parecia ser a melhor coisa do universo.

Eu não conseguia compreender.

Fiquei na mesa de Bianca enquanto ela foi tentar convencer a sua supervisora a me contratar. Sentei em sua cadeira — que não era muito confortável — e, como não tinha mais nada de interessante para fazer, eu comecei a girar nela, como uma criança de cinco anos de idade.

Mas fui completamente interrompida por um furacão que se aproximou rapidamente, levando tudo o que encontrava pela frente — incluindo a minha atenção.

Ele era alto, loiro, com um terno bonito — Armani? —, barba bem feita e parecia desfilar em minha direção. Sem dúvida, era o cara mais gato que eu havia visto no dia — e talvez o que tinha mais grana também, o que somava mais alguns pontos.

No mesmo instante, eu me levantei da cadeira, endireitei o meu corpo rapidamente, empurrei o meu busto para frente, tentando deixar os meus seios maiores do que eles realmente eram e sorri, esperando ele passar por mim e ficar maravilhado com a minha beleza.

Ele passou, mas foi como se eu não estivesse ali, toda maravilhosa, encarando-o com um olhar de desejo. Nunca havia sido tão ignorada por um homem — aparentemente, heterossexual — antes.

E para alguém tão incrível como eu, isso era inadmissível, quase uma ofensa.

Talvez ele realmente fosse gay ou tinha sérios problemas de visão. Essas eram as únicas justificativas para o que havia acabado de acontecer, eu não conseguia pensar em mais nada.

— Conseguimos — gritou Bianca, mais animada do que eu com a minha contratação.

Fiz uma careta de frustração, pois, no fundo, estava com esperanças de me dispensarem com um “*eu sinto muito, mas não estamos contratando no momento*”.

No entanto, dessa vez, nem mesmo a crise no país estava do meu lado.

— Ah, qual é? Não vai ser tão ruim trabalhar no mesmo lugar que eu.

Mesmo duvidando muito disso, optei por mudar de assunto, comentando sobre algo que me interessava mais do que o meu novo emprego na Leal.

— Quem é o loiro delícia?

Instantaneamente, ela me lançou o seu olhar de “*não... nem pense nisso*”.

— Bryan... O CEO e... Não, ele não é para o seu bico, Vanessa — respondeu ela, não me convencendo com aquelas palavras desencorajadoras. — E, de qualquer forma, ele acabou de terminar um namoro agora... não deve estar querendo um novo relacionamento tão cedo.

Só forcei um sorriso, pensativa.

Bianca não tentou levantar o seu braço gordinho para mim, enquanto me julgava por algo que eu ainda nem havia feito. Em vez disso, ela me acompanhou até uma dispensa, onde eu, supostamente, deveria fazer o café — outra coisa em que eu era péssima.

— Não se preocupe, vou fazer o café hoje. — Após eu concordar sorridente com a cabeça, ela completou, arrancando o sorriso do meu rosto sem nenhuma piedade: — mas não se acostuma, quando estivermos em casa, eu te ensinarei a fazer isso sozinha.

Depois de pronto, eu fiquei encarregada de limpar a bagunça e servi-lo em algumas salas.

Estranhamente, a parte mais fácil foi lavar a louça e limpar a pequena pia.

Se há duas semanas alguém me contasse que eu molharia as minhas mãos lindas na água fria, lavando uma louça nojenta, eu não acreditaria.

Responderia com um “*eu, Vanessa Waller, lavando louça suja? Sem chance, amada!*”.

Infelizmente, a era “*Empreguete*” chega para todo mundo.

No entanto, difícil mesmo foi entrar nas salas e servir para um monte de gente mal encarada, com expressões de superioridade estampadas no rosto. Para completar a peça “*a escrava do café*”, obrigaram-me a usar um avental azul quadriculado, completamente fora de moda.

Em relação aos olhares, eu confesso que no rosto de algumas mulheres, me reconheci, encarando eu mesma de frente, em minha versão mais arrogante. Mas nos de alguns homens, fiquei enjoada ao notar a maneira com que me olhavam, cheios de desejos.

Eu imaginava exatamente o que muitos deles deviam estar pensando. Os

seus olhos tagarelas contavam-me mais a cada movimento em direção aos meus seios.

Sempre gostei de ser desejada, adorava estar presente na mente de homens poderosos — como o CEO que me ignorou mais cedo. Mas não daquela forma, como a empregadinha do café. Eu queria ser vista como a mulher incrível que eu era e não por uma fantasia de “*mulher do cafezinho servindo o patrão*” de um homem casado e, provavelmente, frustrado com o próprio relacionamento.

Eu era boa demais pra algo assim.

Mas talvez eu já estivesse morta, vivendo em uma espécie de purgatório, devido ao meu grande saldo de pecados — o que, por um lado, até fazia certo sentido.

Eu não sabia se realmente era isso, mas se fosse, tinha que dar os parabéns ao Diabo, que estava sendo bem criativo com a minha punição.

O dia foi longo e eu não tornei a ver o loiro delícia pelos corredores novamente, tampouco algum outro homem do nível dele — um em que eu realmente adoraria ser encarada com olhares carregados de desejo e malícia.

Tudo o que eu fiz foi limpar, servir café e limpar de novo.

Foi extremamente longo e exaustivo.

Sempre que eu fazia uma careta ou alguma expressão de desânimo, a minha amiga me lançava um olhar de “*bem vinda à realidade, fofa*”, como se eu já não tivesse experimentado disso antes — como se não tivéssemos passado por coisas muito piores juntas, ainda em nossa infância.

Eu não suportava nem lembrar, porém, já havia vivido de maneira ainda pior no orfanato e em algumas casas de casais que me adotaram e, logo em seguida, descartaram-me, como se eu fosse um produto defeituoso.

O fato de eu não gostar de determinada coisa, não significava que eu não era capaz de fazê-la com perfeição.

E eu realmente fiz, não deixando nenhuma brecha para comentários negativos em relação ao trabalho desempenhado durante o dia. Devia muito disso a minha ótima capacidade de disfarçar minhas expressões faciais.

Quando o relógio marcou dezoito horas, fiquei até aliviada. Nunca havia estado tão feliz pela chegada de um determinado horário.

— Vamos embora?

— Pensei que nunca fosse perguntar — respondi prontamente, com um

enorme sorriso no rosto, como se nem precisasse voltar no dia seguinte.

Essa minha felicidade durou até eu me dar conta de que nós duas precisaríamos pegar o ônibus para voltar ao apartamento.

Como eu já estava imaginando, foi aquela mesma tortura de cedo.

Várias pessoas amontoadas em muito pouco espaço.

A diferença era que, pela manhã, essas mesmas pessoas estavam limpinhas e cheirosas, já no período da tarde, todo mundo estava fedendo suor — e outras coisas que, graças a Deus, eu não pude identificar — e cansadas, escorando-se em você.

Nunca fiquei tão feliz em ver aquele apartamento minúsculo antes. Depois do dia exaustivo que tive, não o chamaria mais de “*apartamento*”.

Adquira o livro e complete a leitura: [clique aqui para comprar](#).

Marido de Aluguel

Prólogo

Eu cresci ouvindo que o maior sonho de uma mulher — ao menos, da maior parte delas — era, definitivamente, ter o casamento perfeito — com o homem perfeito —, no entanto, a única coisa que eu almejava era o cargo de editora chefe na revista Global, o que me tornava totalmente estranha, de acordo com a sociedade.

Mas talvez eu fosse mesmo estranha e isso nunca foi um problema pra mim. Pelo menos, até a manhã daquela segunda-feira, no momento em que o meu supervisor se colocou à minha frente e cuspiu todas aquelas palavras na minha cara.

— O que você disse? — perguntei a ele, ainda não acreditando naquela grande bobagem que havia saído da sua boca. Respirei fundo, tentando manter a calma, enquanto o meu olhar continuava fuzilando o centro do seu rosto, sem me importar com o que ele pudesse fazer. Quando percebi que ele não iria repetir, tornei a falar. — Você não pode estar falando sério.

Ele levantou as mãos, rendendo-se a mim.

— Você é, sem dúvida alguma, a melhor funcionária que eu já tive em anos nessa revista. Mas... mas eu tenho que ser sincero e te falar a verdade, aquilo que ninguém além de mim quer dizer. Gabriele, eles não vão te oferecer o meu cargo.

Naquele instante, tudo o que eu mais quis foi arrancar a cabeça de Gaspar com as minhas próprias mãos. Nunca pensei que pudesse chegar a odiar aquele idiota — não da maneira que eu o odiei naquele instante. Eu não conseguia me conformar com o fato de não ganhar aquilo que, por direito, deveria ser meu.

— Eu tentei... antes mesmo de eu me demitir, falei com Frederico e te indiquei para esse cargo, eu disse a ele que você era a melhor, a mais capacitada para me substituir. Mas tudo o que ele disse, foi que nunca daria um cargo assim para uma mulher... uma mulher solteira.

Era ridículo e totalmente injusto comigo, uma pessoa que passou anos se dedicando, esperando por aquele momento. E, quando ele finalmente chegava, tudo era arrancado dos meus braços com brutalidade. Não havia como compreender.

Eu não ganharia o cargo porque era uma mulher e, pior do que isso, sem um marido por trás da minha imagem, passando uma espécie de confiança para uma sociedade extremamente machista. Era como se eu não tivesse um valor, pelo menos, não sem um homem ao meu lado.

— Então, você está supondo que se eu fosse uma mulher casada, aquele machista me daria o cargo?

Gaspar riu, ainda encarando o meu rosto, antes de responder:

— Eu não estou supondo, estou afirmando. Você é perfeita para o cargo e Frederico não tem como ignorar isso. Mas sem uma aliança de casamento no dedo ou, no mínimo, a promessa de uma, ele não vai te promover.

Sentei-me na cadeira ao seu lado e encarei o piso branco, sem a mínima ideia do que responder a ele. Não foi nada fácil assistir a todas as minhas esperanças serem esmagadas daquela forma.

— Eu não sei o que dizer...

— Mas eu sei — disse ele, interrompendo-me. — Diga um “muito obrigado pela dica Gaspar, você é incrível”. Eu sei que você está namorando, só precisa convencer o cara a te propor em casamento e, cáí em entre nós, isso não vai ser tão difícil.

E, no fim das contas, Gaspar estava certo a respeito da proposta de casamento. Não seria nem um pouco difícil conseguir fazer o meu namorado me propor em casamento, seria completamente impossível pelo simples fato de ele, na verdade, ser gay.

O Homem Perfeito — Capítulo 1

Depois de um dia cansativo de trabalho, tudo o que eu mais gostava de fazer era chegar em casa e me sentar no sofá da sala, onde eu colocaria o notebook em meu colo e começaria a editar um artigo que escrevi para a revista. Um artigo que, infelizmente, não teria nem a chance de ser publicado, como de costume — pelo menos, até que eu assumisse o cargo de editora chefe. E, sim, escrever sobre coisas das quais eu não poderia publicar era totalmente deprimente, mas era o que eu gostava de fazer.

Durante toda a minha vida, eu sempre coloquei o meu trabalho na frente de todas as outras coisas existentes nela e os homens, definitivamente, não eram uma exceção. O meu plano sempre foi muito simples; eu deveria me dedicar ao meu trabalho na revista, àquilo que eu realmente gostava de fazer e, se eu seguisse por esse caminho, tudo daria certo para mim, contanto que eu não

colocasse nenhum homem como o centro do meu universo. E pensar que toda essa minha estratégia desmoronou tão fácil.

Entretanto — apesar de tudo —, existia um único homem que quase conseguia me dobrar. O meu namorado — como Gaspar havia lembrado bem — com toda a certeza era esse homem perfeito. Só existia um pequeno detalhe que contrariava toda essa sua perfeição.

No momento em que abri a porta da minha casa, eu fui contemplada com uma cena extraída do início de um pornô — um gay, por sinal —, uma cena em que um garoto beijava a boca de Eduardo — a pessoa que todos do meu trabalho conheciam como o meu namorado — em meu sofá. Eduardo não fez cerimônia para retribuir o beijo quente que havia acabado de receber. E, enquanto enfiava a sua língua na boca do outro garoto, ele agarrou o menino magrelo e o colocou em cima de seu colo, dominando-o completamente.

Sim, o meu namorado tinha um namorado.

Eduardo encarou o meu rosto e esticou os seus lábios em um sorriso mais que perfeito. Alguns segundos depois, o garoto em cima dele virou o seu pescoço e cumprimentou-me também, da mesma forma gentil que a pessoa a sua frente fizera.

— Vocês dois não transaram no meu sofá, não é? — perguntei a eles, torcendo para que a resposta fosse um enorme “é claro que não transamos”. Com o silêncio dos dois, eu obtive a minha resposta. — Incrível... mas eu vou logo avisando, se vocês mancharam alguma coisa, vão limpar com a língua.

Eduardo se limitou a continuar sorrindo. Por outro lado, Kauan — o garoto no colo de Eduardo — afastou-se do meu “namorado” e caminhou em minha direção, para um abraço forte e, infelizmente, inevitável. Eu poderia muito bem acrescentar um “forçado” na descrição do abraço.

— Eu já estava até com saudades – disse ele, ainda me abraçando, como se eu fosse a sua pessoa preferida no universo, o que era uma completa mentira. Antes de se afastar, Kauan completou, mantendo a sua falsidade em um nível bem alto: — eu espero que você não se importe por eu ficar aqui essa noite.

— A casa é sua — respondi, no momento em que ele se afastou de mim, também com o modo “falsiane” ligado. – E saiba que pode ficar o tempo que quiser. Você é sempre bem-vindo aqui em casa.

Por mais que não aparentasse, eu não era a dona do apartamento. A pessoa que havia comprado o apartamento e todas as outras coisas dentro dele não era eu, mas Eduardo. Foi ele quem me convidou para morar ali e não o

contrário, o que significava que, na verdade, o namorado dele possuía muito mais poder dentro daquela casa do que eu.

O meu melhor amigo levantou-se do sofá e caminhou em minha direção. Correção, Eduardo caminhou na direção do namorado dele e o abraçou por trás. Após beijar o pescoço de Kauan, ele finalmente voltou o seu olhar para mim e encarou-me por alguns segundos, com uma expressão de paisagem, enquanto me analisava.

— Você está muito estranha hoje — observou ele, rapidamente. Edu franziu a testa e continuou queimando o meu rosto com o seu olhar. Não demorou muito para que ele perguntasse: — aconteceu alguma coisa que eu deva saber?

Ele, definitivamente, era a pessoa que mais me conhecia em todo o universo. Se colocassem Eduardo de um lado e a minha mãe biológica de outro, em um programa de perguntas e respostas sobre mim — um De Frente Com Gabriele, dois ponto zero —, Eduardo ganharia sem nem se esforçar. Mas não que a minha mãe fosse concordar em participar de um programa em que ela não fosse à atração principal.

— Eu... eu acho que preciso me casar, Edu — disse a ele, em um tom sério, com o olhar fixo em seus olhos castanhos claros. Com um nó enorme na garganta, continuei a falar: — eu não acredito que vou dizer isso, mas eu preciso que você se case comigo.

Respirei fundo e continuei sustentando o meu olhar em sua direção, enquanto esperava pela resposta do meu melhor amigo. Mas o que aconteceu em seguida foi completamente diferente daquilo que eu havia imaginado. Não houve nenhum abraço seguido por um “é claro que eu te ajudo, somos irmãos, não é?”.

— Mas é claro que precisamos nos casar, minha princesa — respondeu ele, não segurando a risada.

Edu gargalhava como se eu estivesse contando uma piada muito engraçada, do tipo que não envolvia gays ou loiras burras, coisas que afetavam a nós dois. Após ver que eu não havia compartilhado do seu humor e que a minha expressão continuou a mesma, Eduardo levantou as sobrancelhas, perguntando, totalmente surpreso:

— Você não está falando sério, não é? Gabriele Novais, por favor, me diga que não!

Ele se afastou muito antes de eu começar a explicar o quanto tudo aquilo era importante para mim, acabando com toda a minha estratégia dramática, algo do tipo “eu pensei que fôssemos irmãos, mas tudo bem. Eu... eu

me viro”. No entanto, Eduardo não queria saber dos detalhes, estava mais do que claro que ele não toparia me pedir em casamento — não com o seu namoro em jogo. Dessa vez, era oficial, eu estava mesmo sozinha, de uma maneira que nunca estive antes — pelo menos, não antes de ele aparecer.

Com uma expressão nada legal estampada na face, Eduardo respondeu totalmente irritado: — essa nossa mentira já foi longe demais, Gabriele. — Ele disse aquelas palavras com o olhar focado o rosto de Kauan, como se precisasse se certificar de que o namorado ciumento estivesse ouvindo a cada uma de suas palavras. — Eu não quero e não posso mais me envolver em todas essas suas mentiras sem fim.

Sem mais cartas escondidas na manga, restava-me apenas um último truque, o meu olhar pidão ou, como eu gostava de chamar, o calcanhar de Aquiles para Eduardo — o mesmo que o convenceu a fingir ser o meu namorado para as pessoas do meu trabalho.

— Mas é o emprego dos meus sonhos — eu disse a ele, lentamente, usando aquele meu olhar bandido. Fiz uma careta de choro, enquanto fingia limpar uma lágrima com a manga da minha camisa. — Eu... eu não sei o que fazer, é o meu sonho, Eduardo.

— Mas e quanto aos meus sonhos? — questionou-me ele, voltando o olhar para mim. Após ouvi-lo falar daquela forma, eu soube que não havia mais o que eu pudesse fazer para mudar a sua opinião. O meu melhor amigo não salvaria a minha pele desta vez. — E quanto a minha felicidade, Gabriele? Como é que eu fico nessa história toda?

Kauan nem mesmo esperou o seu namorado terminar de falar e deixou a minha casa. E a atitude dele era totalmente compreensiva, uma vez que eu estava tentando me casar com a pessoa que ele, certamente, amava. Talvez — seu eu estivesse em seu lugar —, fizesse muito pior, pulando em cima do pescoço da amiga — vaca — egoísta e manipuladora.

Eu não odiava o namorado do meu melhor amigo e, bem no fundo, sabia que ele também não nutria um ódio mortal por mim. Mas não éramos amigos e nem mesmo podíamos nos considerar colegas. Eu era, simplesmente, a pessoa que ficava entre ele e o namorado. Eu era, definitivamente, aquilo que os afastava. Entretanto, talvez o que Kauan mais odiasse em mim fosse à preferência que o seu namorado sempre me daria. Mesmo depois de ele ter deixado o apartamento, Eduardo continuou comigo, esperando pelo que eu tinha para falar.

— Desculpe — eu disse, com o olhar voltado para o chão da sala.

Depois de alguns segundos em silêncio, criei coragem para continuar. — Gaspar me contou que eles não querem me dar o cargo pelo simples fato de eu ser uma mulher solteira, como se isso fosse algum tipo de doença contagiosa ou uma ficha criminal.

Caminhei em direção ao sofá e Eduardo me acompanhou, sentando-se ao meu lado. O meu amigo estava sem camisa, trajando apenas uma fina bermuda azulada. Uma das coisas mais lindas em Eduardo, sem dúvida alguma, era o seu abdome totalmente definido, onde os gominhos eram esculpidos perfeitamente. Coloquei a minha mão em cima da sua coxa e suspirei, enquanto virava o meu pescoço em sua direção.

Ele colocou a mão em cima da minha e continuamos sentados, em um silêncio profundo. Não havia uma maneira de ele me ajudar, não sem aceitar ser o meu noivo perfeito e isso, infelizmente, parecia estar totalmente fora de questão naquele instante.

— Kauan me deu um ultimato mais cedo, dizendo que eu deveria escolher entre você e ele. Acho que, no final das contas, ao ficar aqui, eu acabei escolhendo você.

Por mais que eu gostasse da ideia de ser a escolha de Eduardo, aquilo não era certo e nem mesmo uma pessoa egoísta como eu poderia ignorar. Então, eu fiz aquilo que deveria ter feito há muito tempo, mas que acabei não fazendo por medo de perdê-lo.

— Nós terminamos, oficialmente — eu disse, surpreendendo tanto a ele quanto a mim mesma. Ainda em um estado hesitante, completei: — eu não vou mais roubar a sua vida, nunca mais.

Ele ficou me encarando, como se estivesse esperando pelo momento em que eu desmentiria tudo, um momento que não aconteceu nos segundos seguintes e nem depois disso — por mais que eu quisesse desmentir e voltar atrás em toda aquela história.

— Não fique aqui me olhando, seu idiota. Vá atrás do seu garoto!

Plano B — Capítulo 2

A maior parte das pessoas teria um plano B, entretanto, tudo o que eu possuía era uma enorme dor na boca do meu estômago. Por mais que eu soubesse que Eduardo não aceitaria de primeira participar mais uma vez dos meus planos — diga-se de passagem —, bem no fundo, eu nutria esperanças de que ele fosse, eventualmente, ceder a toda a pressão acompanhada do drama que eu estava fazendo. Mas isso não aconteceu e, parte disso, era culpa minha, que o dispensei na noite anterior. Eu estava arrependida, por mais que tivesse feito à coisa certa para o meu amigo.

Sim, eu era uma pessoa extremamente egoísta e parte disso, infelizmente — ao quadrado —, acabei puxando da minha mãe biológica, que não conseguia viver sem ser o centro do universo de todas as pessoas que a cercavam. Mas a última coisa que eu precisava era ficar pensando em Clarisse.

Caminhei em direção à cozinha, mas antes que eu pudesse me sentar à mesa, Eduardo apareceu, com o seu namorado ao lado, o que significava que, felizmente, eu não havia destruído o relacionamento dele com Kauan — o que também não era muito bom pra mim.

Por mais que eu quisesse me esconder e evitar toda aquela conversa que estávamos prestes a ter, aproximei-me dos dois, dizendo, de uma vez só:

— Eu sinto muito por ontem, O.K?

Kauan se limitou a balançar a cabeça, o que era melhor do que nada. Eduardo, por outro lado, sorriu, mostrando-me que estava mais do que bem para nós dois. Saber que a minha relação com Eduardo não estava completamente destruída, deixou-me mais feliz. E quanto à de Kauan, sinceramente, eu não me importava.

— Eai? — perguntou-me ele, referindo-se ao que eu faria a respeito do cargo de editora chefe. Éramos tão íntimos ao ponto de quase não precisarmos de palavras para que nós dois nos entendêssemos. — O que você está pensando em fazer agora, qual o seu plano B?

Fiz uma careta, balançando a cabeça, mostrando a ele que, na realidade, eu não possuía nenhum plano B. Tudo o que eu tinha, naquele instante, era ódio e um sentimento enorme de impotência. Eu odiava o dono daquela revista por ser um machista com M maiúsculo, mas eu me odiava ainda mais por precisar de um homem para provar o meu valor.

— Eu vou desistir... Não preciso de um homem para provar que sou boa o suficiente e se eles não enxergarem isso, quem perde não sou eu — eu

disse a eles, mesmo sabendo que Frederico nunca nem mesmo pensaria em olhar para mim sem uma aliança. Gaspar não me contaria isso se não fosse a mais pura verdade. — Eu não preciso disso.

E, ao pronunciar o “eu não preciso disso”, eu estava dizendo outra mentira. A revista Global já não era um simples trabalho para mim. Depois de um tempo, aquele trabalho passou a ser a minha vida, ele passou a definir a pessoa que eu era e, com isso, tornou-me mais que uma simples dependente. Parte de mim sentia muito medo de não ser capaz de me reconhecer sem fazer aquilo que eu tanto gostava.

— Você não precisa desistir só porque o meu namorado não quer bancar o seu noivinho — disse Kauan, após cansar de se fingir de estátua. Com uma estranha expressão no rosto, ele continuou, dizendo: — nós não somos amigos, mas eu sempre admirei você, pois nunca te vi desistir de algo. Essa pessoa aí, com toda a certeza, não é você. A Gabriele que eu conheço nunca deixaria com que o chefe machista ganhasse, não sem lutar.

Depois daquelas palavras arrebatadoras, eu finalmente poderia dizer que aquele garoto magrelo havia ganhado algumas dezenas de pontos comigo. Entretanto, eu não tinha a mínima ideia do que fazer, de como me tornar aquela pessoa forte que Kauan dizia que eu era.

— O que você me sugere? — arrisquei na pergunta, pronta para qualquer coisa, com exceção daquilo que ele me respondeu.

Depois de alguns segundos pensando, de uma maneira hesitante, Kauan respondeu a minha pergunta, aparentemente, ainda em dúvida se deveria mesmo estar dizendo aquilo: — um amigo de uma amiga, que conhece um cara, que conhece outro cara... bem, o que eu quero dizer é que tem um homem que faz esse tipo de serviço, ele é muito discreto e apenas algumas poucas pessoas sabem sobre o que ele realmente faz.

Voltei o meu olhar — um nada bacana — para Eduardo, que estava fingindo uma expressão de paisagem ao lado de Kauan, como se nem estivesse prestando atenção nas coisas que deixavam a boca do seu namorado.

— O seu namorado está me mandando contratar um puto para ser o meu noivo. Você está ouvindo isso, Eduardo? — perguntei a ele, completamente posses de ódio. — Ele quer que eu me envolva com um puto?

Com um sorriso nos lábios, o meu amigo respondeu: — sim, eu ouvi e, na verdade, até acho uma ótima ideia. E não é como se você precisasse transar com ele... seria mais como um acompanhante de luxo.

Não importava o quanto ele tentasse melhorar aquela frase, no fim

das contas, continuaria significando que eu precisava contratar um garoto de programa para fingir ser o meu noivo. Naquele instante, eu não estava apenas odiando o mundo por ser completamente machista, eu estava me odiando por não ser capaz de encontrar um homem decente sem ter que pagar por isso.

Voltei o meu olhar para Kauan, já com o meu nível de ódio por ele reduzido. Afinal, que diferença faria usar o meu melhor amigo gay ou um puto para fingir ser um cara interessado em mim? Em ambas as formas, eu era um fracasso total como mulher.

— Então, esse seu amigo da amiga, do amigo, do amigo tem o número deste prost... acompanhante de luxo?

Ligação — Capítulo 3

Já havia se passado uma semana desde que Kauan me deu a incrível ideia de contratar um garoto de programa para fingir ser o meu noivo. Primeiramente, pensei muito sobre a decisão que estava prestes a tomar e acabei desistindo por ser um plano totalmente irresponsável, uma vez que eu poderia estar colocando um assassino dentro da minha própria casa. Entretanto, no dia seguinte, Gaspar me confidenciou que Frederico daria uma pequena festa e convidaria algumas pessoas e que, por muita sorte — ou muito azar —, eu e o meu acompanhante estávamos inclusos nesta pequena lista de convidados.

Como eu, Gabriele Novais, não acreditava nem um pouco em sorte, confrontei o meu chefe e, desta forma, obtive a minha resposta de uma maneira rápida. Em uma tentativa desesperada de me colocar em seu atual cargo, Gaspar mentiu para Frederico, dizendo que eu já estava noiva. Mas, ao que tudo indicava, Frederico precisava ver isso com os seus próprios olhos.

— Agora, por favor, me diga que convenceu o cara a se casar com você? — A voz dele soou um tanto desesperada, assim como a expressão de seu rosto. Depois de alguns segundos em um silêncio constrangedor, Gaspar completou: — eu espero, de verdade, que esse seu silêncio signifique um imenso “sim, ele vai se casar comigo”.

Então, eu fiz aquilo que sabia fazer de melhor. Eu menti para Gaspar, dizendo que tudo estava sob o meu incrível controle, que o meu namorado — o homem mais perfeito de todo o universo — havia aceitado se casar comigo e que eu nem mesmo havia me esforçado, pois o pedido de casamento havia partido dele.

Pelo jeito, eu estava muito ferrada — com a lama até a minha cintura —, tão ferrada ao ponto de reconsiderar a ideia ridícula de Kauan. Eu não tinha outra opção a não ser contratar aquele puto para me acompanhar, ao menos, se eu quisesse continuar na disputa pelo cargo de editora chefe, o que eu, certamente, queria e muito.

Quando entrei na minha casa, a primeira coisa que fiz foi correr até o meu quarto e apanhar o papel em que Kauan anotou o número daquele garoto de programa ou, como ele gostava de dizer, acompanhante de luxo — que, pra mim, dava no mesmo.

Depois de várias horas encarando o número daquele ser totalmente desconhecido por mim, decidi arriscar e ligar para ele. Afinal, pior do que

estava, definitivamente, não poderia ficar. Eu estava oficialmente no fundo do poço, com os meus saltos completamente sujos de lama, não tinha como me afundar mais.

Instantes depois de digitar aquele número de celular, eu percebi que estava totalmente perdida, o que era completamente compreensivo já que nunca me imaginei ligando para um homem que vendia o próprio corpo. Eu não sabia nem mesmo o que dizer quando ele atendesse a minha ligação. Deveria dizer um “oi, você é aquele garoto de programa do panfleto que encontrei no telefone público?” ou “oi, eu falo com um profissional do sexo?”. Não importava qual fosse a minha ideia, ela sempre seria pior que o ridículo. Mas no final das contas, nem mesmo precisei dizer uma única palavra, já que ele não atendeu a minha ligação. E depois da terceira tentativa, eu finalmente desisti de ligar.

Algo me dizia que ele devia estar “trabalhando”, enfiando o seu pinto em alguma mulher de meia idade entediada com o próprio casamento. Entretanto, o fato de eu estar ligando para ele, por precisar de um simples acompanhante, com toda a certeza, tornava-me alguém em uma situação muito pior do que a dessas mulheres que só queriam se divertir.

Cansada de esperar por um retorno de ligação que, obviamente, não aconteceria, sentei-me em meu sofá e me preparei para mais um dos meus artigos. Por mais deprimente que aquilo fosse, eu adorava ficar ali sentada, escrevendo sobre coisas das quais eu gostava de falar, coisas que poderiam dar outra visão do mundo para os leitores da revista, coisas inovadoras e, talvez, coisas revolucionárias, mas, principalmente, coisas que nunca seriam publicadas na revista Global — ao menos, até que eu assumisse o cargo de Gaspar.

Quando o ponteiro do meu relógio apontou para as dez da noite, eu recebi uma mensagem de Eduardo, uma em que ele dizia que não voltaria para o jantar. Aparentemente, estar com o namorado era muito melhor do que ficar ao lado de uma amiga chata, completamente viciada em trabalho — e obcecada por um garoto de programa.

Caminhei até a cozinha na esperança de encontrar alguma coisa bem gordurosa e suculenta, algo que faria com que eu engordasse uns três quilos, mas tudo o que eu encontrei foram bolachas e algumas outras porcarias que não eram da família do bacon. Apanhei um pacote de pipoca instantânea no armário e o preparei rapidamente. Quando retornei à sala, com uma bacia repleta de pipocas na mão, sabia exatamente que tipo de filme eu deveria assistir.

E, mais uma vez, eu assistiria a Saga Crepúsculo e embarcaria na jornada de Bella Swan ao lado de Edward Cullen, em uma história de amor

proibido, envolvendo uma humana sem graça e um vampiro sexy que brilhava no sol. Era uma história de romance água com açúcar? Sim, era e não importava o quanto falassem mal daquela saga, eu nunca deixava de amar cada um daqueles personagens maravilhosos. Aparentemente, só me faltava os gatos para a situação ficar ainda mais deprimente.

O toque do meu celular fez com que eu me assustasse, soltando a bacia que estava em minha mão esquerda, derrubando toda a pipoca no tapete da sala. Mesmo sem voltar o meu olhar para a tela do telefone, visualizando o número que me ligava, eu sabia quem era e foi por esse motivo que me assustei, como um pressentimento daquilo que estava por vir.

Corri até a mesinha de centro e peguei o meu celular. Como cheguei tarde demais para atender, retornei aquela ligação e, desta vez, eu esperava que o garoto de programa me atendesse.

E, para a minha sorte, ele realmente atendeu.

— Quem fala? — perguntei, ainda sem saber exatamente o que eu deveria dizer para alguém como ele. — Eu... estou falando com quem?

A voz do outro lado da linha finalmente soou, em uma risada completamente sarcástica. E, por algum motivo, essa única ação dele foi capaz de me irritar.

— Então, como foi você quem me ligou primeiro, não sou eu quem deve se apresentar aqui! — respondeu ele, de uma maneira grosseira e mandona. E antes que eu pudesse responder à altura, ele tornou a falar, cortando-me: — eu também não tenho todo o tempo do mundo... então, fale logo o que você quer!

Sem paciência para a grosseria daquele imbecil, disse as minhas próximas palavras, sem nem mesmo pensar uma segunda vez: — por quê? No puteiro em que você trabalha precisa bater cartão?

— A única coisa que eu vou bater, será o meu pin... Quer saber, obviamente, isso é algum tipo de trote idiota, feito por uma garota virgem idiota. E eu não vou mais perder meu tempo com isso aqui. Foi bom falar com vo...

— Não, espere! — eu gritei, interrompendo-o e o impedindo de desligar a ligação. Engoli todo o meu orgulho de uma só vez, como se fossem cem gotinhas de dipirona e prossegui de uma maneira totalmente hesitante: — eu... eu gostaria de contratar os seus serviços.

Adquira o livro e complete a leitura: [clique aqui para comprar](#).

SELVAGEM: Sexy, Sombrio e Assustador

Sedução e Liberdade — Capítulo 1

Talvez, no fim das contas, eu estivesse enganada sobre tudo. Os homens não eram todos iguais — como eu não cansava de repetir. Naquela noite, eu descobri que existiam alguns ainda mais depravados que os ditos “normais”. Mas eu poderia mesmo julgá-los por isso? Definitivamente, não! Mas, de qualquer forma, eu adorava fazer isso.

Mas não se engane comigo, pois eu sou apaixonada por eles — talvez, até demais, eu admito. Gosto dos prazeres que um homem é capaz de proporcionar a uma mulher. Gosto de tocar e ser tocada por eles, dos movimentos frenéticos que nossos corpos são capazes de fazer em conjunto. E, principalmente, gosto de toda a brutalidade escondida dentro deles, aguardando o momento exato para se revelar ao mundo.

Se o seu palpite é de que sou uma prostituta, saiba que quase acertou. Sou, basicamente, uma colega de profissão delas, uma das famosas *strippers* de casa noturna. Mas, obviamente, não uma qualquer. Eu sou “a *stripper*” ou, simplesmente, a grande estrela da noite.

A verdade — que muitos não gostam de assumir — é que algumas pessoas não foram feitas para se formar em uma faculdade importante. Para alguns — onde certamente estou inclusa —, um canudo é completamente irrelevante. Diploma nenhum conseguiria substituir o sentimento que eu sentia toda vez que pisava naquele palco. Nenhum emprego convencional faria com que eu me sentisse livre — não daquela forma, pelo menos. O “errado” para muitos, tornou-se incrivelmente “certo” para mim.

Enquanto eu dançava, sentia-me a criatura mais livre do universo. E, também, com toda a certeza, a mais desejada delas. Cada olhar malicioso e sorriso sacana, desferidos por todos aqueles homens, conseguiam me satisfazer de forma completa, provando-me mais uma vez o quanto eu amava estar ali, entregando-me parcialmente para eles.

As luzes coloridas piscavam sem parar, enquanto os meus cabelos dourados voavam, pulando junto com o meu corpo em uma dança sensual. Se eu possuía algum dom, certamente, era o da sedução — algo que aprendi a usar desde muito cedo. Com o tempo, eu me tornei irresistível e me orgulhava muito

disso, mais do que qualquer outra coisa.

E, então, a minha parte preferida da noite finalmente começou. Os barbados — e os sem barbas também —, que cercavam o meu palco, começaram a atirar aquilo que eu amava mais do que homens — talvez, no fim das contas, essa fosse à única exceção. Aquelas notas amassadas que estavam sendo arremessadas em minha direção, incentivavam-me a continuar descendo, em minha dança cheia de posições sexys bem ensaiadas — uma dança que eles adoravam. A visão de todo aquele dinheiro colorindo o meu palco, não tinha preço — ou quase isso.

No instante em que comecei a juntar todo o dinheiro do chão, sem deixar de dançar enquanto o fazia, avistei um homem loiro nos fundos, queimando-me com o seu olhar duro. Por algum motivo desconhecido, ele conseguiu se destacar de todos os outros daquele lugar. Talvez fosse a sua jaqueta de couro preta, que deixava transparecer o seu corpo bem trabalhado, repleto de músculos. Talvez fosse seu olhar cheio de desejo, que não deixou de me secar até o final do show. Eu não sabia o motivo, mas fiquei completamente atraída por ele. No entanto, antes mesmo de eu pensar em caminhar até onde ele se encontrava, aquele homem já havia deixado o local, tornando impossível a possibilidade de conhecê-lo.

Depois do show, as garotas eram obrigadas a entregar trinta por cento de tudo que ganharam para o dono da casa noturna — o que não facilitava muito para nenhuma de nós —, pelo espaço cedido. O negócio até era justo, mas, ainda sim, não tornava mais fácil de entregar o dinheiro conquistado, literalmente, com muito suor. Contra a minha vontade, eu deixei uma parte do que arrecadei com Fred e me preparei para deixar o local.

— Está me dizendo que só conseguiu isso? — questionou-me ele, evidenciando toda a sua desconfiança em seu tom de voz. Depois de eu balançar a cabeça, confirmando a sua pergunta, ele finalizou: — então, é oficial, você está precisando mexer mais essa bunda, Alice.

Limitei-me a concordar, balançando a minha cabeça. Fred era um ser humano repulsivo e estúpido ao ponto de se achar o homem mais inteligente do universo. No entanto, depois de conhecê-lo melhor, você acabava descobrindo que ele não passava de um grande idiota, alguém que era facilmente manipulado por qualquer pessoa que possuísse o mínimo de inteligência. Os trinta por cento que ele acreditava ter ganhado com o meu esforço, na verdade, não chegaram a passar de dez.

Alice era a maneira como o dono da casa noturna — e todas as outras

pessoas — referiam-se a mim, naquele determinado ambiente. Em um resumo simples, esse era o meu “nome de guerra”. Longe daqueles palcos, eu tornava a responder por Camila, uma dançarina que descobriu da pior forma que não é nada fácil ganhar dinheiro dançando fora de uma boate. Mas, como já disse, não tenho o que reclamar do meu trabalho, pois é através dele que tenho, diariamente, a chance de me sentir livre.

Cena de Crime — Capítulo 2

Como não podia deixar a casa noturna seminua, eu apanhei uma saia preta curtinha, junto com uma blusinha básica branca. Depois de vesti-las, escondendo o conjunto vermelho de lingerie que havia usado para me apresentar no palco, não tardei a deixar o meu local de trabalho.

Enquanto atravessava a rua, encarei um dos outdoors que estampavam um banner promocional do filme “Marido de Aluguel”, baseado no livro de Anne Miller. De acordo com aquele cartaz, o longa seria estrelado por Bianca Bittencourt e Wesley Dolberth, que, ao meu ver, não passavam de dois rostinhos bonitos — mas, não vou mentir, existiam controversas quanto ao talento. Em minha opinião, aquela adaptação cinematográfica só comprovava o quanto as pessoas eram hipócritas. Não se cansavam de criticar casas noturnas, garotas de programas e qualquer outra coisa relacionada ao sexo explícito, mas não perdiam a estreia de um filme que, na realidade, continha exatamente tudo o que eles julgavam como “errado”. Para essas pessoas, infelizmente, só era arte e só tinha valor o que elas queriam que tivesse. E todo o restante era pré-julgado e rotulado de perversão e pecado.

Eu estava tão concentrada no outdoor que nem mesmo prestei atenção na movimentação da rua — algo que, em hipótese alguma, se deve deixar de fazer, a menos que não se queira continuar vivendo, o que, definitivamente, não era o meu caso. Eu só fui reparar nesse detalhe quando entrei em um beco medonho, em uma tentativa estúpida de cortar parte do caminho até a minha casa.

O lugar era escuro e deserto, completamente sombrio, mas, mesmo com todos esses “probleminhas”, eu continuei seguindo. E, como se não fosse o suficiente, dois homens pareciam conversar a uns cem metros de onde eu estava. Depois de avistá-los, a minha mente já começou a simular uma espécie de assalto, deixando-me ainda mais paranoica. Eu nunca fui do tipo “garota medrosa”, mas, naquele momento, foi como um instinto daquilo que estava

prestes a acontecer.

E só me dei conta do quanto estava errada sobre a conversa daqueles homens, quando um deles puxou um revolver da cintura e disparou duas vezes, derrubando o outro no mesmo segundo. Infelizmente, eu já estava muito próxima da cena do crime para fugir sem ser notada pelo assassino.

Devido a uma descarga de adrenalina em meu corpo, eu até tentei correr, mas, como eu já devia saber, foi totalmente inútil. Tudo o que eu fiz, foi chamar a atenção do assassino e provar de vez que eu havia presenciado a tudo, que eu era uma porcaria de testemunha — uma mulher que estava com a sua sentença de morte devidamente assinada.

Quando percebi que ele havia me identificado, interrompi os meus movimentos, pois, se continuasse correndo, eu sabia que ele não hesitaria em atirar na minha direção. Entre morrer naquele instante e no seguinte, sem nem pensar, eu optei pelo que levava um pouco mais de tempo.

Esperar pela sua aproximação, em passos lentos, sem dúvida alguma, foi a pior parte — pelo menos, até aquele momento, diga-se de passagem.

Eu pensei em dizer “não se preocupe, eu não vou contar sobre o que vi” ou “eu juro que não vou dar uma de X9, colega”, mas essas frases nunca funcionaram antes, o que significava que também não funcionariam comigo.

Então, temendo por minha vida, optei pela boa e velha apelação, com direito a sorriso e tudo.

Virei-me, encarando-o se aproximar de mim. Ele era grande e estranhamente familiar.

Sim, eu conhecia aquele cara.

O assassino do beco era o loiro que chamara a minha atenção mais cedo na casa noturna, o mesmo que não deixou de me encarar até que eu estivesse fora do palco.

E, no fim das contas, eu o conheceria.

— Você me pegou — eu disse a ele, tentando disfarçar todo o meu desespero. A minha atuação não ficou cem por cento, mas, mesmo assim, consegui controlar o meu nervosismo. Com o olhar fixo em seus olhos, completei: — e foi de jeito.

Após lançar-me um sorriso cruel, Alemão — a maneira como decidi me referir a ele — apanhou um objeto em sua cintura, um revolver, mostrando-me que seria um pouco mais difícil de convencê-lo a não puxar aquele gatilho, como fizera há pouco. Mas nem isso fez com que eu desistisse de tentar. E,

sabendo que o próximo minuto seria completamente decisivo para a minha sobrevivência, não fiquei perdendo tempo e coloquei o meu plano infalível em prática.

Adquira o conto e complete a leitura: [clique aqui para comprar](#).

Canalha Irresistível

Depois do Altar — Capítulo 1

Nós estávamos completamente ferrados. E, definitivamente, não foi muito difícil chegar a essa conclusão, bastava olhar ao meu redor, observando os detalhes do barraco que aluguei para um dos momentos mais especiais de toda a minha vida — a minha lua de mel. Não existia piso algum naquela casa, era, simplesmente, chão e, como se não fosse o suficiente, em alguns cômodos, que eram divididos por uma espécie de cortina artesanal, era coberto por areia da praia.

Provavelmente, eu havia alugado a casa do Tarzan.

Não, aquilo não era um simples engano, estava mais para um meteoro gigantesco, um tão grande quanto o que extinguiu os dinossauros há milhares de anos.

Eu nunca me senti tão burra.

Talvez, com exceção do dia em que eu decidi contratar um acompanhante de luxo para ser promovida a editora chefe na revista em que eu trabalhava.

Mas eu podia mesmo reclamar do meu passado? Se eu não tivesse agido por impulso, não teria conhecido o amor da minha vida — sim, o acompanhante de luxo—, mas isso era uma outra história, que, por sinal, já fora contada.

Eu devia ter suspeitado desde o início, pois tudo estava barato e fácil demais. Mas eu não suspeitei e acabei viajando para o lugar em que Judas perdeu as botas — botas que, provavelmente, estavam enterradas naquela areia maldita. Eu devia ter aceitado o pacote que os meus pais me ofereceram — uma viagem caríssima em um cruzeiro no Caribe —, mas o meu orgulho falou mais alto e acabei enfiando eu e o meu novo marido em uma grande furada.

Furada? Ah, estava mais para um buraco negro.

— E, só pra constar, minha querida, essa ideia idiota não foi minha, O.K? — Pablo começou a dizer, antes de revirar os olhos, acusando-me outra vez de ferrar com as nossas férias. Não, ele não estava me acusando. Pablo afirmava a minha culpa. — Nós devíamos ter ficado no nosso novo apartamento, aproveitaríamos a nossa lua de mel do mesmo jeito, mas não... Tínhamos que

viajar para essa maldita praia.

Antes mesmo de completarmos um dia de casamento, já estávamos brigando como se estivéssemos casados há anos. Eu estava me esforçando muito para não esganá-lo com uma daquelas cortinas de bambu, mas o “Pablo Puto” — a maneira “carinhosa” como eu costumava chamá-lo — não estava cooperando nem um pouco.

Por mais que eu odiasse admitir, o idiota do meu marido tinha um pouco de razão. Tudo bem, talvez ele tivesse muita razão.

Eu, simplesmente, decidi comprar passagens para um lugar bem afastado da cidade, em uma praia deserta, onde — em teoria — teríamos toda a paz do mundo para aproveitar nosso momento especial. Eu só não pensei que isso incluiria a escassez de mercados, farmácias, restaurantes ou, simplesmente, de eletricidade.

— Sabe a pior parte? Essa droga de lugar não tem nem uma cama decente, Gabriele Novais — continuou Pablo, transparecendo a raiva que estava sentindo ao dizer o meu nome completo. Enquanto resmungava, o homem a minha frente olhava para o monte de tábuas forrado por um fino colchão, a nossa mais nova cama. — Nós vamos ter que dormir em cima dessa porcaria aqui... você está me entendendo agora?

Quando eu contei sobre os meus planos para Pablo, ele desconversou e tentou me convencer de todas as formas a ficarmos na cidade, em nosso novo apartamento — um presente dos meus pais, um que eu aceitei de maneira muito relutante. Mas, no final das contas, ele acabou cedendo aos meus desejos. A minha lavagem cerebral foi tão bem feita que Pablo confidenciou-me que até achava sexy a ideia de estar comigo em uma “espécie de floresta”.

Ao julgar por sua reação, isso não devia ser muito verídico.

— Não, meu amor, a pior parte foi você ter me dito que adoraria ficar preso comigo em uma “espécie de floresta” — lembrei ele, enquanto fazias aspas com meus dedos. — Então, bonitão, uma cama dessas não deve ser um problema para o Tarzan aqui, não é?

Ele balançou a cabeça, como se ainda não aceitasse o fato de estarmos completamente ferrados, presos no meio do nada.

Às vezes, eu me esquecia do quanto Pablo podia ser direto. Mas, nesses determinados momentos, ele sempre fazia questão de me lembrar.

— Eu só disse isso porque nunca pensei que você fosse nos enfiar em uma droga de “espécie de floresta” — argumentou ele, copiando o meu gesto de

aspas, completamente sarcástico. — É bem provável que uma cama de pedra seja mais confortável do que isso.

Eu já estava cansada de ouvi-lo reclamar sobre a porcaria da cama. Eu havia entendido que não dormiríamos bem ali, que aquele monte de taboas velhas era desconfortável, mas reclamar disso várias vezes não tornaria a taboa macia.

— Por que você está tão irritadinho por causa de uma porcaria de cama?

Primeiro, ele me encarou como se não estivesse acreditando em minhas palavras. Em seguida, lembrou-me do dia em que nos conhecemos, sendo completamente grosso, ao dizer:

— Nós estamos em lua de mel — gritou ele, com uma voz séria, como se eu fosse surda. — Nós deveríamos passar noventa por cento do nosso tempo livre em cima dessa maldita cama... Ou será que você quer que eu te foda lá na areia da praia?

Aquilo foi a gota d'água, a única coisa que faltava para eu explodir.

Sem paciência para continuar com aquela discussão ridícula, eu finalizei, encerrando o assunto: — você é um imbecil... E, quer saber, fique aqui com essa cama, pois ela será tudo o que você vai foder nessa lua de mel, seu babaca.

Depois de dizer, com o mesmo tom de voz usado por ele, eu deixei o barraco, segurando-me para não começar a chorar.

Do lado de fora, contemplei a grande desgraça em que me enfiei. Toda a casa era feita de madeira e a pior parte, certamente, não era toda a tinta descascada. Ela parecia estar podre, prestes a desmoronar.

Era impossível não compreender Pablo em relação a péssima hospedagem. Entretanto, eu não conseguia aceitar a maneira como ele reagiu em relação a isso. Esse, definitivamente, não era o homem que escolhi para viver ao meu lado pelo resto da minha vida.

Cansada de encarar o que, provavelmente, era um dos meus maiores arrependimentos, virei-me, caminhando em direção a praia, a única coisa bonita de todo aquele lugar. Mas até mesmo a beleza dela possuía algumas controversas.

Por ser em um local afastado da cidade e muito pouco frequentado, a areia era limpa, mas completamente tomada pelo mato, que dominava praticamente toda a extensão dela, deixando apenas uma pequena trilha que

levava até bem próximo do mar. O mato só chegava ao fim perto da areia úmida.

Eu tirei os meus chinelos, um par de havaianas na cor rosa, e comecei a andar, acompanhando a margem do mar, molhando os meus pés, enquanto pensava na briga que tive com Pablo.

As palavras dele conseguiram me irritar mais que o lugar, pois elas me mostraram que em nosso primeiro obstáculo — um muito idiota, por sinal — nós dois optamos por brigar em vez de superá-lo juntos, como um casal deveria fazer.

— ESPERE!

A voz de Pablo fez com que eu caminhasse ainda mais rápido, ignorando o seu pedido. Eu ainda não tinha digerido todo o episódio do “ou será que você quer que eu te foda lá na areia da praia?” Mas, infelizmente, de nada adiantou, Pablo correu, alcançando-me em pouco tempo. Ele nem mesmo se esforçou.

Ele me encarou por alguns segundos, provavelmente, pensando em como se desculpar por agir feito um idiota, a sua maior especialidade.

Eu reconhecia aquele olhar de cachorro sem dono, algo arquitetado para que eu sentisse pena dele. Mas, desta vez, o seu olhar não funcionaria, ele teria que se esforçar um pouco mais.

— Desculpe pela parte de “te foder na areia da praia” — comentou ele, tentando permanecer sério enquanto pronunciava a frase “foder na areia da praia”. — Eu... eu sou um imbecil e sei muito bem disso. Mas, em minha defesa, você já sabia disso antes de se casar comigo.

Continuei em silêncio, mostrando a ele que nós ainda não estávamos nada bem. Se ele quisesse acertar as coisas comigo, precisaria de uma desculpa bem melhor, de preferência uma que não me culpava por seus erros.

— Ei, amor... — Pablo sorriu do seu jeitinho especial, roubando-me um meio sorriso. Aquele canalha sabia bem como me derreter, foi impossível não sorrir com aquela expressão em seu rosto. — Desculpe por eu ter surtado, jogando toda a culpa em cima de você. — Pablo tornou a rir, antes de completar: — por mais que ela realmente seja sua. Eu... eu acho que só queria que tudo fosse perfeito. E, no meio disso tudo, eu acabei me esquecendo de que você é a coisa mais perfeita na minha vida. E, sim, esse lugar é uma droga, mas ter você aqui comigo o torna, de alguma forma, um pouquinho melhor.

Eu parei de andar, rendendo-me completamente a ele. Eu deveria judiar um pouquinho mais de Pablo, mas não consegui — e depois,

provavelmente, me arrependeria.

Aquele homem era o meu ponto fraco, o meu calcanhar de Aquiles.

Pablo aproximou-se, mantendo os olhos fixos em mim, como se estivesse prestes a me devorar. E, talvez, ele realmente estivesse cogitando essa ideia, pois avançou sobre mim como um verdadeiro predador, beijando-me de uma maneira voraz.

— Eu estou começando a achar que você realmente quer que eu te foda na areia da praia — disse ele, sem afastar os nossos rostos. As suas mãos, que estavam em minha cintura, desceram, agarrando a minha bunda com força, de uma maneira dominadora e safada. — Minha loirinha top.

Eu empurrei ele, antes de dizer: — você falou “top”? O nosso casamento terminou aqui.

Ele tornou a me agarrar, prendendo-me em seus braços fortes e protetores.

— Eu posso não dizer tanto quanto eu queria, eu posso não demonstrar tanto quanto eu sinto, mas eu quero que saiba que te amo e que sempre vou amar — disse ele, com uma voz séria, olhando dentro dos meus olhos. E, então, Pablo sorriu, finalizando: — minha loirinha top.

Enquanto meu marido envolvia-me daquela forma, finalmente eu fui capaz de notar toda a beleza daquele lugar. Ela não estava no barraco que aluguei, não estava na areia, tampouco no mar. Estar com ele era o que tornava aquele lugar maravilhoso.

Adquira o conto e complete a leitura: [clique aqui para comprar](#).

Sabor da Traição

Traída — Capítulo 1

Depois de um tempo jogando o “jogo da vida” — que não é aquele de cartas, que consegue ser ainda mais chato, diga-se de passagem —, você descobre que os contos de fadas acabam por uma razão bem específica.

O maravilhoso “felizes para sempre” não costuma durar tanto tempo assim — pelo menos, não durou comigo.

Por mais ridículo que possa parecer, eu costumava me ver como uma espécie de Cinderela da vida real, pois vim de uma família bem humilde e, estranhamente, casei-me com um milionário, alguém que pensei ser o meu príncipe encantado, o meu “amor verdadeiro”.

Sim, eu costumava ser uma mulher bem inocente — ou uma extremamente idiota, se preferir.

A pior parte de tudo isso, em minha opinião, era que o meu casamento estava sendo muito feliz, não existiam problemas entre nós dois. E, se eles realmente estavam ali, eu desconhecia — o meu marido certamente se esquecera de me contar.

O nosso amor — aquele que eu pensei ser mais forte do que tudo — se tornou frágil demais, começando a acabar depois de eu assistir a uma única cena protagonizada por ele.

Era uma noite fria de domingo, eu estava parada em frente à porta, sem reação, completamente devastada, encarando-os naquele momento totalmente asqueroso — algo que eu nunca mais seria capaz de esquecer —, logo depois de tê-lo seguido até a nossa casa de campo, em um ato desesperado.

Todos os meus problemas começaram quando eu resolvi dar ouvidos aos conselhos da minha mãe.

“Aquele mulher não me engana nenhum pouco, Greice. E se você não abrir os seus olhos logo, ela vai abri-los pra você”, dissera a minha mãe, logo depois que a minha amiga deixou a sala.

E, agora, depois de tudo isso, eu descobri o quanto ela estava certa, pois os meus olhos nunca estiveram tão abertos.

Em um primeiro momento, eu afastei todas essas possibilidades da minha cabeça, porque, por mais que a minha mãe estivesse com todas aquelas

acusações, eu confiava completamente em Frederico e também na mulher que a minha mãe acusava sem nenhuma prova.

Beatriz — “aquela mulher”, de acordo com a minha mãe — era uma amiga tão próxima quanto uma irmã, eu nunca pensaria uma maldade como aquela — pelo menos, não uma que a envolvesse daquela forma.

Não, eu confiava plenamente em Bia.

Algo muito engraçado sobre a confiança é que, não importa o quanto ela seja forte, quando alguém te traz um pouco de dúvida, toda a sua estrutura se abala completamente, transformando-a em uma espécie de taça trincada, algo que pode se quebrar a qualquer momento.

E, quando essa semente é plantada em sua mente, tudo se transforma, fazendo com que você precise tirar uma prova, algo que consiga afastar todas as vozes em sua mente. E, quando você menos percebe, o seu principal foco passa a ser silenciar todos esses sussurros.

Nos últimos tempos, Frederico viajava muito para a nossa casa de campo para passar o fim de semana com os amigos, as famosas “noites dos homens” — como nós dois costumávamos chamá-las.

Eu nunca enxerguei nenhuma maldade no fato de ele ir se divertir com os amigos algumas vezes no mês — ao menos, não até a minha mãe plantar a desconfiança em minha cabeça.

E, quando ele me contou que estava indo viajar, que passaria o fim de semana inteiro fora, instantaneamente, eu fiquei abalada, tão mexida ao ponto de nem mesmo conseguir disfarçar isso.

Essa foi uma das primeiras vezes que em que brigamos. E, mesmo depois de eu implorar para que ele ficasse, para que passasse o fim de semana comigo no lugar de se divertir com os amigos, ele me deixou em casa, partindo em direção a nossa casa no interior.

Eu não pensei bem, simplesmente, troquei de roupa e fiz com que um dos nossos motoristas me levasse pra lá. Eu cheguei algumas horas depois dele.

A princípio, estranhei o fato de nenhum dos carros dos amigos de Frederico estar estacionado ali, mas ignorei esse fato, pois existiam milhões de explicações para isso. Eles poderiam ter combinado de chegar depois ou, simplesmente, o meu marido havia desmarcado o encontro, optando por descansar a mente, passando um período de tempo sozinho depois da briga que tivemos.

Sim, eu gostava de me enganar, encontrando desculpas idiotas para as

perguntas sem respostas ou, simplesmente, arrumando respostas alternativas para as que eu já possuía. Eu costumava fazer isso inconscientemente.

Mas, como deveria ter imaginado — pois praga de mãe é mais forte que macumba —, Frederico estava mesmo colocando-me chifres, uns tão grandes ao ponto de me fazer andar curvada.

Provavelmente, essa era a causa das minhas dores nas costas.

Maldito!

Quando adentrei a casa, o encontrei na sala, completamente despido, dividindo o sofá — que costumávamos usar juntos — com a pessoa que se dizia ser a minha amiga, a melhor delas, mais especificamente.

Enquanto eu encarava-os, podia sentir as várias facadas perfurando as minhas costas, Bia e Frederico nem mesmo me deram uma chance de se defender de seu ataque covarde.

Naquela fração de segundos, eu não queria gritar, gastando a minha voz com aqueles dois, não valia a pena, eles não mereciam. Eu queria ter soado de uma maneira elegante — algo que a mãe dele sempre me acusava de não possuir —, eu queria parecer, de alguma maneira, completamente superior a aqueles dois safados.

Mas, infelizmente, eu não consegui.

Em vez de tudo isso, eu gritei com eles, acabei puxando o cabelo dela, quebrei algumas unhas e deixei um olho roxo na cara daquela falsa.

O meu sangue era quente demais para ignorar.

Se existia uma única regra entre amigas, com toda a certeza, era a de não pegar o homem da outra. Isso era quase uma lei da natureza, não se deve roubar a casa de quem te dá abrigo. Mas Beatriz nunca foi uma mulher inteligente.

Eu já não sabia o que me deixara mais surpresa; o homem que eu amava com outra mulher ou a minha melhor amiga dormindo com o meu marido. Talvez não houvesse diferença, provavelmente me machucaram em uma intensidade parecia, pois eu não conseguia distinguir, só sentia a dor do golpe.

E eu continuei sentindo, por mais dois anos.

Se eu me separei de Frederico após descobrir aquela traição? Não, eu continuei casada com ele, fingindo que o nosso casamento era algo mais que uma grande fachada.

Eu não poderia chutar o balde, a situação era um pouco mais

complicada. E, por mais que não tivéssemos filhos, eu não teria como me manter sem o dinheiro dele.

Tudo o que eu tinha era a minha mãe, que também vivia da fortuna do meu marido.

“Greice Rafaela da Silva Brandão, eu te criei para ser uma dama. E uma dama você se tornou. Não jogue tudo fora por causa de um filho de uma puta”, dissera a minha mãe, quando confirmei as suas suspeitas.

E, desta vez, eu segui o seu conselho sem questionar.

Por eu não ter dinheiro, a família dele só concordou com o nosso casamento se ele ocorresse com separação total de bens. E, naquela época, eu não me importei, pois vivia na ilusão de que nós dois ficaríamos casados para sempre, que nunca deixaríamos de nos amar.

Eu nunca me importei com o dinheiro dele, só me casei com Frederico porque estava verdadeiramente apaixonada. Naquele tempo, eu acreditava que dinheiro não era a melhor coisa do mundo, que somente o amor verdadeiro poderia trazer a felicidade para a vida de uma pessoa.

Eu só não imaginava que essa felicidade possuía um prazo de validade tão curto.

Sem saber, eu, literalmente, assinei o meu péssimo destino, condenando-me a uma vida miserável ao lado de alguém ainda mais miserável.

E quanto a minha querida amiga, ela continuou como estava, solteira e completamente rodada. As amantes nunca aprendiam a lição. Por mais que um homem jurasse lealdade a você, por mais que ele pronunciasse mil vezes o “eu te amo”, jamais iria se separar da atual mulher para te assumir perante a sociedade. Para eles, existe uma grande diferença entre a mulher com quem se dorme escondido e aquela com quem acorda pela manhã.

E, mais uma vez, a minha mãe não estava errada.

Depois de tudo o que aconteceu com Beatriz, Frederico me pediu perdão, prometendo não me trair novamente, jurando que faria o impossível para consertar a nossa relação, para se redimir comigo.

Tudo isso, acompanhado de um belo colar de diamantes, claro — o melhor presente possível para um pedido de desculpas.

Eu o perdoei, afinal, as pessoas podiam mudar, não é? Todos deviam ter direito a uma segunda chance.

E, realmente, o meu marido mudou, mas só por exatos três meses, até eu descobrir uma nova traição. Talvez ele nunca tivesse realmente deixado de me

trair.

Dessa vez, pelo menos, o cretino não usou a nossa casa de campo para transar com a vadia, deixando para fazer o seu trabalho sujo em um motel barato.

Eu só descobri sobre a traição porque a sua mais nova — ou velha — amante me enviou as fotos pelo Facebook, em uma tentativa patética de se vingar dele.

Como não sou boba — não depois de ter que aprender a cortar as galhadas em minha cabeça —, ajudei ela na vingança, vazando as fotos e envergonhando os dois, de uma só vez. Mas o infeliz do meu marido foi mais rápido do que eu e conseguiu remover todas as fotos da internet em um único dia, acabando com todo o meu plano vingativo.

A minha sorte foi que Frederico nunca descobriu que havia sido eu a vazá-las e não a sua amante revoltada. Pelo menos, o meu plano serviu para afastá-los de uma maneira definitiva.

Depois disso, Frederico se desculpou comigo novamente, jurando nunca mais me trair e, é claro, eu fingi acreditar nele, pois eu não tinha nenhuma outra opção além de aceitar continuar vivendo naquele ciclo eterno de traição.

Adquira o conto e complete a leitura: [clique aqui para comprar](#).

Anne Miller

“Anne Miller é, simplesmente, uma autora independente que começou a sua jornada na plataforma Wattpad. Como muitas outras, ela sempre sonhou em contar as suas histórias — com uma pegada bem quente — para o mundo e, finalmente, está tendo a chance de vivenciar esse sonho. Além do conto “Selvagem”, também tem o livro “Marido de Aluguel” — o seu primeiro livro — disponível na Amazon”.

Acompanhe-me nas redes sociais e fique por dentro de todas as novidades.

Wattpad: www.wattpad.com/iannemiller/

Facebook: www.facebook.com/annemillerautora/

Site: annemilller.blogspot.com.br/

Table of Contents

[Prólogo](#)

[Capítulo 01 — Incertezas](#)

[Capítulo 02 — Calor](#)

[Capítulo 03 — Expediente](#)

[Capítulo 04 — Molhada](#)

[Capítulo 05 — Café da Manhã](#)

[Capítulo 06 — Marido](#)

[Capítulo 07 — Casa de Jogos](#)

[Capítulo 08 — Band-Aid's](#)

[Capítulo 09 — Mudanças](#)

[Capítulo 10 — Chamado Inesperado](#)

[Capítulo 11 — Cat's Club](#)

[Capítulo 12 — Depois da Festa](#)

[Capítulo 13 — Ressaca](#)

[Capítulo 14 — Enigma](#)

[Capítulo 15 — Questionamentos](#)

[Capítulo 16 — Estrada](#)

[Capítulo 17 — Pôr-do-Sol](#)

[Capítulo 18 — Confissões](#)

[Capítulo 19 — De Volta Ao Motel](#)

[Capítulo 20 — Apaixonada Pelo Bilionário](#)

[Capítulo 21 — Demitida](#)

[Capítulo 22 — Frio](#)

[Capítulo 23 — Certezas](#)

[Epílogo](#)

[Conheça os Meus Outros Trabalhos](#)

[Anne Miller](#)